



Fevereiro 2021
Volume 15 \ Número 1

Boletim Regional





Fevereiro 2021
Volume 15 \ Número 1

Boletim Regional

ISSN 2175-9278
CNPJ 00.038.166/0001-05

Boletim Regional

Publicação trimestral do Banco Central do Brasil/Departamento Econômico.

Os textos, as tabelas e os gráficos são de responsabilidade dos seguintes componentes do **Departamento Econômico (Depec)** (*e-mail*: depec@bcb.gov.br):

Região Norte – Núcleo da Coordenação Regional do Norte e Sul no Pará (*e-mail*: pa.depec@bcb.gov.br);

Região Nordeste – Coordenação Regional do Nordeste (*e-mail*: pe.depec@bcb.gov.br),
Núcleo da Coordenação Regional do Nordeste na Bahia (*e-mail*: ba.depec@bcb.gov.br);
Núcleo da Coordenação Regional do Nordeste no Ceará (*e-mail*: ce.depec@bcb.gov.br),

Região Centro-Oeste – Núcleo da Coordenação Regional do Sudeste em Minas Gerais (*e-mail*: mg.depec@bcb.gov.br),

Região Sudeste – Coordenação Regional do Sudeste (*e-mail*: sp.depec@bcb.gov.br),
Núcleo da Coordenação Regional do Sudeste em Minas Gerais (*e-mail*: mg.depec@bcb.gov.br),
Núcleo da Coordenação Regional do Sudeste no Rio de Janeiro (*e-mail*: rj.depec@bcb.gov.br);

Região Sul – Coordenação Regional do Norte e Sul (*e-mail*: rs.depec@bcb.gov.br);
Núcleo da Coordenação Regional do Norte e Sul no Paraná (*e-mail*: pr.depec@bcb.gov.br).

Informações sobre o Boletim

Telefone: (61) 3414-1061

Fax: (61) 3414-2036

É permitida a reprodução das matérias, desde que mencionada a fonte: Boletim Regional do Banco Central do Brasil, v. 15, n. 1.

Convenções estatísticas

- ... dados desconhecidos.
- dados nulos ou indicação de que a rubrica assinalada é inexistente.
- 0** ou **0,0** menor que a metade do último algarismo, à direita, assinalado.
- * dados preliminares.

O hífen (-) entre anos (2004-2006) indica o total de anos, incluindo o primeiro e o último.

A barra (/) utilizada entre anos (2004/2006) indica a média anual dos anos assinalados, incluindo o primeiro e o último, ou, se especificado no texto, ano-safra ou ano-convênio.

Eventuais divergências entre dados e totais ou variações percentuais são provenientes de arredondamentos.

Não são citadas as fontes dos quadros e gráficos de autoria exclusiva do Banco Central do Brasil.

Atendimento ao Cidadão

Banco Central do Brasil

SBS – Quadra 3 – Bloco B – Edifício-Sede – 2º subsolo

70074-900 Brasília – DF

Telefone: 145 (custo de ligação local)

Internet: <<https://www.bcb.gov.br/acessoinformacao/faleconosco>>

Sumário

Apresentação	5
Sumário executivo	7
Região Norte	9
Região Nordeste	13
Bahia _____	17
Ceará _____	20
Pernambuco _____	23
Região Centro-Oeste	27
Região Sudeste	31
Minas Gerais _____	35
Rio de Janeiro _____	38
São Paulo _____	42
Região Sul	45
Paraná _____	50
Rio Grande do Sul _____	53
Inferências nacionais a partir dos indicadores regionais	57
Boxes	
Evolução do Índice de Atividade Econômica Regional em 2020 _____	63
Comparação de indicadores de atividade econômica de alta frequência do Amazonas _____	66
Covid-19, políticas de combate à crise e a recuperação desigual do emprego formal _____	70
Dinâmica das exportações regionais em 2020 _____	75
Concentração das exportações brasileiras por país de destino: Uma abordagem regional _____	77
Apêndice	83

Apresentação

O “Boletim Regional do Banco Central do Brasil” é uma publicação trimestral do Banco Central do Brasil que apresenta as condições da economia por regiões e por alguns estados do país. Sob o enfoque regional, enfatiza-se a evolução de indicadores que repercutem as decisões de política monetária – produção, vendas, emprego, preços, comércio exterior, entre outros. Nesse contexto, a publicação contribui para a avaliação do impacto das políticas da Autoridade Monetária sobre os diferentes entes da Federação, à luz das características econômicas locais e das gestões políticas regionais.

As análises e informações do “Boletim Regional” buscam oferecer à sociedade – em particular, a gestores de política econômica nas esferas subnacionais, pesquisadores e integrantes do meio acadêmico, empresários, investidores, e profissionais de imprensa – elementos que contribuam para identificar a forma e, especialmente, a magnitude de repercussão, no âmbito regional, das políticas implementadas. Ao mesmo tempo, a publicação contribui para dar à sociedade conhecimento dos critérios analíticos da Instituição.

O “Boletim Regional” analisa as economias das regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul e dos estados da Bahia, Ceará, Pernambuco, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul. A disponibilidade de estatísticas econômicas, bem como a distribuição geográfica das representações do Banco Central, influenciou a escolha dos estados. Assim, para as regiões que possuem apenas uma representação institucional – Norte e Centro-Oeste –, optou-se pela análise agregada regionalmente. Para as regiões em que existem mais de uma representação, são apresentadas, além da análise regional, as análises para os estados nos quais se encontram as representações.

Homogeneidade, abrangência e regularidade foram os principais critérios de escolha das estatísticas e das fontes. Dessa forma, em sua maior parte, os dados têm como origem os órgãos e os institutos

de âmbito nacional, destacadamente o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e os entes da administração direta. Em alguns casos, foram utilizadas, complementarmente, informações de entidades regionais. Dados sem tratamento das fontes foram dessazonalizados pelo Departamento Econômico do Banco Central do Brasil (Depec).

Sumário executivo

A evolução recente dos indicadores de atividade corrobora o cenário de continuidade da recuperação da economia brasileira, após os fortes impactos da pandemia da Covid-19. Informações referentes ao último trimestre evidenciam expansão, apesar da redução parcial dos programas governamentais de recomposição de renda. Os dados, no entanto, não contemplam os possíveis impactos negativos do recente aumento no número de casos da Covid-19. Nesse sentido, a incerteza sobre o ritmo de crescimento da economia permanece acima da usual, sobretudo para o primeiro trimestre deste ano, concomitantemente ao esperado arrefecimento dos efeitos dos benefícios emergenciais.

A atividade no Norte, apesar do menor crescimento no quarto trimestre, apresentou desempenho superior às demais regiões no ano. Na margem, a acomodação da economia refletiu, especialmente, a retração das vendas do comércio varejista, em ambiente de queda da renda, com redução dos benefícios emergenciais e aumento dos preços acima do esperado. A continuidade do processo de retomada, no curto prazo, dependerá, fundamentalmente, dos efeitos da pandemia, que apresentou recrudescimento no início do ano no Norte. No médio prazo, a região tende a ser beneficiada pela recuperação dos preços das *commodities* metálicas, importante segmento da economia local.

No Nordeste, o crescimento da economia no quarto trimestre foi favorecido pela recuperação da mobilidade e pela reabertura de atividades econômicas, o que permitiu ampliação expressiva nos serviços mercantis. Apesar da expansão no trimestre, a economia da região apresentou, comparativamente ao período pré-pandemia, a maior retração e foi a única a registrar recuo das vendas do comércio varejista em 2020, influenciada pela elevada ociosidade do mercado de trabalho. No curto prazo, houve aumento da incerteza quanto à continuidade da retomada, em cenário de aumento dos casos da Covid-19 e do fim dos benefícios emergenciais.

As variações trimestrais da atividade econômica ao longo do ano foram relativamente mais suaves no Centro-Oeste, refletindo as especificidades da sua estrutura produtiva. No quarto trimestre, o ritmo de atividade registrou aceleração, em sentido oposto ao desempenho das demais regiões. Esse movimento repercutiu o crescimento em serviços prestados a empresas e famílias, em ambiente de maior mobilidade. No ano, o desempenho relativamente positivo da economia foi favorecido pela safra recorde de grãos e pelas cotações das *commodities*, em especial de soja e carnes, que impulsionaram as vendas externas. Adicionalmente, o serviço de transportes, no modal rodoviário, fortemente correlacionado à atividade agrícola, também contribuiu para o resultado. Prospectivamente, os preços elevados das *commodities* agropecuárias tendem a beneficiar a atividade da região.

Em relação à atividade econômica do Sudeste, os indicadores recentes evidenciam manutenção do processo de recuperação no último trimestre, embora em ritmo mais moderado, conforme antecipado no Boletim Regional de outubro de 2020. Houve desaceleração na indústria, no comércio e no setor de serviços, causada pela base desfavorável de comparação, mas também pelos efeitos esperados da redução dos benefícios emergenciais. No ano, a estrutura produtiva mais diversificada permitiu que as atividades severamente impactadas pela crise tivessem seus resultados compensados, em parte, pela evolução favorável de outras.

No Sul, o conjunto de informações disponíveis sugere continuidade do processo de recuperação, que segue, a exemplo das demais economias, dependente da evolução na pandemia da Covid-19. Após forte expansão na maioria dos indicadores econômicos no terceiro trimestre, o quarto trimestre apresentou maior gradualismo na recomposição da atividade. Além disso, a redução dos programas de manutenção da renda e a ampliação da taxa de desemprego concorreram para arrefecer o processo de retomada. Essa trajetória pode ser impactada pela ampliação do número de casos da Covid-19, a partir do final de 2020, que reduziu a previsibilidade associada à evolução da pandemia e consequente aumento da incerteza sobre a atividade.

Região Norte

Gráfico 1.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Região Norte

Dados dessazonalizados
2019 = 100

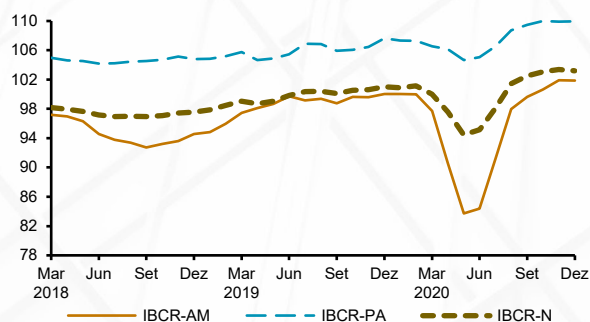
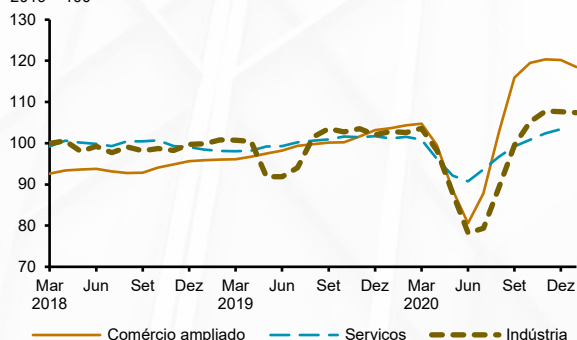


Gráfico 1.2 – Comércio, serviços e indústria – Norte

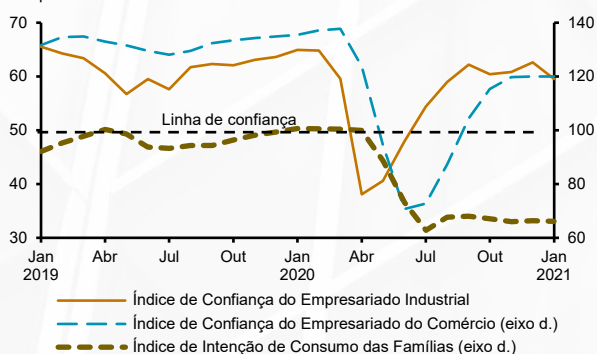
Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2019 = 100



Fonte: IBGE

Gráfico 1.3 – Confiança dos agentes – Norte

Em pontos



Fontes: CNI e CNC

Os principais indicadores econômicos confirmam a retomada da atividade econômica do Norte, após os impactos provocados pela pandemia da Covid-19. A recuperação na região ocorreu de forma mais intensa do que nas demais, alcançando patamar acima do observado no período pré-crise. Nesse cenário, o Índice de Atividade Econômica Regional – Região Norte (IBCR-N) expandiu 0,7% no quarto trimestre do ano, encerrando 2020 com crescimento de 0,4%. Em doze meses, a atividade econômica no Pará expandiu 1,7%, enquanto no Amazonas retraiu 2,8%.

Em relação aos indicadores de demanda, o volume de vendas do comércio ampliado recuou 0,8% no quarto trimestre, ante o forte crescimento registrado no período anterior (36,1%), de acordo com dados dessazonalizados da Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) do IBGE. No ano, apesar da pandemia, o Norte foi a única região a registrar aumento das vendas no conceito ampliado (6,9%). O ritmo foi favorecido pelo maior impacto das medidas do governo destinadas à recomposição da renda.

Informações mais tempestivas reforçam a perspectiva de recuperação do comércio varejista, principalmente em segmentos mais ligados a itens essenciais, como supermercados e em farmácias. As transações de bens e serviços efetuadas com cartão de débito registraram expansão nominal de 32,3% na média móvel de quatro semanas até 10 de fevereiro, em relação ao mesmo período de 2020, segundo dados da Câmara Interbancária de Pagamentos – Sistema de Liquidação de Cartões (CIP/SLC).

Sondagens relacionadas à confiança de consumidores e empresários mostram visões distintas dos agentes à medida que a atividade econômica na região se recupera. Enquanto o Índice de Confiança do Empresário do Comércio (Icec), divulgado pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), e o Índice de Confiança do Empresário Industrial (Icei), divulgado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), se aproximaram do patamar pré-pandemia, o Índice de

Intenção de Consumo das Famílias (ICF) se mostra estável em patamar baixo, revelando, possivelmente, incertezas quanto à evolução da renda pessoal nos próximos meses.

O setor de serviços manteve sua trajetória de expansão pós período mais crítico da pandemia. O indicador agregado da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), do IBGE, cresceu 4,3% no quarto trimestre, na série com ajuste sazonal. Não obstante, na análise em doze meses, o setor não conseguiu se recuperar totalmente, encerrando 2020 com recuo de 1,3% (7,8% Brasil).

Considerada a evolução da média móvel de quatro semanas até 10 de fevereiro das vendas com cartão de débito (CIP/SLC) relativas ao segmento de alojamento e alimentação, observou-se retração de 5,3% em relação ao mesmo período de 2020, em sintonia com a tendência de menor circulação de pessoas em estabelecimentos da região, como é possível observar nos dados de Mobilidade do Google¹, que recuaram 23% no setor de lazer e varejo não essencial até a segunda semana de fevereiro.

O mercado de trabalho regional também sofreu com o impacto da crise, mas em menor magnitude comparativamente às demais regiões, o que pode ser explicado, em parte, pelos programas governamentais de manutenção do emprego. No mercado formal, a economia do Norte gerou 30 mil postos no quarto trimestre, encerrando o ano com a geração líquida de 62,3 mil postos de trabalho (32,6 mil em 2019). Os setores que se destacaram na criação de vagas foram o comércio e serviços.

No mercado de crédito, o saldo total alcançou R\$171 bilhões em dezembro de 2020. Apesar de ser majoritariamente destinado às famílias, na avaliação trimestral sobressaíram as operações contratadas com empresas, principalmente para capital de giro, e créditos direcionados. Em 2020, foram essas operações que se destacaram, tendo em vista que incluem recursos de programas como o Programa Nacional de Apoio às Microempresas e Empresas de Pequeno Porte (Pronampe) e do Programa Emergencial de Acesso ao Crédito (PEAC). Os empréstimos consignados compuseram a principal modalidade de crédito às famílias e, juntamente com o crescimento do empréstimo não consignado e do cartão de crédito à vista, compensaram os recuos em outras modalidades (cheque especial e cartão

Tabela 1.1 – Evolução do emprego formal – Norte

Novos postos de trabalho

Discriminação	(em mil)			
	2019		2020 ^{1/}	
	IV Tri	Ano	IV Tri	Ano
Total	-4,3	32,6	30,0	62,3
Indústria de transformação	-3,2	4,6	1,2	8,8
Comércio	8,2	12,0	21,9	20,4
Serviços	-4,4	13,2	10,6	16,5
Construção civil	-4,2	0,3	-4,4	10,2
Agropecuária	-0,8	0,8	-0,4	2,6
Serviços ind. de utilidade pública	0,1	0,5	0,8	1,2
Outros ^{2/}	0,0	1,3	0,3	2,6

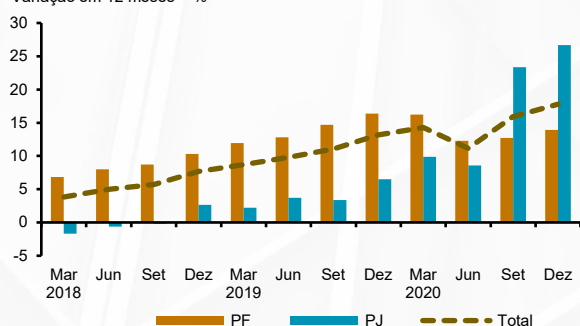
Fonte: Ministério da Economia

1/ Dados do Novo Caged sem ajuste para 2020.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outros.

Gráfico 1.4 – Evolução do saldo das operações de crédito – Norte^{1/}

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

1/ <https://www.google.com/covid19/mobility/>.

Tabela 1.2 – Produção agrícola – Norte

Itens selecionados

Discriminação	Pesos ^{1/}	Em mil toneladas		
		Produção ^{2/}	Variação %	
			2021	2020/2019
Grãos ^{3/}	41,7	10 759	12,1	-2,1
Soja	28,8	6 221	11,8	-2,5
Milho	7,8	3 238	15,8	-6,1
Arroz (em casca)	3,9	1 118	4,8	13,0
Outras lavouras				
Mandioca	15,5	6 627	-8,4	-1,1
Cacau	5,8	151	11,1	0,1
Banana	5,4	907	1,4	6,1

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2019.

2/ Estimativa segundo o LSPA de janeiro de 2021.

3/ Produtos: algodão herbáceo, amendoim, arroz, feijão, milho, soja e sorgo.

Tabela 1.3 – Produção industrial – Norte

Geral e setores selecionados

Setores	Pesos ^{1/}	Variação % no período		
		2020		
		Set ^{2/}	Dez ^{2/}	12 meses
Indústria geral	100,0	32,5	2,1	-2,1
Indústrias extrativas	38,3	13,8	-4,9	0,5
Indústrias de transformação	61,7	57,2	3,3	-5,6
Informát., eletrôn. e ópticos	12,9	63,1	0,9	3,7
Bebidas	10,4	80,3	16,8	-3,0
Outros equip. transporte	8,4	172,4	2,2	-14,3

Fonte: IBGE

1/ Ponderação de atividades no VTI, conforme a PIA 2010/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Tabela 1.4 – Comércio exterior – Norte

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões		
	2019	2020	Var. %
Exportações	21 439	24 682	15,1
Básicos	17 866	20 718	16,0
Industrializados ^{1/}	3 573	3 963	10,9
Importações	12 662	11 955	-5,6
Bens de capital	901	909	0,9
Bens intermediários	10 427	9 962	-4,5
Bens de consumo	515	365	-29,0
Combustíveis e lubrificantes	820	719	-12,3
Saldo comercial	8 776	12 726	45,0

Fonte: Ministério da Economia

1/ Inclui operações especiais.

de crédito financiado). Tanto no crédito pessoa física quanto jurídica, quer seja com recursos livres ou direcionados, houve forte redução da inadimplência, cuja média das carteiras passou de 3,6% em dezembro de 2019 para 2,3% em dezembro de 2020.

Quanto ao setor primário, o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) de dezembro, do IBGE, para a colheita de cereais, leguminosas e oleaginosas em 2020 estimou crescimento de 12,1%. Em termos de valor da produção agrícola, pelos dados do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, em 2020, houve aumento real de 24,2% (corrigidos pelo Índice Geral de Preços – Disponibilidade Interna – IGP-DI), com destaques para as elevações nas produções de soja (48,1%) e milho (44,9%). Do lado da pecuária, também houve expansão do valor produzido, destacando-se a bovinocultura, que cresceu 17,9%, em linha com o aumento da exportação do produto e da demanda interna.

A produção industrial da região anotou expansão no quarto trimestre, de acordo com os dados dessazonalizados da Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física (PIM-PF) do IBGE. Entretanto, a recuperação observada no segundo semestre não foi suficiente para que o setor crescesse no ano. Variações cambiais e escassez de insumos contribuíram para que a indústria encerrasse 2020 com retração, impactada pelo fraco desempenho da indústria de transformação, destacadamente no setor de duas rodas do polo industrial de Manaus, que recuou 14,3% no período. O Nível de Utilização da Capacidade Instalada (Nuci), segundo a Federação das Indústrias do Estado do Amazonas (Fieam), encerrou o ano em 68,7%, recuo de 14 p.p. em relação a dezembro de 2019, impactado principalmente pela ociosidade no setor de máquinas equipamentos.

O *superavit* da balança comercial aumentou em 2020, com alta nas exportações e queda nas importações. Houve aumento tanto no preço (8,4%) quanto no *quantum* (6,5%) dos produtos exportados. As vendas de produtos básicos (84% da pauta) foram beneficiadas pelo aumento no preço das *commodities* e pela depreciação cambial. As importações recuaram nas quantidades (-1,6%) e nos preços (-4,1%), repercutindo a menor atividade e a depreciação cambial. A China sobressaiu como o principal parceiro do Norte, adquirindo 52,5% e fornecendo 38,7% dos produtos comercializados.

Tabela 1.5 – Dívida líquida e necessidades de financiamento – Norte^{1/}

UF	R\$ milhões					
	Dezembro de 2019			Dezembro de 2020		
	Dívida	Fluxos 12 meses		Dívida ^{2/}	Fluxos 12 meses	
	Primário	Nominal ^{3/}		Primário	Nominal ^{3/}	
AC	3 190	-569	-402	3 011	-864	-693
AM	5 412	-47	208	4 137	-2 872	-2 645
AP	940	-392	-244	-2 866	-326	-306
PA	785	-114	21	1 058	-629	-538
RO	1 516	-954	-870	313	-1 045	-1 066
RR	-1 890	-972	-972	-3 382	-276	-321
TO	3 886	-1 048	-976	3 293	-1 009	-1 057
Total (A)	13 838	-4 094	-3 235	5 564	-7 022	-6 625
Brasil^{4/} (B)	908 220	-16 518	32 197	942 892	-35 724	1 731
(A/B) (%)	1,5	24,8	-10,0	0,6	19,7	-382,7

1/ Por UF, totalizando gov. estadual, capital e principais municípios. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Refere-se à soma de todas as regiões.

(+) déficit (-) superávit

Tabela 1.6 – IPCA – Norte^{1/}

Discriminação	Pesos ^{2/}	Var. %				
		2019	2020			
			Ano	III Tri	IV Tri	12 m
IPCA	100,0	5,35	1,73	3,28	4,79	
Livres	74,14	5,05	1,29	3,73	6,25	
Alimentação no domicílio	21,41	8,92	4,33	9,36	20,03	
Bens industrializados	26,51	2,20	0,88	1,46	1,73	
Serviços	26,23	4,07	-0,54	1,65	1,09	
Monitorados	25,86	6,35	3,00	2,02	0,83	
Principais itens						
Alimentação	26,88	7,65	3,36	7,64	16,14	
Habitação	15,19	4,39	2,46	3,84	3,45	
Artigos de residência	3,85	0,60	1,53	1,52	0,66	
Vestuário	6,22	1,61	-1,43	1,27	-1,03	
Transportes	18,38	4,57	3,10	2,38	0,49	
Saúde	12,90	6,23	1,17	0,29	0,44	
Despesas pessoais	8,01	6,01	-0,01	1,05	1,83	
Educação	3,41	5,46	-6,62	0,66	-0,96	
Comunicação	5,15	0,81	1,24	-0,31	1,36	

Fonte: IBGE

1/ Dados referentes à Região Metropolitana de Belém e ao município de Rio Branco.

2/ Referentes a dezembro de 2020.

No âmbito fiscal, os governos estaduais, das capitais e dos principais municípios do Norte apresentaram ampliação do *superavit* primário em 2020. A arrecadação do Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) na região atingiu R\$35,9 bilhões em 2020, crescimento de 9,8%, tendo como segmento de maior participação o de “Petróleo-Combustível-Lubrificante”. As transferências da União, excluindo os valores destinados ao Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb), alcançaram R\$27,1 bilhões nos doze meses de 2020, de acordo com a Secretaria do Tesouro Nacional (STN), registrando variação nominal de 4,6%, na comparação com 2019.

Os preços na região, considerado o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), aceleraram no quarto trimestre de 2020, comparativamente ao terceiro. Houve maiores pressões tanto no segmento de preços livres quando no de monitorados. Em doze meses, os preços encerraram 2020 com crescimento de 4,79%, ante 4,52% no país. Em janeiro o índice ficou estável; com contribuição da energia elétrica decorrente da revisão da bandeira tarifária de vermelha para amarela.

Em síntese, após a atividade econômica no Norte ter sido expressivamente impactada pelos efeitos da pandemia, a região apresentou resiliência ao longo de 2020, recuperando-se em ritmo maior que o observado nas demais regiões. Prospectivamente, a continuidade e sustentabilidade do processo de retomada da economia local dependerão fundamentalmente dos efeitos da pandemia. Adicionalmente, a região tende a ser beneficiada pelos aumentos recentes dos preços das *commodities*.

Gráfico 1.5 – IPCA – Norte

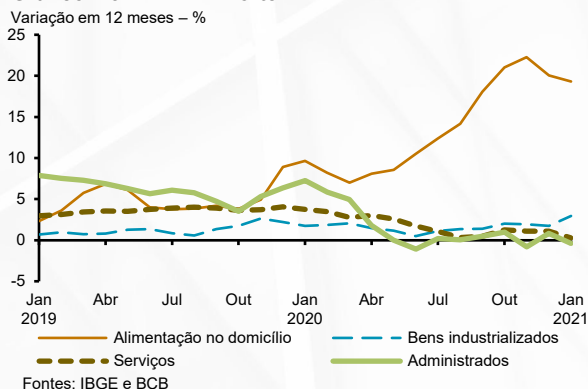


Gráfico 2.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Região Nordeste

Dados dessazonalizados

2019 = 100

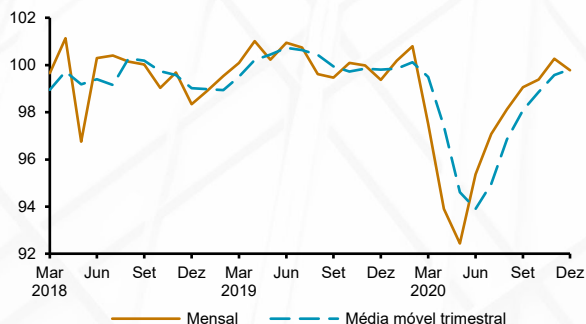
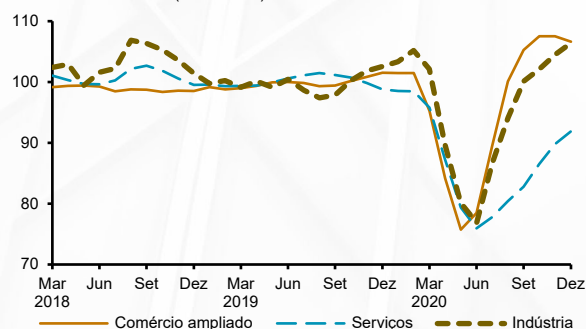


Gráfico 2.2 – Comércio, serviços e indústria

Dados dessazonalizados

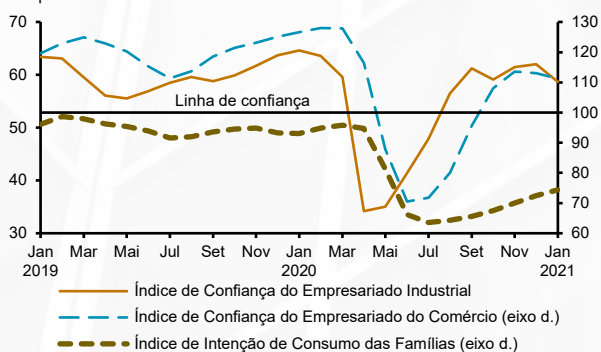
Média móvel trimestral (2019 = 100)



Fonte: IBGE

Gráfico 2.3 – Confiança dos agentes – Nordeste

Em pontos



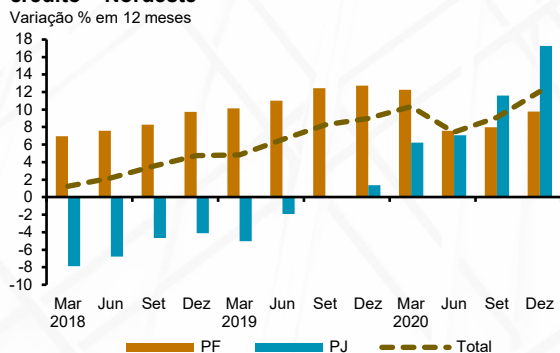
Fontes: CNI e CNC

Em linha com o aumento da mobilidade, os indicadores econômicos do último trimestre de 2020 mostraram a atividade nordestina mantendo a tendência de recuperação observada no trimestre anterior. Observou-se expansão dos serviços – embora ainda estejam substancialmente abaixo do nível pré-crise – e da indústria, em contexto de dinamismo do crédito. O comércio varejista apresentou relativa estabilidade, influenciado pela elevada ociosidade do mercado de trabalho e redução dos programas de manutenção da renda. Dados iniciais de janeiro sinalizam acomodação do nível de atividade, sugerindo cenário de incertezas quanto ao processo de recuperação econômica.

O IBCR-NE avançou 1,8% no quarto trimestre de 2020, em relação ao terceiro, com dados dessazonalizados, quando crescera 4,5% nesse tipo de comparação. O patamar encontra-se 0,7% abaixo do verificado no pré-pandemia (bimestre janeiro-fevereiro). No ano, o indicador recuou 2,1%, refletindo, sobretudo, o baixo desempenho dos serviços de maior interação social – como aqueles prestados às famílias, alojamento e alimentação e comércio – além da indústria extrativa e Serviços Industriais de Utilidade Pública (SIUP), contrabalançados em parte pela evolução positiva da intermediação financeira e da agricultura.

No que se refere aos indicadores de demanda, observou-se, no quarto trimestre, relativa estabilidade das vendas no comércio em relação ao trimestre anterior, em meio à redução do auxílio emergencial e não pagamento do décimo terceiro aos aposentados (havia sido pago antecipadamente). Informações mais tempestivas, de janeiro, mostraram decréscimo de 6,7% nos licenciamentos de automóveis e de comerciais leves em relação a dezembro, de acordo com dados da Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabreve), dessazonalizados pelo Banco Central. Em 2020, mesmo com a maior cobertura do auxílio emergencial, o comércio recuou 3,0% (a massa de rendimentos do trabalho recuou 6,2% na região nos nove primeiros meses do ano). A retração atingiu a maioria das atividades, exceto artigos farmacêuticos, hipermercados, supermercados e material de construção.

Gráfico 2.4 – Evolução do saldo das operações de crédito – Nordeste^{1/}



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

Tabela 2.1 – Evolução do crédito – Nordeste

Geral e modalidades selecionadas

Segmentos	Variação % no período				Estoque (R\$ bilhões)
	2019 Ano	2020 Set ^{1/}	Dez ^{1/}	12 meses	
Crédito total	9,0	4,3	6,1	12,1	516,0
Crédito total – rec. livres	17,1	2,8	6,8	11,1	303,8
Crédito total – rec. direc.	-1,0	5,2	5,2	13,5	212,2
Crédito PF – rec. livres	16,7	4,7	6,8	9,5	218,8
Crédito consignado	11,9	3,9	6,7	14,0	97,3
Financ. veículos	18,9	5,4	6,4	9,3	34,7
Créd. pessoal	20,1	-1,2	2,9	3,4	19,3
Outras operações	21,6	8,5	8,4	5,4	67,5
Crédito PF – rec. direc.	6,6	2,7	4,0	10,1	131,8
Financ. imobiliário	6,2	2,7	3,0	8,8	107,3
Outras operações	8,7	2,5	8,5	16,2	24,6
Crédito PJ – rec. livres	18,0	-1,6	6,9	15,3	85,0
Capital de giro	13,9	7,9	5,2	34,7	36,9
Financ. à exportação	0,5	-26,5	-8,8	-6,8	8,2
Títulos descontados	52,3	0,6	45,5	7,5	10,7
Outras operações	19,1	-2,4	4,1	5,8	29,2
Crédito PJ – rec. direc.	-12,2	13,7	7,2	19,4	80,4
Financ. rec. BNDES	-9,6	-1,3	-0,9	-3,4	47,1
Financ. imobiliário	-45,2	-6,5	-5,9	-24,3	2,5
Outras operações	-8,7	65,6	24,0	101,1	30,9

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3.

2/ Operações com saldo superior a R\$ 1 mil.

O volume de serviços não financeiros, medido pela PMS/IBGE, acelerou no quarto trimestre, com ênfase em serviços de informação e comunicação, que estavam bastante deprimidos, e turismo. Em 2020 houve redução de 13,3% nos serviços, com maior impacto em serviços prestados às famílias. Dados mais recentes, relativos às compras com cartão de débito, de acordo com a CIP/SLC (até 10 de fevereiro), utilizadas como *proxy* do comportamento do consumo, sugerem acomodação dos gastos dos consumidores.

O sentimento dos empresários do comércio segue otimista em janeiro de 2021, de acordo com o Icec, divulgado pela CNC. O ICF avançou na margem, mas permanece na região de pessimismo.

O emprego com carteira assinada expandiu no último trimestre, acompanhando a evolução da mobilidade das pessoas e recuperando o nível do início do ano, de acordo com dados dessazonalizados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged). Os 69,4 mil postos de trabalho gerados em 2020² (58,7 mil em 2019) resultaram de contratações líquidas em cinco unidades da federação (Maranhão, Ceará, Paraíba, Alagoas e Rio Grande do Norte). O total de trabalhadores em atividades de maior informalidade, e mais sensíveis ao distanciamento social, ainda se encontra distante do nível pré-crise (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD Contínua).

Em dezembro de 2020, o saldo de crédito contratado na região alcançou R\$516,0 bilhões, sendo 12,1% a mais que no ano anterior. Sobressaiu o crescimento dos empréstimos às pessoas jurídicas, 17,2%, nas modalidades capital de giro e outros créditos livres, refletindo os programas de apoio às micro, pequenas e médias empresas. No segmento de pessoas físicas, expansão de 9,8%, impulsionada por crédito consignado, financiamento de cartão de crédito à vista e outros créditos livres.

Em 2020, a produção de grãos no Nordeste atingiu 22,6 milhões de toneladas, de acordo com informações do LSPA do IBGE, alta de 17,7% em relação ao colhido no ano anterior. As altas de 38,0% na produção de milho e 10,3% na de soja foram acompanhadas por maiores exportações – em dólares, respectivamente 8,9% e 8,2% (soja e derivados). Para 2021 a expectativa é de estabilidade da safra de grãos, com crescimento da soja e retração em algodão, feijão e milho.

2/ O boxe “Covid-19, políticas de combate à crise e a recuperação desigual do emprego formal entre regiões” deste Boletim Regional apresenta um exercício de decomposição da variação do emprego, podendo-se destacar, para o Nordeste, a contribuição do auxílio emergencial.

Tabela 2.2 – Principais culturas exportadas – Nordeste
Em US\$ milhões

Produto	2018	2019	2020
Soja e derivados	3 647,5	2 744,6	2 970,6
Algodão	433,6	635,6	627,7
Frutas e processados	510,6	576,2	600,4
Milho	24,6	131,3	248,4
Café	51,0	87,6	83,4
Total	4 667,3	4 175,3	4 530,5
Participação nas exportações do NE (%)	24,9	24,7	28,1

Fonte: Ministério da Economia/Secex

Tabela 2.3 – Produção industrial – Nordeste
Geral e setores selecionados

Setores	Pesos ^{1/} 2020	Variação % no período		
		Set ^{2/}	Dez ^{2/}	Ano
Indústria geral	100,0	30,2	6,3	-2,9
Indústrias extrativas	9,0	3,6	-1,1	-11,6
Indústrias de transformação	91,0	27,8	6,6	-2,2
Produtos alimentícios	16,2	1,5	-5,1	4,5
Deriv. petróleo e biocombustíveis	15,8	5,9	-4,5	15,9
Outros produtos químicos	9,9	13,6	6,6	0,8
Artefatos couro e calçados	6,9	133,0	16,9	-15,0
Metalurgia	5,9	-1,4	12,1	-17,7
Prod. de minerais não-metálicos	5,6	30,3	-2,1	0,9

Fonte: IBGE

1/ Ponderação de atividades no VTI, conforme a PIA 2010/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

A atividade industrial nordestina cresceu 6,3% no trimestre encerrado em dezembro ante o anterior, segundo dados dessazonalizados da Pesquisa Industrial Mensal (PIM) do IBGE (dez dos quatorze ramos pesquisados expandiram). No ano, a indústria nordestina acumulou queda de 3,0% (Bahia e Ceará acompanharam esse comportamento, contrastando com o crescimento de Pernambuco). Dados mais recentes (até meados de fevereiro) de utilização de energia elétrica, disponibilizados pela Câmara de Comercialização de Energia Elétrica (CCEE), indicam crescimento da atividade industrial no comparativo interanual.

No início de 2021 a confiança dos empresários nordestinos manteve-se praticamente estável em relação ao último trimestre de 2020 (58,7 pontos, ante 59,1 pontos em outubro e 64,6 pontos em janeiro de 2020), indicando possível acomodação do nível de atividade no primeiro trimestre.

No âmbito fiscal, os governos estaduais, capitais e demais municípios do Nordeste apresentaram *superavit* primário de R\$4,7 bilhões em 2020. Quando apropriados juros por competência, o resultado nominal dos governos regionais do Nordeste alcançou *superavit* de R\$2,2 bilhões em 2020. A dívida pública dos governos dos estados e municípios da região totalizou R\$74,8 bilhões ao final de 2020, apresentando alta de 5,4% frente à registrada em dezembro de 2019.

A arrecadação do ICMS atingiu R\$88,0 bilhões em 2020, representando alta nominal de 0,4% ante 2019, segundo a Comissão Técnica Permanente do ICMS (Cotepe). As transferências da União, excluídos os valores destinados ao Fundeb, decresceram 4,3%, para R\$70,0 bilhões, de acordo com a STN, impactadas pela retração no nível de atividade econômica advindas da Covid-19.

No último trimestre do ano, o IPCA na região³ acelerou para 2,90% (ante 1,35% no encerrado em setembro). Sete dos nove grupos pesquisados registraram alta, sendo as maiores em alimentação e transporte. Os preços dos itens livres e os dos monitorados apresentaram inflação maior no período de comparação.

A inflação mais alta em 2020 (5,08% ante 4,12% em 2019) resultou principalmente da elevação dos preços dos alimentos e habitação.

3/ Calculado com base nas variações e pesos das regiões metropolitanas de Fortaleza, Recife e Salvador. A partir de maio de 2018 foram incluídas as variações dos municípios de Aracaju e São Luís.

Tabela 2.4 – IPCA – Nordeste

Discriminação	Variação %					
	Pesos ^{1/} 2020	I Tri	II Tri	III Tri	IV Tri	12 meses
IPCA	100,0	0,90	-0,13	1,35	2,90	5,08
Livres	74,5	1,22	0,48	1,02	2,89	5,70
Alimentação no domicílio	17,5	3,44	3,83	3,49	6,51	18,38
Bens industrializados	24,2	0,15	-0,79	1,11	1,87	2,34
Serviços	32,8	0,97	-0,19	-0,28	1,78	2,28
Monitorados	25,5	0,01	-1,87	2,33	2,92	3,35
Principais itens						
Alimentação e bebidas	21,6	2,83	3,27	2,93	5,23	15,02
Habitação	14,5	0,74	-0,17	2,59	3,51	6,79
Artigos de residência	4,1	-0,99	-0,50	2,77	2,70	3,97
Vestuário	5,4	-0,52	-2,74	-1,48	1,84	-2,93
Transportes	18,6	-0,81	-3,72	2,01	4,03	1,34
Saúde	14,9	0,32	0,06	0,45	0,95	1,79
Despesas pessoais	9,7	0,67	-0,21	0,06	0,73	1,26
Educação	6,4	4,81	0,02	-4,00	0,13	0,76
Comunicação	4,9	-0,06	0,89	2,19	0,81	3,87

Fonte: IBGE

1/ Referentes a dezembro de 2020.

Com o desempenho favorável do último trimestre, a atividade econômica nordestina encontra-se ligeiramente abaixo do nível pré-crise. A expectativa para o ano de 2021 é de crescimento, contudo, os primeiros meses devem refletir a redução de políticas públicas de combate aos efeitos da pandemia – notadamente o auxílio emergencial e o fim do período de estabilidade do Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e da Renda (Pemer) – e o aumento da incerteza quanto à evolução da pandemia, repercutindo no consumo das famílias.

2.1 Bahia

Gráfico 2.1.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Bahia

Dados dessazonalizados
2019 = 100

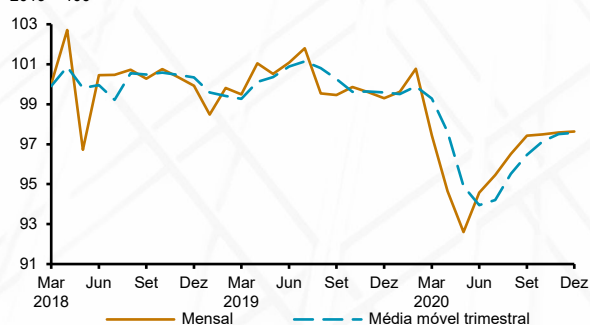
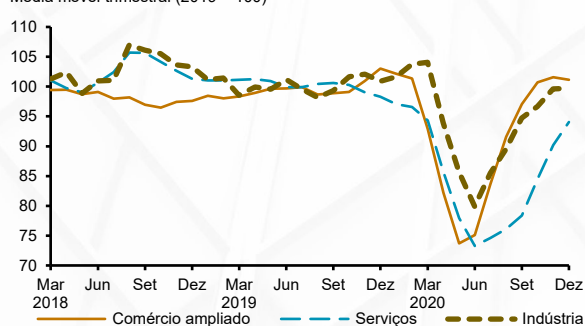


Gráfico 2.1.2 – Comércio, serviços e indústria – Bahia

Dados dessazonalizados
Média móvel trimestral (2019 = 100)



Fonte: IBGE

Tabela 2.1.1 – Comércio varejista – Bahia

Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	2020			Ano
	Jun ^{1/}	Set ^{1/}	Dez ^{1/}	
Comércio varejista	-16,8	28,2	2,1	-4,3
Combustíveis e lubrificantes	-19,8	24,1	8,9	-5,6
Híper, supermercados	1,3	-3,4	-6,7	-3,4
Tecidos, vestuário e calçados	-73,0	226,4	23,4	-28,8
Móveis e eletrodomésticos	-12,9	81,4	-5,5	14,5
Comércio ampliado	-19,1	29,2	4,2	-7,9
Automóveis e motocicletas	-38,3	48,2	19,2	-24,1
Material de construção	8,1	27,2	-16,8	9,6

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados em t e t-3. Dados dessazonalizados.

O nível de atividade econômica no terceiro trimestre, segundo dados da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), apresentou melhora em relação ao trimestre anterior, embora esteja 4,1% menor que no mesmo período de 2019. O setor de serviços foi o único a apresentar retração no trimestre em relação ao ano anterior, especialmente em transportes e outros serviços. O setor com maior velocidade de recuperação foi a indústria, impulsionada por eletricidade e água e construção civil.

No quarto trimestre, a atividade cresceu 1,1% em relação ao anterior, segundo o IBCR-BA. A recuperação não foi tão forte quanto no terceiro trimestre, repercutindo, principalmente, a desaceleração do comércio. Em relação aos dois primeiros meses do ano (período pré-pandemia), o quarto trimestre encontrava-se em nível 2,6% inferior.

O comércio varejista continua em recuperação, embora em ritmo menor que no terceiro trimestre. Os segmentos que mais contribuíram para o resultado positivo foram os de tecidos, vestuário e calçados e de veículos, motocicletas, partes e peças. No sentido oposto, as vendas de material de construção apresentaram queda, possivelmente impactadas pela redução do auxílio emergencial. Na comparação anual, apenas três setores apresentaram desempenho superior a 2019: móveis e eletrodomésticos, artigos farmacêuticos e material de construção.

O volume dos serviços não-financeiros prestados na Bahia, que já havia avançado 7,0% no terceiro trimestre, acelerou na passagem para o quarto trimestre, expandindo 20,0%, segundo dados dessazonalizados da PMS divulgada pelo IBGE. Na comparação de 2020 em relação ao ano anterior, o indicador recuou 14,8% (serviços prestados às famílias, -39,8%). Com relação à atividade turística, embora os dois últimos trimestres do ano tenham sinalizado recuperação, ainda não foi suficiente para recompor as perdas ocorridas no segundo trimestre.

O emprego formal, segundo dados do Caged dessazonalizados, apresentou crescimento no quarto trimestre em relação ao terceiro (2,4%), quando crescera 0,6%. Contudo, foram fechados cinco mil postos de trabalho no ano, com predominância de dois setores nesse resultado: atividades de atenção à saúde humana, do lado positivo, e alojamento e alimentação, com contribuição negativa.

Tabela 2.1.2 – Evolução do emprego formal – Bahia

Novos postos de trabalho

Discriminação	Dado mensal (em mil)			
	2019		2020 ^{1/}	
	IV Tri	Ano	IV Tri	Ano
Total	-8,0	22,2	29,3	-5,3
Indústria de transformação	-4,4	1,5	0,7	0,7
Comércio	6,6	4,4	17,2	1,4
Serviços	-1,3	4,9	15,8	-8,0
Construção civil	-3,7	10,6	0,8	-0,5
Agropecuária	-4,6	-0,8	-4,1	2,0
SIUP	0,3	0,8	0,1	0,2
Outros ^{2/}	-0,8	0,9	-1,1	-1,2

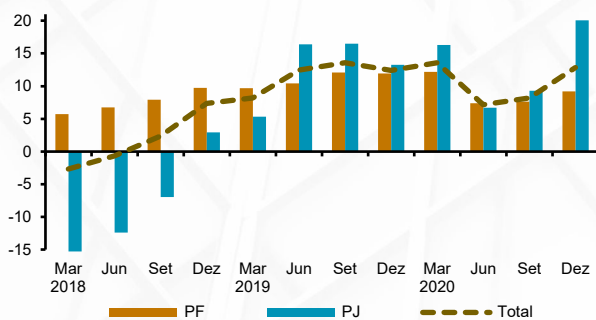
Fonte: Ministério da Economia/Novo Caged

1/ Dados do Novo Caged sem ajuste.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outros.

Gráfico 2.1.3 – Evolução do saldo das operações de crédito – Bahia^{1/}

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

Tabela 2.1.3 – Produção industrial – Bahia

Geral e setores selecionados

Setores	Pesos ^{1/} 2020	Variação % no período		
		Set ^{2/}	Dez ^{2/}	Ano
Indústria geral	100,0	18,5	5,3	-5,3
Indústrias extrativas	5,9	-1,5	1,1	-6,7
Indústrias de transformação	94,1	17,4	5,1	-5,2
Deriv. petróleo e biocomb.	28,5	4,2	-3,7	13,7
Outros produtos químicos	16,1	14,3	3,5	4,1
Veículos, reb. e carrocerias	10,7	718,3	23,0	-41,6
Metalurgia	8,2	-28,6	52,5	-30,4
Produtos alimentícios	8,1	9,5	-8,4	1,4
Celulose e prod. papel	7,4	-8,0	8,3	7,5

Fonte: IBGE

1/ Ponderação de atividades no VTI, conforme a PIA 2010/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados em t e t-3. Dados dessazonalizados.

O saldo das operações de crédito somou R\$141 bilhões em dezembro de 2020 (12,9% no ano). No segmento empresarial, a contratação de outros créditos direcionados, que inclui o Pronampe e o PEAC/Fundo Garantidor de Investimentos (FGI), apresentou crescimento expressivo. Entre as operações destinadas à pessoa física, sobressaíram o crédito consignado e os financiamentos imobiliários. Com a mudança no perfil das contratações em relação ao ano passado, na direção de operações de menor risco, a inadimplência global caiu.

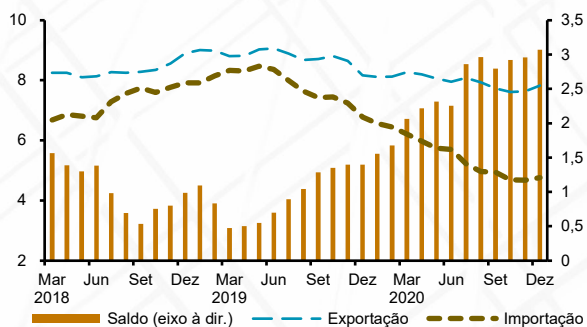
Do lado da oferta, a Bahia produziu 10 milhões de toneladas de cereais, oleaginosas e leguminosas em 2020, o que representou uma expansão de 21,5% na comparação com 2019 – o melhor resultado da série histórica do LSPA. Para 2021, estima-se retração de 2,1%, especialmente em algodão. Essa diminuição é fruto da retração do mercado, ocorrida durante a pandemia da Covid-19, que provocou a paralisação das vendas, além da erradicação de lavouras para o combate de pragas. A estimativa para a soja é de continuidade do crescimento em ambiente de demandas elevada e preços crescentes, embora haja alguma preocupação com uma possível escassez de chuvas.

A produção industrial da Bahia continuou em trajetória de recuperação no quarto trimestre, registrando crescimento em sete dos onze setores pesquisados na indústria de transformação, com destaque para metalurgia e fabricação de veículos. Note-se que, até dezembro, a produção automobilística ainda não foi afetada pelo fechamento das atividades de uma montadora de grande porte no estado, o que deve ocorrer ao longo deste ano, impactando negativamente nos resultados da indústria baiana.

O *supervit* da balança comercial em 2020 aumentou relativamente ao ano anterior, com maior retração das importações. As vendas externas recuaram, repercutindo variações de -132,3% nos preços e de 10,5% no *quantum*. A redução na atividade econômica interna e a desvalorização cambial impactaram no desempenho das importações, com retrações nos preços (-10,9%) e no quantum importado (-21,2%).

A inflação, medida pelo IPCA para a Região Metropolitana de Salvador (RMS), acelerou no último trimestre do ano. Tal comportamento refletiu aceleração nos preços livres, pressionados pelas altas nos itens de alimentação no domicílio e passagem aérea, e nos monitorados, com destaque para energia

Gráfico 2.1.4 – Balança comercial – Bahia
Acumulado 12 meses – Em US\$ bilhões



Fonte: Ministério da Economia/Secex

elétrica e gasolina. Em 2020, o aumento nos preços na RMS foi de 4,31%, marcado principalmente pela aceleração nos preços de itens de alimentação, situação que persiste em janeiro de 2021.

A continuidade do crescimento da atividade no quarto trimestre ocorreu com forte expansão dos serviços, que foram fortemente impactados pela pandemia. No curto prazo, além do ambiente de incerteza associado a evolução da pandemia, a indústria baiana deve ser afetada pelo fim da produção de um segmento importante.

Tabela 2.1.4 – IPCA – Salvador

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação %			
		2019	2020		Ano
		Ano	III Trí	IV Trí	Ano
IPCA	100,00	3,93	0,98	2,56	4,31
Livres	74,46	3,29	1,04	2,30	4,63
Alimentação no domicílio	16,66	5,92	4,16	4,56	17,57
Bens industrializados	22,47	1,01	0,95	1,89	1,08
Serviços	35,33	3,43	-0,26	1,53	1,66
Monitorados	25,54	5,95	0,81	3,31	3,40
Principais itens					
Alimentação	22,66	4,97	3,14	3,67	14,05
Habitação	13,93	4,22	2,85	3,46	7,52
Artigos de residência	4,09	-1,02	2,71	2,71	2,05
Vestuário	4,68	-0,57	-2,63	0,02	-8,25
Transportes	17,89	4,45	-0,36	5,75	0,25
Saúde	15,25	4,58	0,44	1,05	2,47
Despesas pessoais	10,61	4,58	-0,10	0,65	1,14
Educação	5,96	5,11	-2,85	-2,38	-0,49
Comunicação	4,94	0,79	2,35	0,94	4,40

Fonte: IBGE

1/ Referentes a dezembro de 2020.

2.2 Ceará

Gráfico 2.2.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Ceará

Dados dessazonalizados
2019 = 100

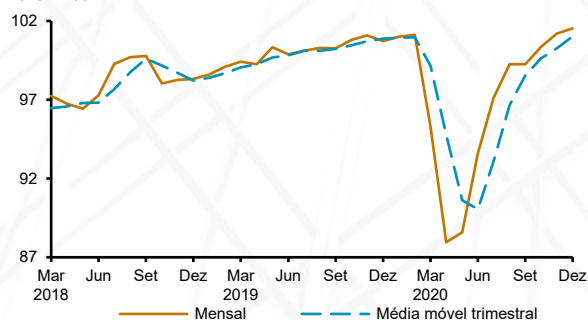
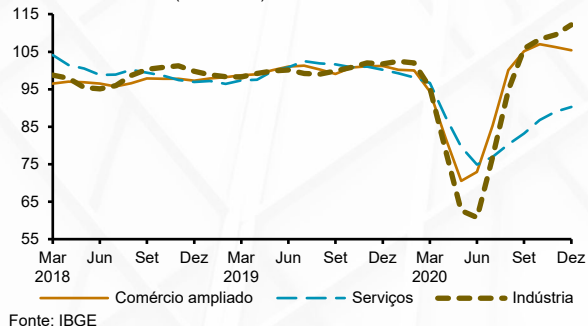


Gráfico 2.2.2 – Comércio, serviços e indústria – Ceará

Dados dessazonalizados
Média móvel trimestral (2019 = 100)



Fonte: IBGE

No primeiro bimestre de 2020, o estado do Ceará registrava crescimento gradual e moderado da atividade econômica: comércio favorecido pelo crescimento salarial em alta e melhor desempenho do crédito e indústria e serviços em recuperação. Com o cenário da pandemia da Covid-19, iniciado em março, a economia foi negativamente impactada no segundo trimestre. O segundo semestre foi marcado pela recuperação parcial e indicadores econômicos do início de 2021 apontam para acomodação da atividade. A redução dos programas de manutenção da renda e a ampliação da taxa de desemprego concorrem para arrefecer essa retomada.

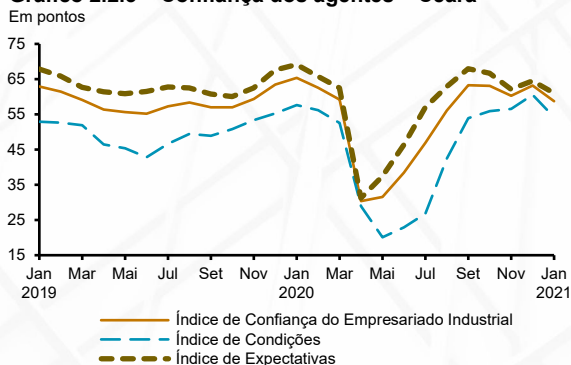
No terceiro trimestre de 2020, o Produto Interno Bruto (PIB) do Ceará cresceu 16,7% em relação ao trimestre anterior (favorecido pela base deprimida de comparação), conforme dados divulgados pelo Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (Ipece), impulsionado pela indústria e serviços. No ano, até setembro, acumula retração de 5,0%, com queda em todas as atividades, exceto agropecuária. Dados mais tempestivos do nível de atividade mostram continuidade da recuperação, com crescimento de 2,5% do IBCR-CE no quarto trimestre (9,4% no terceiro).

As vendas do comércio ampliado retraíram 5,0% em 2020, de acordo com dados da PMC divulgados pelo IBGE, com queda de 11,1% na comercialização de combustíveis e lubrificantes e de 6,6% na de veículos, motocicletas. Destaque para as altas nas vendas de material de construção (+5,8%) e de hipermercados, supermercados (+1,8%); enquanto o volume de prestação de serviços não financeiros, fortemente influenciado pelos efeitos da pandemia, registrou recuo de 13,6% no ano, de acordo com dados da PMS do IBGE, com destaque para o recuo de 41,0% nos serviços ligados às atividades turísticas.

O Índice de Confiança do Consumidor (ICC), divulgado pela Fecomércio-CE, esteve, no primeiro bimestre do ano, 6,7 p.p. inferior ao mesmo período de 2020; tendo a Expectativa Futura do Consumidor (IEF) se mantido em igual patamar, na comparação.

Segundo a PIM do IBGE, a produção cearense cresceu 6,0% no quarto trimestre comparativamente ao terceiro, patamar próximo ao verificado na região, 6,3%, na mesma base, dados dessazonalizados. Na comparação, apenas alimentos e minerais

Gráfico 2.2.3 – Confiança dos agentes – Ceará



Fonte: Fiec

Tabela 2.1 – Evolução do emprego formal – Ceará
Novos postos de trabalho

Discriminação	2019		2020 ^{1/}	
	IV Tri	Ano	IV Tri	Ano
Total	5,0	9,5	36,7	29,4
Indústria de transformação	-0,9	-1,9	8,5	7,1
Comércio	5,3	2,4	12,5	3,6
Serviços	2,3	10,8	14,6	12,3
Construção civil	-1,2	-2,9	0,8	6,0
Agropecuária	-0,6	0,5	0,3	0,6
Serviços ind. de utilidade pública	0,1	0,4	0,1	0,1
Outros ^{2/}	-0,1	0,3	-0,1	-0,4

Fonte: Ministério da Economia

1/ Dados do Novo Caged sem ajuste para 2020.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outros.

não metálicos registraram retração. Em 2020, a indústria cearense recuou 6,1%, com maiores quedas em vestuário, máquinas, aparelhos e materiais elétricos, produtos de metal e artigos de couro. Em contraposição, houve crescimento na fabricação de coque, de produtos derivados do petróleo, de biocombustíveis e de fabricação de produtos alimentícios.

A confiança dos empresários cearense, compilada pela Federação das Indústrias do Estado do Ceará (Fiec), recuou em janeiro de 2021, mas permanece em área de otimismo. O Índice de Confiança do Empresariado Industrial registrou 58,8 pontos, decrescendo 4,4 p.p. na comparação com dezembro e 6,6 p.p. relativamente a janeiro de 2020.

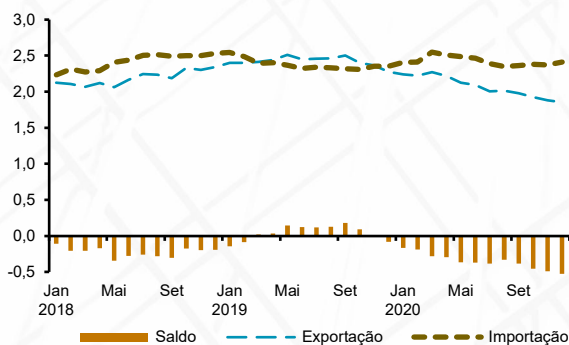
O mercado de crédito cearense, em 2020, registrou expansão significativa, com destaque para a demanda de pessoas jurídicas no contexto da pandemia, atendida, em grande parte, pelos programas emergenciais, com destaque para Pronampe e PEAC. Os empréstimos totais no estado aumentaram 13,5% no ano (7,6% em 2019). O saldo dos financiamentos às empresas cresceu 16,6% (variação de -1,2% no ano anterior), com destaque, além dos programas emergenciais no crédito direcionado, para arrendamento mercantil e capital de giro. Os empréstimos para as famílias cresceram 11,7% em 2020, abaixo dos 14,5% registrados no ano anterior, ressaltando-se o crescimento de outros créditos livres; e, em sentido contrário, o decréscimo no cheque especial.

Dados do Caged demonstraram a criação de 36,4 mil postos de trabalho formais no último trimestre de 2020, liderada pelo comércio, indústria de transformação, atividades administrativas e alojamento e alimentação. O índice do emprego formal, dados dessazonalizados, registrou alta 1,8% no período. O estado encerrou 2020 com saldo positivo de 29,4 mil empregos formais, advindos, principalmente, de atividades administrativas, indústria de transformação e construção civil.

No âmbito fiscal, a arrecadação de ICMS no estado se mostrou mais resiliente, com expansão nominal, enquanto os repasses federais mostraram recuo. O volume de ICMS atingiu, em 2020, R\$13,2 bilhões, alta nominal de 0,6% ante 2019, dados da Cotepe. As transferências da União, excluídos os valores destinados ao Fundeb, decresceram 4,1% totalizando R\$9,8 bilhões, de acordo com a Secretaria do Tesouro Nacional (STN).

Gráfico 2.2.4 – Balança comercial – Ceará

Acumulado em 12 meses – Em US\$ bilhões



Fonte: Ministério da Economia/Secex

Tabela 2.2.2 – IPCA – Fortaleza

Discriminação	Pesos ^{1/}	2020					Variação %
		I Tri	II Tri	III Tri	IV Tri	12 Meses	
IPCA	100,0	1,29	-0,30	1,55	3,12		5,76
Livres	74,3	1,75	0,50	1,12	3,29		6,81
Alimentação no domicílio	18,3	3,51	3,59	4,10	7,41		19,90
Bens industrializados	24,3	0,34	-0,59	1,56	1,49		2,82
Serviços	31,6	1,95	-0,24	-0,78	2,40		3,33
Monitorados	25,7	0,05	-2,54	2,79	2,65		2,89
Principais itens							
Alimentação	24,3	2,96	2,72	3,56	6,05		16,15
Habitação	16,4	1,01	-0,27	1,89	3,71		6,46
Artigos de residência	4,1	-0,11	-1,68	3,22	2,97		4,38
Vestuário	4,4	-0,46	-1,27	0,17	3,33		1,73
Transportes	18,3	-0,26	-4,10	3,27	2,26		1,02
Saúde	13,5	0,43	0,25	0,82	0,06		1,57
Despesas pessoais	8,2	1,20	-0,22	0,18	1,26		2,44
Educação	6,1	5,56	0,10	-7,83	3,75		1,04
Comunicação	4,7	0,48	0,16	1,96	0,91		3,54

Fonte: IBGE

1/ Relativos a dezembro de 2020.

A balança comercial do Ceará registrou *deficit* de US\$559,5 milhões em 2020 (US\$81,6 milhões em 2019), decorrente do aumento de 2,5% das importações e da redução de 18,5% das exportações, diferenciando do desempenho do país. A redução das exportações (queda de 6,1% no *quantum* e 13,2% nos preços), foram impactadas, principalmente, pelos menores embarques de couros e peles, 33,4%, ceras vegetais, 31,5%, produtos semimanufaturados de ferro e aços, 20,7%, e demais produtos semimanufaturados, 24,3%.

O IPCA da Região Metropolitana Fortaleza (RMF), no último trimestre de 2020, variou 3,12% (1,55% no terceiro), com aceleração nos preços livres, principalmente, passagem aérea, transporte por aplicativo, alimentação no domicílio e cursos regulares. Em contrapartida, os preços monitorados desaceleraram 0,15p.p., devido a menor reajuste em gasolina e queda em gás veicular.

Em 2020, a inflação da RMF, 5,76%, situou-se acima do registrado no país, resultado, principalmente, pela maior variação dos preços de alimentos, que possui peso relativo mais elevado no estado.

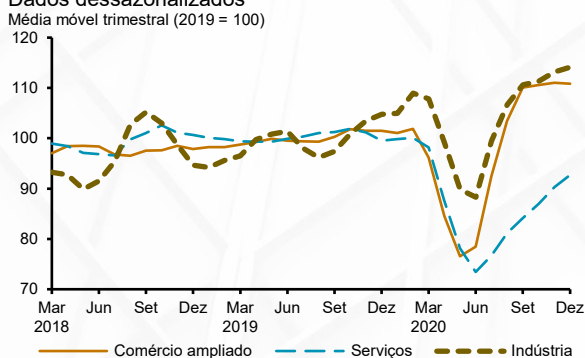
A atividade econômica no Ceará no final de 2020 manteve-se em recuperação, com retomada, principalmente, dos serviços e da indústria em ambiente de aumento da mobilidade. Para os próximos meses, o cenário é bastante incerto, em parte, pela pouca previsibilidade associada à evolução da pandemia e ao ajuste dos gastos públicos. Por outro lado, espera-se continuidade do crescimento da indústria, em linha com as expectativas em área de otimismo dos empresários e o baixo nível de estoques.

2.3 Pernambuco

Gráfico 2.3.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Pernambuco
Dados dessazonalizados



Gráfico 2.3.2 – Comércio, serviços e indústria – PE
Dados dessazonalizados



Fonte: IBGE

Tabela 2.3.1 – Produção industrial – Pernambuco
Geral e setores selecionados

Setores	Pesos ^{1/} 2020	Variação % no período		
		Set ^{2/}	Dez ^{2/}	Acum. 12 meses
Indústria geral ^{1/}	100,0	25,2	3,2	6,0
Produtos alimentícios	29,4	-3,9	0,3	9,7
Deriv. petróleo e biocombustíveis	10,9	11,9	-2,4	32,6
Outros produtos químicos	10,1	15,9	3,3	1,3
Bebidas	8,0	45,0	-9,2	6,5
Produtos minerais não-metálicos	6,8	46,7	-3,4	-1,7
Veículos	6,4	126,3	20,2	-16,3
Produtos de metal	5,7	17,2	5,0	4,4
Borracha e plástico	4,3	16,3	-2,6	11,5
Sabões, detergentes, etc	4,2	6,5	-7,7	6,4

Fonte: IBGE

1/ Inclusive veículos e deriv. petróleo, ponderados pelo VTI da PIA 2015 (IBGE).

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

4/ A PIM-PF do estado foi ajustada para incorporar os segmentos refino de petróleo e fabricação de automóveis, que ainda não fazem parte da pesquisa do IBGE em Pernambuco, a qual se baseia na estrutura produtiva de 2010, quando tais atividades ainda não existiam.

A atividade econômica pernambucana retornou, no final de 2020, ao nível pré-epidemia. O IBCR-PE expandiu 1,5% no último trimestre em relação ao anterior, com dados dessazonalizados, favorecido pelos serviços. A média anual do indicador ficou próxima da verificada em 2019, mas repercutiu evoluções desiguais dos setores. Após a eclosão da epidemia, observou-se recuperação acelerada da indústria de transformação, contrastando com evolução lenta dos serviços – mais tênue, inclusive, que a média nacional – e da construção civil. Essas diferenças tiveram reflexos no mercado de trabalho na medida em que atividades mais intensivas em mão de obra e contato social estão em estágio mais atrasado de normalização.

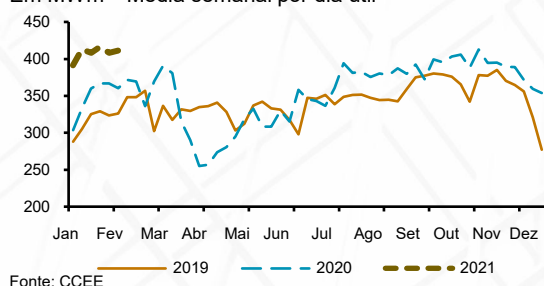
O crescimento de 10,2% dos serviços não financeiros no último trimestre de 2020 foi disseminado em todas as atividades, acompanhando o aumento da mobilidade. Destacaram-se o turismo e serviços prestados às famílias, que haviam sido os mais afetados pelo distanciamento social e, em particular, pela restrição no fluxo de viagens (PMS/IBGE). Na margem, os serviços em dezembro recuaram 1,6% frente a novembro, na série com ajuste sazonal, após seis meses consecutivos de alta. No ano de 2020, a queda de 12,4% no volume de atividade do setor foi mais acentuada que a média regional.

Conforme realçado em outras edições deste boletim, a indústria de transformação tem tido papel preponderante para o dinamismo da economia pernambucana. No quarto trimestre a expansão alcançou 3,2% em relação ao anterior com dados ajustados⁴ e dessazonalizados da PIM-PF do IBGE, alcançando o maior patamar da série, iniciada em 2002. No período, sobressaiu a fabricação de automóveis, 20,2%.

No ano, o crescimento da atividade industrial pernambucana alcançou 6,0%, com ênfase em setores beneficiados pela pandemia, em virtude da mudança de comportamento das famílias (alimentos, bebidas, embalagens plásticas e produtos de limpeza), aliados ao incremento da utilização da capacidade instalada da refinaria para a produção de diesel.

Gráfico 2.3.3 – Consumo de energia – Indústria de transformação – PE^{1/}

Em MWm – Média semanal por dia útil



Fonte: CCEE

Tabela 2.3.2 – Comércio – Pernambuco

Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período		
	2020		
	Set ^{1/}	Dez ^{1/}	12 meses
Comércio varejista restrito	30,3	-0,8	0,7
Combustíveis e lubrificantes	28,1	5,6	-3,9
Hiper e supermercados	-1,7	-3,0	3,4
Tecidos, vestuário e calçados	155,8	2,4	-17,5
Móveis e eletrodomésticos	10,6	-7,4	25,0
Comércio ampliado	40,2	0,7	-0,4
Automóveis e motocicletas	71,1	12,9	-4,4
Material de construção	43,9	-11,5	3,1

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

A expectativa do empresário industrial, aferida pela Federação das Indústrias do Estado de Pernambuco (Fiepe), se manteve na área de otimismo (acima de 50 pontos), atingindo, em janeiro, 59 pontos, relativamente estável desde agosto e ligeiramente abaixo dos níveis pré-pandemia. Adicionalmente, informações mais tempestivas reforçam o cenário de desempenho favorável da indústria no início de 2021, com o consumo de energia elétrica industrial, divulgado pela CCEE, acima dos níveis observados nos anos anteriores.

O comércio varejista foi mais impactado pela redução do auxílio emergencial e da base de comparação elevada pela reabertura ocorrida no trimestre anterior. As vendas no último trimestre do ano recuaram 0,8% ante o anterior, na série com ajuste sazonal, após a rápida expansão observada no trimestre precedente. No conceito ampliado, houve crescimento de 0,7% favorecido pela venda de automóveis. Na margem, as vendas com cartão de débito (CIP) até meados de fevereiro apontam para uma retração, refletindo, em parte, o fim do auxílio emergencial.

No ano, o volume comercializado pelo varejo restrito cresceu 0,7%, destacando-se móveis e eletrodomésticos, 25,0%, como consequência do maior tempo de permanência das famílias em suas residências e maior demanda por interação virtual.

Os indicadores de confiança do setor varejista na pesquisa divulgada pela Fecomércio seguiram em recuperação em janeiro, mas sem atingir o nível anterior à pandemia. O ICF em janeiro de 2021 situou-se 9,3 pontos acima do de julho e 22 pontos abaixo do medido em fevereiro. O Icec, pesquisa feita junto aos empresários, mostrou variações de 29,6 e -24,1 nas mesmas bases de comparação.

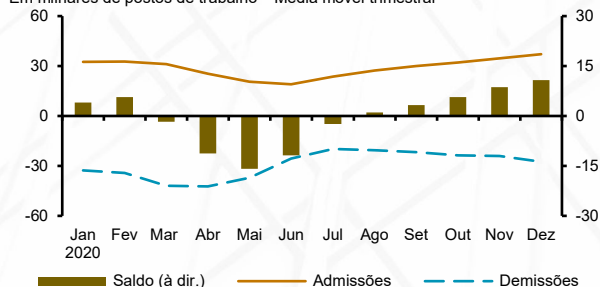
Na agricultura, após o crescimento de 12,5% na produção de cana-de-açúcar em 2020, a LSPA de janeiro projeta, para 2021, queda de 9,3%, decorrente de fatores climáticos. A previsão para a uva, segunda mais importante cultura do estado, é de crescimento de 15,3%, recuperando em parte a queda de 19,5% observada no ano anterior.

O mercado de trabalho formal manteve trajetória de melhora gradativa ao longo do segundo semestre. Com dados dessazonalizados do Caged, o índice de emprego formal expandiu-se 1,9% no último trimestre do ano em relação ao anterior – essa

Gráfico 2.3.4 – Emprego formal – PE

Dados dessazonalizados

Em milhares de postos de trabalho – Média móvel trimestral



Fonte: Ministério da Economia/Novo Caged

variação é a maior desde 2012. No ano, foram gerados 1,3 mil empregos, liderados pelo setor de saúde, 6,0 mil, enquanto atividades relacionadas ao turismo demitiram (7,3 mil em alojamento e alimentação).

Observe-se que o desempenho do mercado formal é distinto daquele dos trabalhadores sem carteira assinada e conta própria (correspondem a cerca de 54% dos ocupados no estado e 46% no país), mais atingidos pela crise e que se mantém em patamar deprimido, conforme se depreende dos dados da PNAD Contínua a nível nacional⁵.

Na esfera fiscal, o *superavit* primário dos governos do estado, capital e demais municípios de Pernambuco alcançou R\$1,7 bilhão em 2020, beneficiado pelo auxílio financeiro a estados e municípios. No período, os juros apropriados por competência totalizaram R\$426 milhões. A dívida pública dos governos do estado e municípios alcançou R\$14,6 bilhões em dezembro de 2020, o que representou um acréscimo de 15,2% frente a dezembro do ano anterior.

A arrecadação de ICMS do estado alcançou, em 2020, o valor de R\$ 17,7 bilhões, recuando 1,5% com relação a 2019 em termos nominais. No ano, as transferências da União, excluindo os valores destinados ao Fundeb, somaram R\$ 9,4 bilhões, conforme os dados divulgados pela STN, diminuindo 5,2% em relação a 2019.

Tabela 2.3.3 – IPCA – Recife

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação %			
		2019	2020		
		Ano	III Tri	IV Tri	12 meses
IPCA	100,0	3,71	1,65	2,80	5,68
Livres	74,6	3,13	1,08	2,70	5,98
Alimentação no domicílio	16,9	6,87	2,22	5,63	16,83
Bens industrializados	25,1	1,07	1,05	2,14	4,26
Serviços	32,5	2,49	0,55	1,64	2,30
Monitorados	25,4	5,55	3,32	3,11	4,82
Principais itens					
Alimentação	23,3	5,94	2,16	4,56	13,67
Habitação	14,1	2,05	2,44	4,17	7,82
Artigos de residência	4,2	-1,27	2,85	2,84	7,65
Vestuário	5,7	1,04	-1,15	3,31	1,41
Transportes	18,2	3,58	3,42	3,50	2,14
Saúde	14,7	5,38	0,00	0,93	1,94
Despesas pessoais	8,9	2,61	0,38	0,27	0,45
Educação	6,0	5,61	-0,08	0,11	3,87
Comunicação	4,8	0,05	2,36	1,09	4,55

Fonte: IBGE

1/ Referentes a dezembro de 2020.

O volume contratado de crédito totalizou R\$ 86,9 bilhões em 2020, com evoluções de 6,0% no trimestre e 9,8% no ano. No último trimestre destacou-se o desempenho no segmento de taxas livres às pessoas físicas, sobressaindo as operações consignadas. No que se refere ao crédito para empresas, houve aumento de 9,9% no ano e 6,5% no trimestre, destacaram-se no ano e no último trimestre a alta dos empréstimos ao comércio (34,3% e 15,9%, respectivamente) e aos serviços (52,9% e 12,5%, na ordem).

O IPCA da Região Metropolitana do Recife variou 2,80% no último trimestre de 2020, acelerando frente ao trimestre anterior, quando crescera 1,65%. O resultado refletiu o incremento na variação dos preços livres, de 1,08% para 2,70%, com ênfase em alimentação no domicílio. No ano, o IPCA fechou em 5,68%, acima da média da região (5,08%) e do país (4,52%). O índice de difusão avançou para

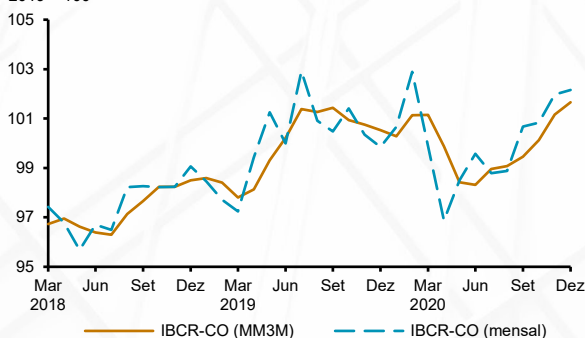
5/ A PNAD Contínua Trimestral com os dados regionais relativos ao quarto trimestre não estava disponível até a data de corte desse Boletim.

60,4% no último trimestre ante 52,1% no trimestre anterior.

Em síntese, o destaque do último trimestre foi o crescimento do setor de serviços, embora permaneça deprimido. Para 2021, o possível agravamento dos efeitos da Covid-19, conforme se observa em alguns estados, aumenta a incerteza. Dados iniciais sugerem o início do ano impactado pelo fim dos benefícios emergenciais.

Gráfico 3.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Centro-Oeste

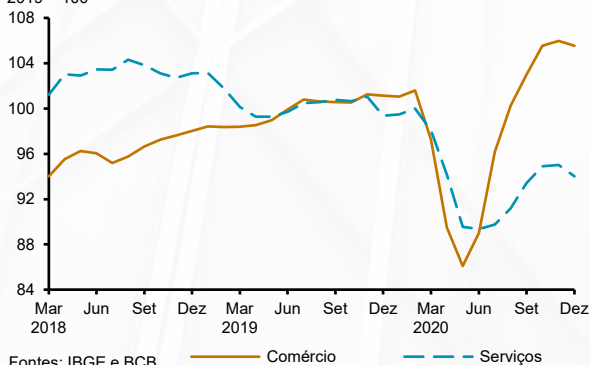
Dados dessazonalizados
2019 = 100



A atividade econômica no Centro-Oeste evoluiu positivamente no quarto trimestre de 2020, impulsionada pelo crescimento do comércio e do setor de serviços, em especial dos serviços às empresas e às famílias, sendo este o segmento mais afetado pela pandemia e que ainda não recuperou o nível de atividade registrado antes da queda. O IBCR da região registrou crescimento de 2,1% no período. No acumulado do ano, o indicador de atividade mostrou crescimento de 0,2%, favorecido pela safra recorde, que impulsionou a demanda de outros setores como a indústria de alimentos, o setor de transportes e o comércio. Adicionalmente, vale destacar a valorização da soja no mercado internacional, que proporciona cenário positivo para o desempenho da economia da região.

Gráfico 3.2 – Comércio e serviços – Centro-Oeste

Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2019 = 100



Fontes: IBGE e BCB

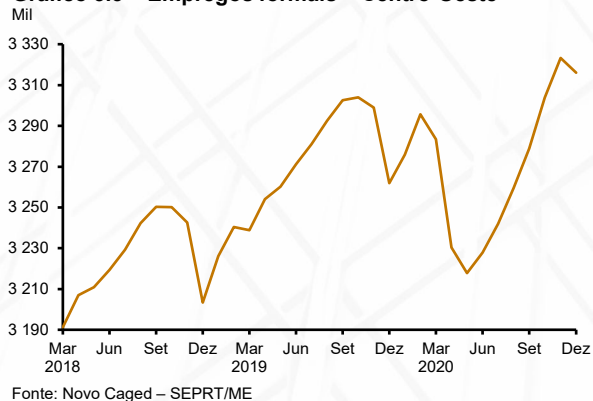
As vendas do comércio na região seguiram em trajetória de recuperação ao longo do ano, após a queda nos meses de março e abril, impulsionadas pelo auxílio emergencial e pela antecipação do décimo-terceiro dos aposentados. Em outubro, o comércio ampliado atingiu o maior volume de vendas desde março de 2015, mas elas recuaram em novembro e dezembro, impactadas pela redução no valor do auxílio e pela diminuição da massa salarial em dezembro, uma vez que o décimo terceiro de aposentados e pensionistas foi pago antecipadamente no primeiro semestre. Ainda assim, as vendas do comércio ampliado na região cresceram 2,5% no quarto trimestre, segundo a PMC/IBGE, ressaltando-se o desempenho dos setores de veículos e vestuário. No acumulado do ano, o comércio ampliado recuou 0,9%.

O setor de serviços apresenta recuperação mais lenta, dada a necessidade de maior interação social. O volume de serviços evoluiu em trajetória semelhante à do comércio, crescendo entre junho e outubro, com queda discreta nos últimos dois meses de 2020. No último trimestre, os serviços⁶ cresceram 0,6%, mas o resultado ainda ficou abaixo do trimestre pré-pandemia (dez/2019 a fev/2020). O setor encerrou o ano com queda de 6,2%, com os estados que

6/ Segundo dados agregados da PMS/IBGE.

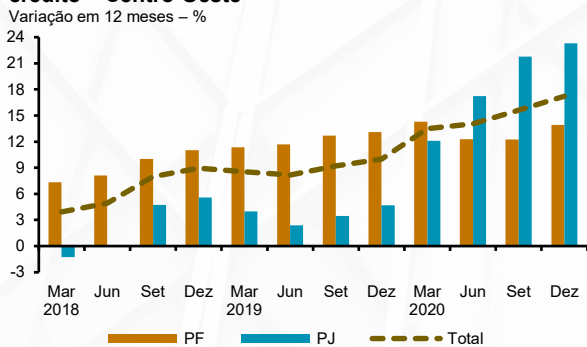
apresentam maior concentração em serviços às famílias, como Goiás e Distrito Federal, mostrando contrações mais acentuadas.

Gráfico 3.3 – Empregos formais – Centro-Oeste



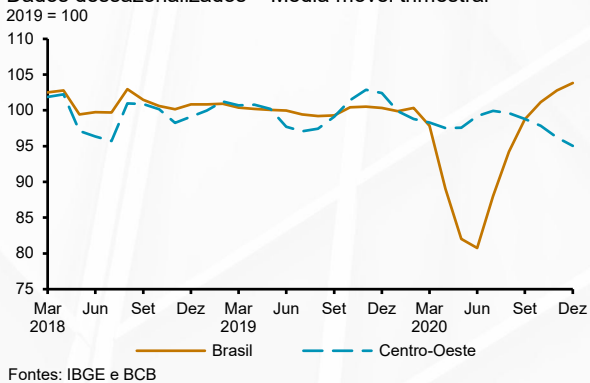
No mercado de trabalho formal, foram criados 54,2 mil novos postos em 2020, elevando a quantidade de trabalhadores com carteira assinada em 1,7%, para 3,3 milhões, conforme dados do Caged. A geração de empregos ocorreu nos estados com maior vocação agrícola (Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul), enquanto no Distrito Federal houve redução de postos de trabalho. Destacaram-se as contratações na indústria de transformação, 21,3 mil, principalmente em frigoríficos; no comércio, 18,6 mil; e na construção civil, 11,7 mil empregos. O setor de serviços registrou contração de 3,3 mil empregos, sendo que houve criação de vagas nas áreas de saúde, atividades profissionais, informação e comunicação e transporte, e queda nas atividades de serviços de alojamento e alimentação, educação, e lazer.

Gráfico 3.4 – Evolução do saldo das operações de crédito – Centro-Oeste^{1/}



Em 2020 houve expansão significativa do crédito na região, impulsionada pela demanda das empresas no contexto da pandemia, atendida, em parte, pelos programas emergenciais, com destaque para Pronampe e PEAC. O saldo dos financiamentos aumentou 17,2% no ano, ante variação de 10,0% em 2019. Os empréstimos às empresas cresceram 23,3%, contrastando com variação de 4,7% no ano anterior, com destaque para as linhas de capital de giro e financiamento à exportação, no crédito livre, e para os programas emergenciais, no crédito direcionado. Os empréstimos para as famílias cresceram 13,9% em 2020, acima dos 13,1% registrados no ano anterior, ressaltando-se as modalidades de crédito rural, financiamento imobiliário e crédito consignado.

Gráfico 3.5 – Produção industrial – Centro-Oeste



A produção industrial do Centro-Oeste contraiu 3,8% no quarto trimestre de 2020, segundo dados dessazonalizados da PIM-PF^{7/}, do IBGE. Esse resultado refletiu o impacto da queda nas indústrias de alimentos, principal segmento industrial da região. Por outro lado, os segmentos que registraram recuo acentuado nos meses de março e abril apresentaram forte crescimento, com destaque para os setores de produtos de metal e fabricação de veículos. No acumulado do ano, a produção industrial no Centro-Oeste apresentou retração moderada, contrastando com queda acentuada observada nas demais regiões, repercutindo, em parte, a elevada participação da indústria alimentícia, setor que não parou de produzir durante o período mais crítico da pandemia. A

7/ Agregação dos dados de Goiás e Mato Grosso, únicos estados da região abrangidos pela pesquisa do IBGE.

produção industrial do Centro-Oeste diminuiu 1,8% em 2020, sobressaindo, positivamente, as indústrias de alimentos, produtos químicos (farmacêutica) e metalurgia.

A confiança da indústria do Centro-Oeste se manteve na zona de otimismo ao longo do segundo semestre. O Icei atingiu 62,4 pontos em dezembro, com avaliações positivas tanto do componente relativo às condições atuais quanto das expectativas. Em janeiro, apesar da redução, manteve-se na área de otimismo (59,9 pontos).

O desempenho da agricultura foi importante para sustentar a atividade econômica na região. A safra 2020 atingiu recorde de produção, favorecida pelas lavouras de soja, milho e algodão. Para 2021 esperase contração de 1,1%, conforme levantamento do IBGE, refletindo condições climáticas mais adversas no início do ciclo da safra de verão. Na pecuária de corte, os abates de bovinos na região retraíram 9,0% no ano de 2020, na comparação com o ano de 2019, segundo dados do Serviço de Inspeção Federal (SIF)/ Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). As exportações de carne bovina expandiram 6,3% em peso nesse período, e 11,8% em valor. Os abates de suínos e de aves aumentaram 3,5% e 3,9%, na ordem, no mesmo período considerado acima.

O saldo da balança comercial alcançou *superavit* de US\$24,0 bilhões em 2020, com expansão das exportações, impulsionadas pelos embarques de soja, algodão em bruto, carne bovina, açúcar em bruto, farelo de soja e ferro-ligas, e redução das importações, influenciadas pela diminuição nas aquisições de gás natural, adubos e fertilizantes, máquinas e aparelhos agrícolas, partes e peças para veículos e tratores.

A inflação no Centro-Oeste⁸ registrou aceleração no quarto trimestre de 2020, passando de 1,86%, no terceiro, para 3,07%, pressionada pelos preços de alimentação em domicílio, 8,70% (carnes, arroz, óleo de soja, batata inglesa e tomate). O grupo de itens de preços administrados apresentou variação de 2,70%, impactado por aumentos em energia elétrica residencial, gasolina e gás de botijão, enquanto os bens industriais e serviços registraram acréscimos de 2,28% e 1,89%, respectivamente. O índice de difusão evoluiu de 56,2%, no terceiro trimestre, para 65,5%.

Tabela 3.1 – Produção agrícola – Centro-Oeste

Itens selecionados

Discriminação	Pesos ^{1/}	Produção ^{2/}	Em mil toneladas	
			Variação %	
			2021	2020
Grãos	84,7	120 459	9,2	-1,1
Soja	51,1	58 702	13,4	-0,5
Milho	20,4	56 161	5,8	-0,9
Algodão (caroço)	10,4	2 649	4,0	-16,5
Feijão	1,6	626	-8,1	0,2
Outras lavouras				
Cana-de-açúcar	11,3	139 483	5,8	-4,6

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2019.

2/ Estimativa segundo o LSPA de janeiro de 2021.

8/ Composto pela agregação dos indicadores de Brasília, Goiânia e Campo Grande.

Gráfico 3.6 – IPCA Centro-Oeste – Padrão sazonal

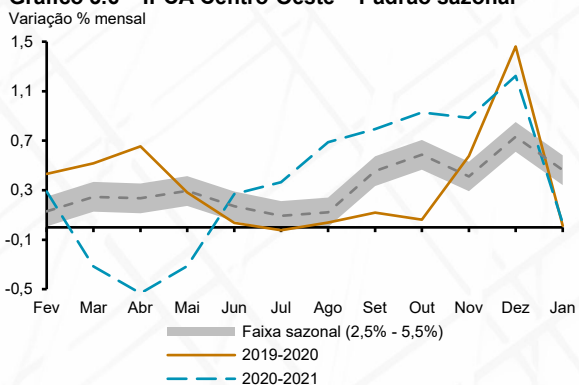
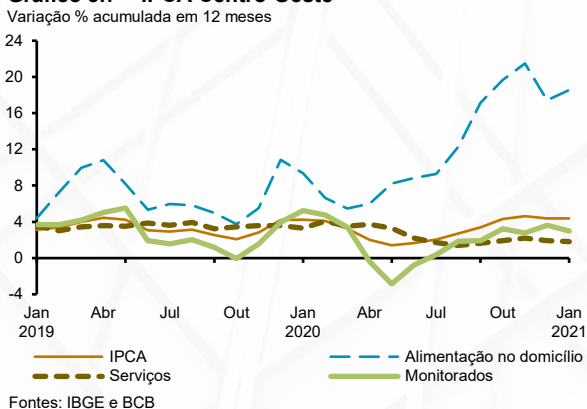


Gráfico 3.7 – IPCA Centro-Oeste



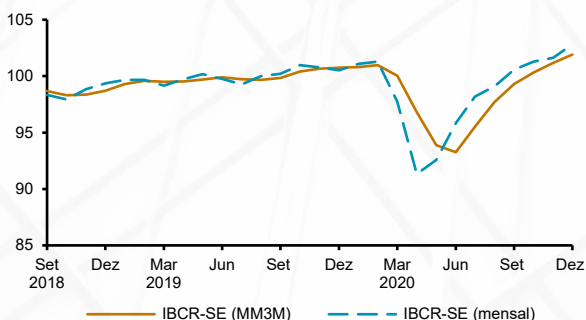
No acumulado do ano, o IPCA da região atingiu 4,36%, discretamente superior ao registrado em 2019 (4,20%). A alimentação em domicílio variou 17,43%, com impacto de 2,32 pontos percentuais no índice geral, caracterizando-se como a principal pressão inflacionária no ano. Os demais grupos apresentaram menores variações, ressaltando-se a variação dos preços de serviços, 1,92%, que se situou pela primeira vez nos últimos quatorze anos abaixo da variação de preços dos bens industriais (2,48%).

Em janeiro de 2021 o IPCA registrou inflação semelhante à observada no mesmo mês de 2020 (0,03% ante 0,01%), porém com variação diferente nos grupos. Houve maior pressão nos itens de alimentação em domicílio e bens industriais (0,72% e 0,04% ante -0,24% e -0,35%) e menor nos itens administrados (-0,12% ante 0,48%) e de serviços (-0,12% ante -0,01%).

A atividade econômica no Centro-Oeste registrou relativa estabilidade em 2020 sustentada pelo desempenho e participação do agronegócio na estrutura produtiva. As colheitas recordes de soja e milho contribuíram para gerar demanda em outros setores. Os preços internacionais das duas culturas seguem em patamares elevados no início de 2021 e, conjugados com a previsão de queda discreta na produção de grãos, trazem perspectiva favorável para a economia da região no ano.

Gráfico 4.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Região Sudeste

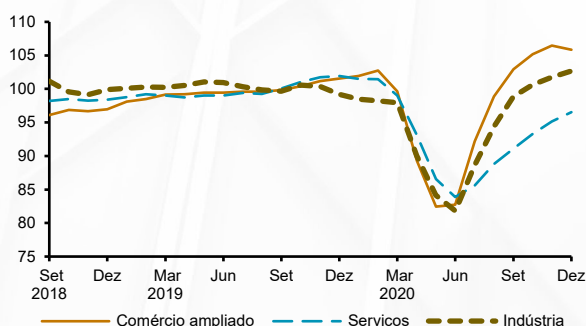
Dados dessazonalizados
2019 = 100



Os principais indicadores econômicos evidenciaram continuidade do processo de recuperação na atividade do Sudeste no último trimestre de 2020, embora em ritmo mais moderado. Houve desaceleração na indústria, no comércio e no setor de serviços, causada pela base desfavorável de comparação, mas também pela redução do valor do Auxílio Emergencial e pela possível alteração no padrão de compras natalinas. Nesse cenário, o IBCR-SE avançou 2,6% no quarto trimestre de 2020, em relação ao terceiro, quando crescera 6,5%, no mesmo tipo de comparação. No ano, o indicador recuou 1,3% relativamente a 2019, condicionado sobretudo pelo fraco desempenho dos serviços às famílias, principalmente de alojamento e alimentação, contrabalançado em parte pela evolução positiva da intermediação financeira.

Gráfico 4.2 – Comércio, serviços e indústria – Sudeste

Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2019 = 100

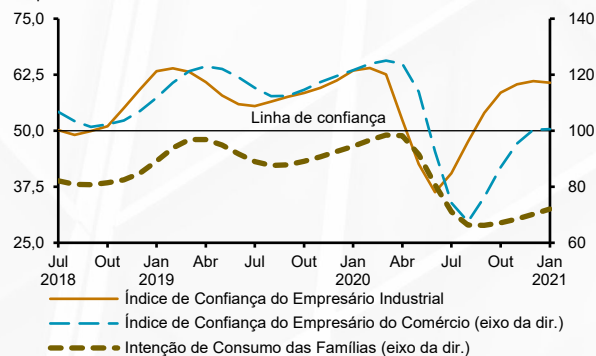


Fonte: IBGE

No âmbito da demanda, as vendas do comércio ampliado reduziram o ritmo de recuperação. No quarto trimestre, as vendas cresceram 2,8% em relação ao terceiro, quando aumentaram 24,4%, de acordo com dados dessazonalizados da PMC/IBGE. As vendas subiram em cinco dos dez segmentos pesquisados, com destaque para os segmentos de tecidos, vestuário e calçados, além de veículos, motocicletas, partes e peças. No ano, o comércio ampliado, refletindo a queda acentuada nas vendas de veículos, recuou 1,8% em relação a 2019. Na mesma base de comparação, o comércio varejista expandiu 1,7%.

Gráfico 4.3 – Confiança dos agentes – Sudeste

Em pontos – Média móvel trimestral



Fontes: CNC e CNI

Os indicadores de confiança relacionados ao consumo continuaram a evoluir favoravelmente no quarto trimestre frente ao anterior. A ICF melhorou em dezembro, em relação a setembro, mas ainda permanece em zona que sugere pessimismo nas avaliações, enquanto o Icec aumentou de 87,8 para 102,3. Entretanto, em janeiro, o Icec apresentou sua primeira queda, depois de seis meses de elevação, para 98,1, influenciada pelo fim do auxílio emergencial e pelo aumento do isolamento social.

O setor de serviços mostrou desempenho favorável no quarto trimestre, acompanhando o ambiente

Tabela 4.1 – Evolução do emprego formal – Sudeste

Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2019		2020		
	Dez	Mar	Jun	Set	Dez
Total	-88,6	-12,8	-659,7	267,0	365,9
Indústria	-67,1	32,4	-157,8	94,5	40,3
Comércio	86,4	-88,0	-175,5	61,0	167,1
Serviços	-44,6	11,9	-330,7	44,5	165,1
Construção civil	-19,9	17,9	-42,2	56,0	14,0
Agropecuária	-43,2	13,1	46,5	11,0	-20,8

Fonte: Caged

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outros.

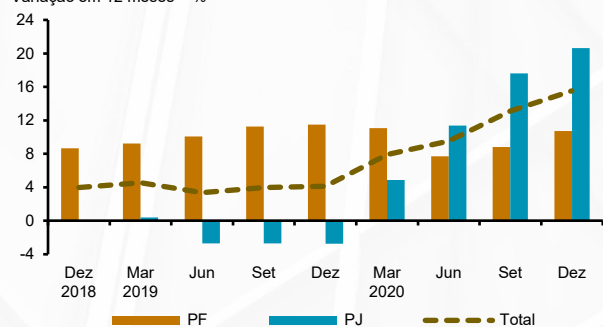
de maior mobilidade. O indicador de volume de serviços não financeiros avançou 6,0% em relação ao anterior, quando aumentara 8,6% no mesmo tipo de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PMS/IBGE. Mesmo com esses resultados positivos, o indicador recuou 7,2% em 2020, destacando-se a retração nos serviços prestados às famílias e profissionais, administrativos e complementares, fortemente impactados pelo maior isolamento social.

No mercado de trabalho, de acordo com o Caged, foram criados 365,9 mil postos de trabalho formais no quarto trimestre, ante eliminação de 88,6 mil no mesmo período de 2019. Os destaques foram os setores de comércio e de serviços, beneficiados pelas menores restrições à atividade econômica. Considerando serviços, o segmento atividades administrativas e serviços complementares gerou 96,9 mil vagas, enquanto alojamento e alimentação, 36,8 mil.

No acumulado no ano, foram eliminadas 39,7 mil vagas (criação de 282,7 mil vagas em 2019), especialmente em serviços (-109,2 mil) e comércio (-35,4 mil), setores fortemente atingidos pelas restrições econômicas causadas pela pandemia da Covid-19. O resultado de serviços foi influenciado pela demissão líquida de 146,2 mil trabalhadores de alojamento e alimentação, e parcialmente compensado pela contratação líquida de 65,0 mil pessoas em atividades de locação de mão-de-obra. Construção (+45,6 mil) e agropecuária (+49,8 mil) superaram os resultados apresentados em 2019, enquanto a indústria apresentou discreta variação em ambos os anos.

Gráfico 4.4 – Evolução do saldo das operações de crédito^{1/} – Sudeste

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

No mercado de crédito, o saldo dos empréstimos no Sudeste cresceu 4,9%, no último trimestre, e 15,5%, em 2020. A carteira destinada às famílias aumentou 5,6% no trimestre, condicionada por cartão de crédito à vista, financiamento imobiliário e crédito consignado. Em 2020, os empréstimos às pessoas físicas cresceram 10,7%, influenciados pelo financiamento imobiliário e crédito consignado. Por sua vez, o crédito às empresas aumentou 4,2% no último trimestre, sendo os serviços e o comércio as principais atividades tomadoras (em especial serviços financeiros, comércio de alimentos e atacadista), com destaque para o crédito direcionado, que inclui os auxílios de liquidez por parte do governo, e o desconto de títulos. Em 2020, o crédito para pessoas jurídicas cresceu 20,6%, em função do capital de giro e do crédito direcionado, demonstrando iniciativas privadas e governamentais às adequações de

liquidez, e atendeu principalmente a indústria de transformação, o comércio e os serviços (em especial indústria de alimentos e bebidas, comércio atacadista e serviços às empresas). A inadimplência no período foi reduzida em 0,7 p.p., atingindo 2,7% e 1,1% das operações com pessoas físicas e jurídicas, na ordem.

Do lado da oferta, o LSPA de dezembro, do IBGE, apontou expansão de 8,4% da safra de grãos em 2020, com destaque para a soja (24,2%). Também ocorreram aumentos das colheitas de café (25,9%), em período de bialidade positiva, e de cana-de-açúcar (3,5%). Para 2021, o LSPA de janeiro estimou variação de -0,7% na produção de grãos, condicionada pelo milho (-4,4%) e café (-29,3%).

Tabela 4.2 – Produção industrial – Sudeste

Geral e setores selecionados

Setores	Pesos ^{1/}	Variação % no período		
		2020		
		Set ^{2/}	Dez ^{2/}	12 meses
Indústria geral	100,0	20,8	3,9	-4,4
Indústrias extrativas	13,6	10,3	-9,6	0,8
Indústrias de transformação	86,4	24,0	5,9	-5,1
Veículos, reb. e carrocerias	12,8	194,2	26,8	-26,7
Produtos alimentícios	12,7	2,5	-10,6	7,1
Deriv. petróleo e biocombustíveis	12,0	12,4	0,0	0,2
Metalurgia	7,1	29,2	9,0	-6,9
Outros produtos químicos	5,8	10,1	-2,5	1,0

Fonte: IBGE

1/ Ponderação de atividades no VT1, conforme a PIA 2010/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

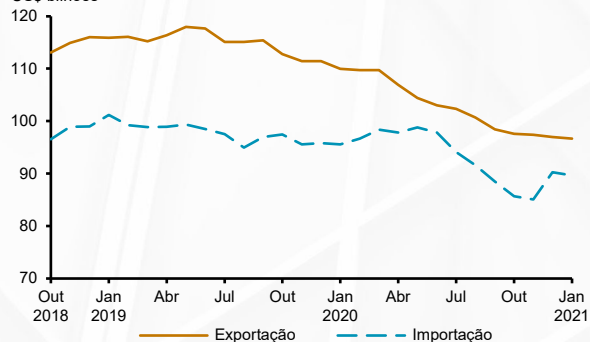
A indústria do Sudeste, segundo dados dessazonalizados da PIM-PF/IBGE, cresceu no quarto trimestre, em relação ao trimestre anterior, com alta na indústria de transformação e queda na extrativa. No acumulado do ano, a indústria recuou em relação a 2019, com retrações em doze dos 21 setores pesquisados, com destaque para outros equipamentos de transporte, confecção e artigos do vestuário, além de veículos automotores. Em sentido contrário, produtos de fumo e alimentícios apresentaram expansões significativas.

O Icei atingiu 61,0 pontos, na média do quarto trimestre, com estabilidade na avaliação interanual (50 pontos indicam neutralidade). Ao longo de 2020, o índice chegou a cair a 34,1 em abril. Em janeiro, o Icei apresentou leve recuo, mas se manteve em zona que denota otimismo dos empresários.

Gráfico 4.5 – Balança comercial – Sudeste

Acumulado em 12 meses

US\$ bilhões



Fonte: Ministério da Economia

O Sudeste foi a única região a registrar redução no saldo da balança comercial em 2020 (*superavit* de US\$6,7 bilhões ante US\$15,6 bilhões em 2019). Esse comportamento foi condicionado, sobretudo, pela retração de 13,0% das exportações, decorrente de variações de -10,0% nos preços e de -1,9% no *quantum*, com destaque para a queda de 18,2% em produtos industrializados (54,0% da pauta da região), principalmente, aviões, partes de motores e turbinas para aviação, além de máquinas e aparelhos para terraplanagem e perfuração. As importações recuaram 5,8%, com ênfase na contração das aquisições de bens intermediários, além de combustíveis e lubrificantes. Por outro lado, destaquem-se as maiores importações de bens de capital, notadamente plataformas de perfuração/exploração de petróleo (US\$4,4 bilhões, em 2019, e US\$10,0 bilhões, em 2020). Na comparação de janeiro

Tabela 4.3 – Dívida líquida e necessidades de financiamento – Sudeste^{1/}

UF	R\$ milhões					
	Dezembro de 2019			Dezembro de 2020		
	Dívida	Fluxos 12 meses		Dívida ^{2/}	Fluxos 12 meses	
		Primário Nominal ^{3/}			Primário Nominal ^{3/}	
ES	20	-321	-129	704	74	204
MG	130 289	522	8 684	141 127	-1 714	5 114
RJ	185 102	665	11 536	206 934	- 359	11 049
SP	342 909	-8 543	7 948	350 027	-10 914	-1 510
Total (A)	658 320	-7 677	28 039	698 792	-12 913	14 858
Brasil^{4/} (B)	908 220	-16 518	32 197	942 892	-35 724	1 731
(A/B) (%)	72,5	46,5	87,1	74,1	36,1	858,3

1/ Por UF, totalizando gov. estadual, capital e principais municípios. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Refere-se à soma de todas as regiões.

(+) déficit (-) superávit

Tabela 4.4 – IPCA – Sudeste

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação % no período			
		2019	2020		
		Ano	III Tri	IV Tri	Ano
IPCA	100,0	4,35	1,02	3,14	4,46
Livres	74,8	3,88	0,79	3,36	5,09
Alimentação no domicílio	14,2	7,85	4,38	8,48	18,26
Bens industrializados	21,7	1,83	1,00	2,99	3,74
Serviços	38,9	3,60	-0,51	1,79	1,66
Monitorados	25,2	5,64	1,68	2,49	2,65
Principais itens					
Alimentação	20,2	6,31	2,94	6,47	13,70
Habitação	16,4	4,44	1,62	3,30	5,04
Artigos de residência	3,6	-0,12	2,34	4,95	7,53
Vestuário	3,9	0,88	-1,21	1,77	-1,33
Transportes	19,4	3,57	1,47	4,21	0,98
Saúde	13,4	5,44	0,27	0,44	1,82
Despesas pessoais	10,9	4,39	-0,11	0,97	1,09
Educação	6,3	4,54	-3,49	0,63	1,51
Comunicação	6,0	1,23	1,36	1,05	3,74

Fonte: IBGE

1/ Referentes a dezembro de 2020.

de 2021 com igual mês de 2020, houve redução no *deficit* comercial.

No âmbito fiscal, a região ampliou o *superavit* primário em 2020, em comparação com 2019, repercutindo especialmente o desempenho de Minas Gerais e São Paulo. O *deficit* nominal recuou na mesma base de comparação, com destaque para São Paulo, que reverteu *deficit* de R\$7,9 bilhões para *superavit* de R\$1,5 bilhão, no período.

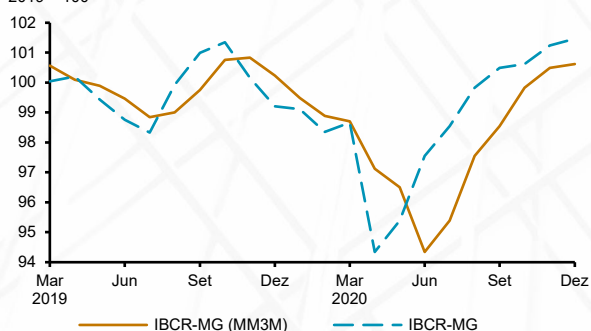
O IPCA variou 3,14% no quarto trimestre (1,02%, no terceiro), refletindo aceleração tanto nos preços livres como nos monitorados. Os aumentos de preços dos itens do grupo alimentação no domicílio continuaram pressionando a inflação no segmento livre, destacando-se as variações nos preços do arroz e óleo de soja, enquanto a alta na tarifa de energia elétrica residencial impactou o comportamento dos monitorados. O crescimento da demanda e do preço de *commodities* internacionais e seus reflexos sobre os preços internos de alimentos e combustíveis explicam em parte a alta recente da inflação e das projeções para os próximos meses.

Em 2020, o IPCA registrou alta de 4,46% (4,35%, em 2019). Houve aceleração dos preços livres, com destaque para a elevação dos preços da alimentação no domicílio e de materiais de construção, e desaceleração dos monitorados, favorecida pelo aumento menos acentuado do preço da gasolina. Em doze meses até janeiro, o IPCA da região manteve a alta de 4,46%, ainda pressionado por itens de alimentação no domicílio.

Em síntese, a análise dos recentes indicadores do Sudeste sugere sinais positivos compatíveis com a retomada gradual do nível de atividade econômica. A sustentação do processo de recuperação, no entanto, permanece dependente da evolução da pandemia da Covid-19, bem como da continuidade do processo de reformas estruturantes e ajustes macroeconômicos necessários na economia brasileira.

4.1 Minas Gerais

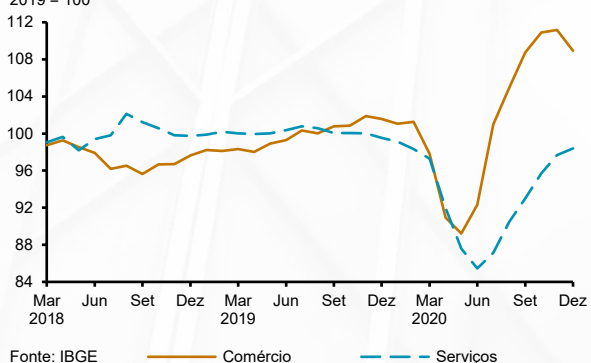
Gráfico 4.1.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Minas Gerais
Dados desazonalizados
2019 = 100



A atividade econômica reagiu no terceiro trimestre de 2020 à retração ocorrida no trimestre anterior. O PIB mineiro avançou 8,1% ante o segundo trimestre, quando recuara 9,8%, na série com ajuste sazonal da Fundação João Pinheiro. Em destaque o crescimento em todos os subsetores da indústria, notadamente a de transformação, que recuperou o nível do primeiro trimestre. Dados mais recentes de atividade econômica mostram que a retomada continuou no quarto trimestre de 2020. O IBCR-MG registrou crescimento de 1,5%, impulsionado pela indústria de transformação e pelos serviços às famílias, com recuperação parcial dos setores de alojamento e alimentação.

No ano, o nível de atividade medido pelo IBCR em Minas Gerais recuou 0,9% em relação a 2019, com destaques positivos para agricultura, comércio e setor imobiliário. Em sentido oposto, serviços às famílias registrou forte retração, refletindo o maior isolamento social.

Gráfico 4.1.2 – Comércio e serviços – Minas Gerais
Dados desazonalizados – Média móvel trimestral
2019 = 100



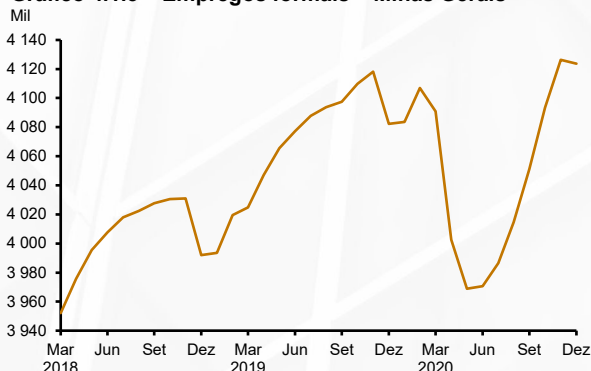
Fonte: IBGE

— Comércio — Serviços

Após a queda na atividade econômica nos meses de março e abril, o comércio recuperou-se nos meses seguintes, ultrapassando o nível pré-pandemia, enquanto o setor de serviços mostrou ritmo de recuperação menos intenso. As vendas no comércio ampliado apresentaram relativa estabilidade no quarto trimestre, com a redução no valor do auxílio, associado ao não pagamento do 13º aos aposentados, que havia sido antecipado. No ano, o segmento avançou 2,4%, ressaltando-se o crescimento de supermercados, artigos farmacêuticos, e artigos de uso pessoal e doméstico.

O setor de serviços segue em trajetória de recuperação, tendo registrado no quarto trimestre crescimento de 5,8% ante o trimestre anterior, segundo dados com ajuste sazonal da PMS, do IBGE. No acumulado do ano, o volume de serviços registrou queda de 6,1%, ressaltando-se a retração de 33,3% nos serviços prestados às famílias.

Gráfico 4.1.3 – Empregos formais – Minas Gerais

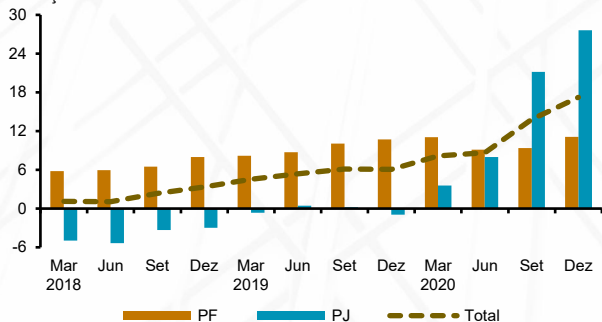


Fonte: Novo Caged – SEPRT/ME

O mercado de trabalho formal mineiro recuperou-se da queda no primeiro semestre e encerrou 2020 com criação de 41,4 mil novos postos de trabalho, segundo dados do Caged. Destacaram-se as contratações líquidas na construção civil e na indústria de transformação. No setor de serviços, houve relativa estabilidade no número de postos de trabalho, resultado da geração de 29,0 mil empregos

Gráfico 4.1.4 – Evolução do saldo das operações de crédito – Minas Gerais^{1/}

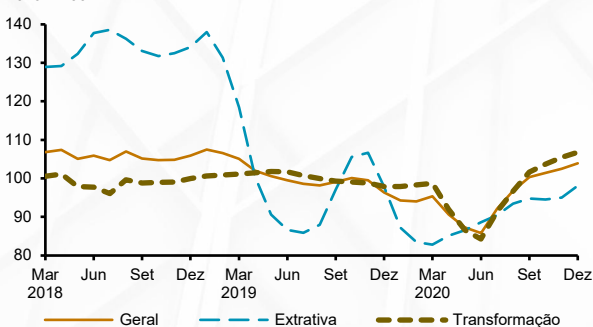
Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

Gráfico 4.1.5 – Produção industrial – Minas Gerais

Dados desazonalizados – Média móvel trimestral
2019 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 4.1.1 – Produção agrícola – Minas Gerais

Itens selecionados

Discriminação	Pesos ^{1/}	Em mil toneladas		
		Produção ^{2/}		Variação %
		2019	2020	
Grãos	38,5	14 450	15 728	8,9
Soja	18,4	5 166	6 205	20,1
Milho	12,8	7 522	7 681	2,1
Feijão	4,5	537	553	3,1
Outras lavouras				
Café	28,2	1 501	2 065	37,6
Cana-de-açúcar	16,2	74 322	78 384	5,5

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2019.

2/ Estimativa segundo o LSPA de janeiro de 2021.

nos segmentos de saúde e atividades profissionais, contrabalançando a eliminação nos serviços de alojamento e alimentação, educação, cultura, lazer, transporte e administração pública.

O mercado de crédito registrou em 2020 o maior crescimento desde 2011, destacando a expansão no financiamento às empresas, principalmente às dos segmentos de micro, pequeno e médio porte. Os financiamentos do Sistema Financeiro Nacional (SFN) no estado cresceram 17,2% no ano, ante variação de 6,1% em 2019. O volume de crédito às empresas aumentou 27,6%, contrastando com a queda de 0,9% registrada no ano anterior. Destacaram-se os programas de crédito emergenciais, principalmente Pronampe e PEAC, e as operações de capital de giro. No segmento de pessoas físicas houve crescimento de 11,1% no ano, ligeiramente superior ao observado em 2019 (10,7%), ressaltando-se as modalidades de financiamento imobiliário e crédito consignado.

A indústria mineira encerrou 2020 com um nível de produção acima do registrado no primeiro bimestre de 2020, período anterior à pandemia. A indústria geral cresceu 3,6% no quarto trimestre, segundo dados com ajuste sazonal da PIM-PF/IBGE. No acumulado do ano, a produção industrial mineira retraiu 3,2% (-8,4% na extrativa e -1,9% na transformação).

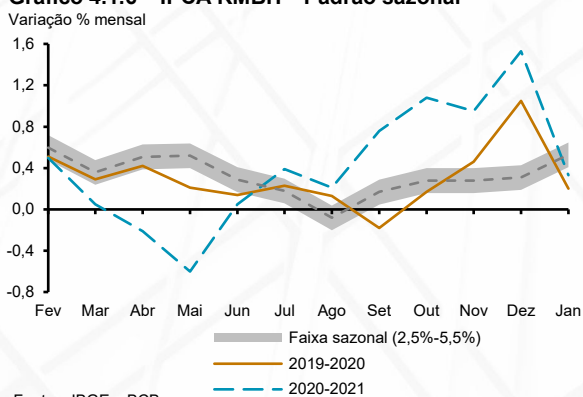
O Icei, após permanecer na zona de pessimismo de abril a julho, apresentou recuperação da confiança em 2020, fechando o ano com 62,6 pontos, influenciado pelos índices de expectativas e de condições atuais, que registraram 63,7 e 60,6, na ordem. Essa tendência continuou no início de 2021 e o Icei de Minas registrou 59,8 pontos em fevereiro.

A agricultura mineira obteve bons resultados em 2020, sobressaindo entre as atividades econômicas do estado. O principal destaque foi a safra de café, que atingiu recorde, com crescimento de 37,6% em relação à de 2019, em ano de produtividade elevada. As safras de grãos e de cana-de-açúcar também atingiram volumes recordes, com altas de 8,9% e 5,5%. De acordo com o LSPA de janeiro, do IBGE, em 2021 a produção de grãos deverá crescer 0,9%, com expansão das colheitas de soja e feijão.

O saldo da balança comercial em Minas aumentou em 2020, impulsionado principalmente pelo aumento nos preços do minério de ferro, principal produto exportado. Além do minério de ferro, o aumento nas

vendas de café, soja, produtos semimanufaturados e açúcar contribuiu para elevar em 4,7% as exportações do estado. Pelo lado das importações, houve retração de 12,7%, destacando-se as quedas nas compras de carvão mineral, minério de zinco, peças para automóveis e tratores e partes de motores.

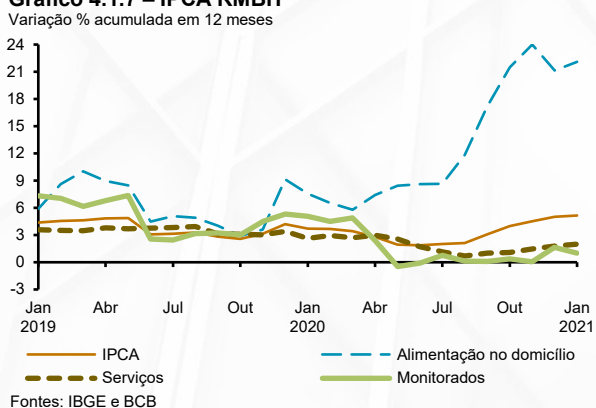
Gráfico 4.1.6 – IPCA RMBH – Padrão sazonal



A inflação medida pelo IPCA na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) alcançou 3,60% no quarto trimestre de 2020, acelerando em relação à taxa registrada no terceiro trimestre, 1,37%. Essa aceleração decorreu, principalmente, das pressões em alimentação no domicílio (principalmente carnes, leite e arroz) e monitorados (gasolina e gás de botijão). Por outro lado, os preços de serviços apresentaram variação negativa, ressaltando-se a influência dos itens de educação e passagens aéreas.

Em 2020 a inflação alcançou 5,00%, ante 4,20% em 2019. Os preços do grupo alimentação em domicílio avançaram 21,13% e os dos bens industriais, 4,40%, enquanto serviços aumentaram 1,77% e itens com preços administrados, 1,65%.

Gráfico 4.1.7 – IPCA RMBH



Em janeiro de 2021, o IPCA da RMBH aumentou 0,33%, com alimentação no domicílio variando 1,48%; bens industriais, 0,48%; serviços, 0,17%, e itens com preços administrados, -0,27%, não trazendo, ainda, evidências de alteração no padrão que se observou no ano anterior.

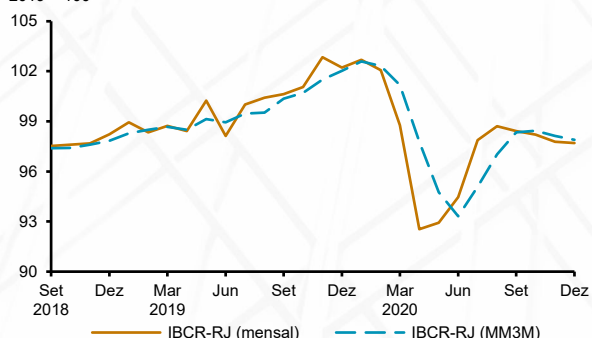
A economia mineira sofreu os impactos provocados pela pandemia assim como os demais estados, mas reagiu positivamente, tendo como destaque a produção agrícola e a retomada da indústria extrativa, no contexto de preços favoráveis para o minério de ferro. Para 2021, espera-se manutenção de cenário favorável para a indústria extrativa, repercutindo continuidade da recuperação da demanda chinesa. Porém, o ritmo de atividade da indústria de transformação, do comércio e, principalmente, dos serviços é bastante incerto, dado a pouca previsibilidade da evolução da pandemia e dos efeitos do fim dos programas governamentais de apoio ao emprego e renda.

4.2 Rio de Janeiro

Gráfico 4.2.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Rio de Janeiro

Dados dessazonalizados

2019 = 100



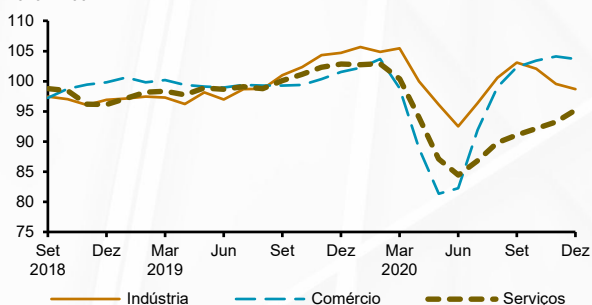
A economia fluminense apresentou acomodação no último trimestre de 2020, após ter registrado recuperação no trimestre anterior. Os desempenhos positivos do setor de serviços e de alguns segmentos do comércio, ainda favorecidos pelo pagamento do auxílio emergencial, pela expansão do crédito às pessoas físicas e algum retorno da atividade turística não foram suficientes para compensar o recuo da produção industrial, em ambiente de lenta recuperação do mercado de trabalho e melhora gradual da confiança dos empresários. Nesse contexto, o IBCR-RJ diminuiu 0,4% no último trimestre de 2020, em relação ao trimestre anterior, segundo dados com ajuste sazonal. Em 2020 o indicador recuou 2,3% (+2,1% em 2019).

As vendas do comércio ampliado fluminense registraram crescimento modesto no último trimestre de 2020 e encerraram o ano no mesmo nível do período pré-pandemia. O desempenho do setor no trimestre continuou sendo sustentado pelo aumento das vendas de veículos, favorecidas pela expansão do crédito a pessoas físicas, mas foi bastante impactado pelo recuo nas vendas de material de construção e móveis e eletrodomésticos, segmentos que cresceram expressivamente no trimestre anterior. Em 2020, o comércio ampliado contraiu 2,8%, ante acréscimo de 1,5% no ano anterior, com destaque para as quedas nas vendas de veículos e tecidos, vestuário e calçados.

Gráfico 4.2.2 – Comércio, serviços e indústria – Rio de Janeiro

Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral

2019 = 100



Fonte: IBGE

O volume de serviços não financeiros no estado continuou a crescer no quarto trimestre de 2020, alcançando patamar próximo ao observado antes do início da pandemia. O resultado do trimestre repercutiu, em grande parte, os desempenhos favoráveis dos serviços de informação e comunicação e dos serviços prestados às famílias, tais como hotéis, bares e restaurantes, que foram beneficiados pelo menor isolamento social. Por outro lado, o segmento de serviços profissionais, administrativos e complementares registrou o quarto trimestre consecutivo de retração. Em 2020, o setor de serviços recuou 7,3%, ante decréscimo de 0,5% no ano anterior, refletindo, principalmente, os desempenhos negativos dos serviços de informação e comunicação e dos serviços prestados às famílias.

Apesar do cancelamento das festas de final de ano, o retorno gradual do turismo e dos deslocamentos empresariais para o estado tem contribuído, na

Tabela 4.2.1 – Produção industrial – Rio de Janeiro

Geral e setores selecionados

Setores	Pesos ^{1/}	Variação % no período		
		2020		
		Set ^{2/}	Dez ^{2/}	Ac. 12 meses
Indústria geral	100,0	11,4	-4,2	0,2
Indústrias extrativas	28,1	7,8	-12,1	11,1
Indústrias de transformação	71,9	15,6	-0,9	-6,0
Deriv. petróleo e biocomb.	25,9	5,4	-6,2	-4,2
Metalurgia	10,4	21,0	-0,6	1,7
Veículos, reb. e carrocerias	5,8	226,7	29,1	-27,6
Bebidas	3,9	8,4	-11,5	-5,7

Fonte: IBGE

1/ Ponderação de atividades no VTI, conforme a PIA 2010/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados em t e t-3. Dados dessazonalizados.

Tabela 4.2.2 – Evolução do emprego formal – Rio de Janeiro

Novos postos

Discriminação	No mês (em mil)		
	2020		
	Out	Nov	Dez
Total	16,3	32,7	7,0
Indústria de transformação	2,9	2,3	0,3
Comércio	7,6	17,5	7,4
Serviços	3,9	13,2	2,3
Construção civil	1,7	0,9	-2,3
Agropecuária	0,0	-1,1	-0,2
Serviços ind. utilidade pública	0,3	0,2	-0,4
Outros ^{1/}	-0,1	-0,3	-0,1

Fonte: Caged

1/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outros.

margem, para a melhora da economia fluminense. O segmento de atividades turísticas avançou 18,8% no quarto trimestre de 2020, após registrar forte recuperação no trimestre anterior. A quantidade média de voos diários nos dois principais aeroportos do estado, que em abril representava apenas 3,5% do número observado no período pré-pandemia, alcançou 54,8% em janeiro de 2021 (32,4% em setembro de 2020).

Dados da CIP/SLC, relativos ao volume total de aquisições de bens e serviços com cartões de débito, corroboram a continuidade da recuperação do setor de serviços e do comércio.

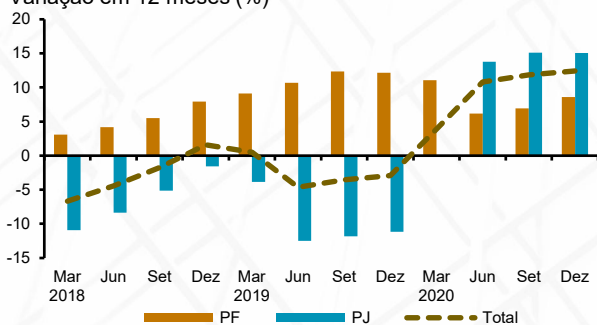
Ao contrário do comércio e do setor de serviços, a indústria fluminense retraiu no quarto trimestre de 2020, após expressiva recuperação no terceiro. O recuo de 4,2% refletiu, principalmente, o desempenho da cadeia de petróleo no estado – a indústria extrativa e a produção de coque, derivados de petróleo e biocombustíveis diminuíram, na ordem, 12,1% e 6,2%. Esse último segmento impactou significativamente o resultado da indústria de transformação no período, apesar da continuidade da forte recuperação do segmento de veículos. No ano, apesar da pandemia, a indústria fluminense apresentou avanço em relação a 2019, com destaque para a extrativa.

Dados recentes relativos ao emprego formal no estado indicam recuperação moderada do mercado de trabalho, principalmente no comércio e no setor de serviços, em linha com a retomada desses segmentos. O índice de emprego formal dessazonalizado, calculado a partir dos dados do Caged, avançou 1,3% no trimestre finalizado em dezembro. Após eliminação de 170 mil postos de trabalho formais de março a julho de 2020, houve geração de 56 mil empregos formais no trimestre finalizado em dezembro e de 70,5 mil postos, considerando-se dados acumulados desde agosto. No entanto, cabe destacar que o desempenho observado no segundo semestre não foi suficiente para evitar a perda de 103,6 mil postos de trabalho em 2020.

O mercado de crédito continuou em expansão no último trimestre de 2020, refletindo a aceleração do crédito a pessoas físicas e a continuidade do crescimento das operações com pessoas jurídicas. A carteira de pessoas físicas expandiu 5,5%, após elevação de 4,1% no trimestre anterior, destacando-se os aumentos nas modalidades cartão de crédito à vista, crédito consignado e financiamentos

Gráfico 4.2.3 – Evolução do saldo das operações de crédito – Rio de Janeiro^{1/}

Variação em 12 meses (%)



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

imobiliários. Os empréstimos destinados a pessoas jurídicas cresceram 0,8% no trimestre, ante acréscimo de 1,9% no trimestre anterior, repercutindo, em grande parte, os aumentos nos financiamentos concedidos às empresas de geração, transmissão e distribuição de eletricidade e gás e às indústrias extrativas, com exceção de petróleo e gás.

Em 2020, o volume de crédito no estado aumentou 12,4% (-3,0% em 2019), repercutindo a recuperação das operações contratadas por pessoas jurídicas, 15,0%, ante retração de 11,2% no ano anterior, com destaque para os aumentos nos empréstimos destinados às indústrias de refino de petróleo, coque e álcool e às empresas de comércio atacadista, com exceção de veículos e motocicletas.

A balança comercial do estado encerrou o ano de 2020 com *deficit* de US\$2,3 bilhões (*superavit* de US\$7,4 bilhões em 2019). O desempenho refletiu tanto o recuo das exportações, 21,5%, com ênfase na queda dos preços⁹ (24,5%), destacando-se a diminuição nas vendas de bens manufaturados, quanto o incremento das importações, 16,9%, ressaltando-se o aumento nas aquisições de bens de capital, principalmente as importações fictas de plataformas de petróleo. As importações continuam a apresentar perfil similar em 2021, o que explica, em grande parte, o *deficit* comercial do estado em janeiro. Ressalte-se que, no caso das exportações, especialmente de produtos básicos, o efeito preço observado em 2020 deverá ser mitigado em 2021, tendo em vista a recuperação do preço do petróleo no mercado internacional.

O IPCA da Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ) variou 2,92% no último trimestre de 2020, ante 0,73% no terceiro, repercutindo, em grande parte, a aceleração dos preços de alimentação no domicílio, de 2,54% para 8,60%, e a reversão dos preços de serviços, de -0,22% para 2,03%, com destaque para o fim da contribuição da redução dos preços em cursos regulares e aumentos em passagem aérea e alimentação fora do domicílio.

Em 2020, o IPCA da RMRJ aumentou 4,07%, a mesma variação registrada em 2019, refletindo principalmente a aceleração dos preços de alimentação no domicílio, com destaque para cereais, leguminosas e oleaginosas e tubérculos, raízes e legumes, e o arrefecimento dos preços monitorados, ênfase para as quedas em plano de saúde e gasolina.

Tabela 4.2.3 – IPCA – Rio de Janeiro

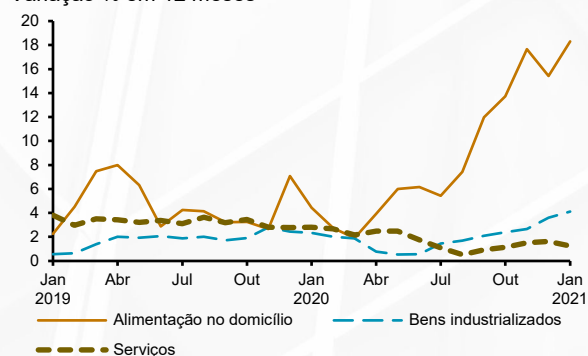
Discriminação	Variação %				
	Pesos ^{1/} 2020	2021			
		III Tri	IV Tri	Ano	Jan
IPCA	100,0	0,73	2,92	4,07	0,18
Livres	70,6	0,82	3,32	4,78	0,44
Alimentação no domicílio	14,7	2,54	8,60	15,43	1,36
Bens industrializados	18,9	1,66	2,00	3,61	0,51
Serviços	37,0	-0,22	2,03	1,62	0,03
Monitorados	29,4	0,51	1,98	2,41	-0,44

Fonte: IBGE

1/ Referentes a janeiro de 2021.

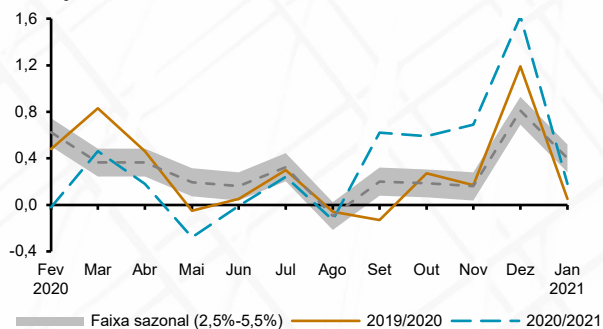
Gráfico 4.2.4 – Evolução dos preços livres – Rio de Janeiro

Variação % em 12 meses



9/ Os índices de preço e *quantum* não incluem as exportações e importações de plataformas de petróleo.

Gráfico 4.2.5 – IPCA RMRJ – Padrão sazonal
Variação % mensal



Fontes: IBGE e BCB

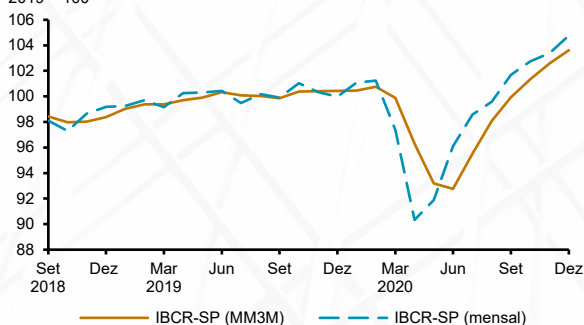
Em janeiro de 2021, a inflação desacelerou para 0,18%, ante 1,62% em dezembro, impactada, em grande parte, pela queda acentuada dos preços de passagens aéreas e pela reversão em energia elétrica residencial, devido à mudança de bandeira tarifária (de vermelha patamar 2 em dezembro para amarela em janeiro).

A economia fluminense apresentou baixo dinamismo em 2020, com impacto expressivo da pandemia da Covid-19, especialmente, sobre o setor de serviços do estado. Por outro lado, a indústria do estado foi beneficiada pelo desempenho da extrativa, e registrou aumento em 2020. Prospectivamente, a recuperação da economia depende fundamentalmente do crescimento das atividades do setor de serviços, que possui participação expressiva na estrutura produtiva local.

4.3 São Paulo

Gráfico 4.3.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – São Paulo

Dados dessazonalizados
2019 = 100

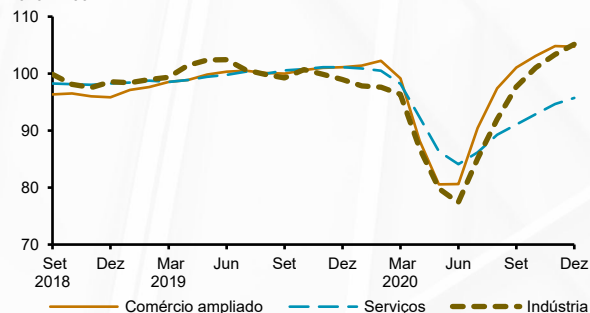


Após o impacto inicial das restrições às atividades econômicas em abril, devido à pandemia da Covid-19, a economia paulista recuperou-se nos dois últimos trimestres e encerrou 2020 com retração de 1,0% na comparação com o ano anterior, segundo o IBCR-SP. Apesar da retração das atividades de serviços às famílias e de alojamento e alimentação, a evolução positiva da intermediação financeira foi fundamental para o desempenho anual. No último trimestre do ano, o IBCR-SP cresceu 3,7% em relação ao trimestre anterior, quando havia avançado 7,7%, considerando dados dessazonalizados, com destaque para indústria e construção.

Em 2020, o impacto da pandemia sobre o desempenho do comércio foi mitigado pelo Auxílio Emergencial (AE), pelas melhores condições de crédito e pela substituição parcial das vendas presenciais pelas eletrônicas. O comércio varejista paulista cresceu 0,8% no quarto trimestre de 2020, mas com retração no mês de dezembro. A queda no último mês afetou todos os segmentos, exceto supermercados e hipermercados. Considerando o conceito ampliado, a elevação no trimestre foi de 3,6%, com alta de 15,1% na venda de veículos. No conceito ampliado, mesmo com a elevação nas vendas de materiais de construção, houve queda de 3,2% no ano, devido à retração de 22,5% na comercialização de veículos.

Gráfico 4.3.2 – Comércio, serviços e indústria – São Paulo

Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2019 = 100



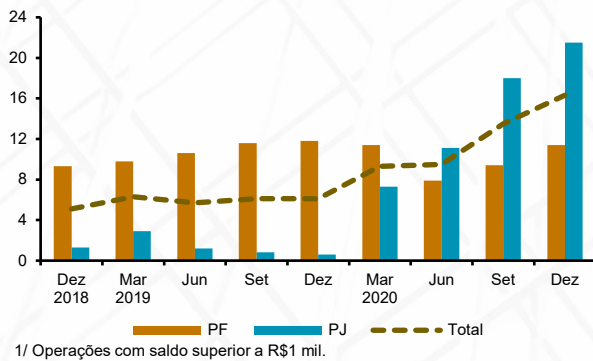
Fonte: IBGE

Refletindo a retração do mercado de veículos, a produção industrial do setor recuou 28,7% e a de outros equipamentos de transporte, 50,8%, influenciando o resultado da produção da indústria de transformação, que caiu 5,7% em 2020. A indústria, no entanto, apresentou significativa recuperação ao longo do segundo semestre e, no último trimestre, cresceu 7,7%, com alta de 20,4% da metalurgia, um dos principais destaques.

O aumento da produção de aço no quarto trimestre refletiu o crescimento da demanda por aços planos, para a recomposição dos estoques na fabricação de veículos, e por aços longos, devido à recuperação do mercado de construção. Segundo o Sindicato das Empresas de Compra, Venda, Locação e Administração de Imóveis e dos Condomínios Residenciais e Comerciais em São Paulo (Secovi-SP), o total de unidades lançadas na cidade de São Paulo, no trimestre encerrado em dezembro, foi 11,0% superior ao mesmo período do ano anterior.

Gráfico 4.3.3 – Evolução do saldo das operações de crédito^{1/} – São Paulo

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

Tabela 4.3.1 – IPCA – São Paulo

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação %			
		2019	2020		
	Ano	III Tri	IV Tri	12 meses	
IPCA	100,0	4,58	0,99	3,05	4,37
Livres	76,5	4,08	0,67	3,16	4,81
Alimentação no domicílio	13,6	7,63	4,57	7,73	17,98
Bens industrializados	22,1	2,06	0,81	3,15	3,51
Serviços	40,7	3,98	-0,59	1,72	1,67
Monitorados	23,5	5,98	2,05	2,69	3,01
Principais itens					
Alimentação	19,9	6,59	2,79	5,77	13,00
Habitação	16,5	4,99	2,51	2,97	5,39
Artigos de residência	3,5	-0,11	1,30	5,39	7,18
Vestuário	3,7	1,20	-1,36	1,16	-1,99
Transportes	19,4	4,12	0,96	4,87	1,23
Saúde	13,0	5,49	0,33	0,61	1,96
Despesas pessoais	11,4	3,71	-0,08	1,17	1,35
Educação	7,0	4,86	-2,88	0,16	1,62
Comunicação	5,7	1,14	1,07	0,93	3,01

Fonte: IBGE

1/ Referentes a dezembro de 2020.

Tabela 4.3.2 – Evolução do emprego formal – São Paulo

Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2019	2020			
	Dez	Mar	Jun	Set	Dez
Total	-70,4	10,5	-378,2	163,2	218,7
Indústria	-48,6	23,9	-100,7	56,7	17,3
Comércio	41,4	-46,0	-103,8	36,2	92,6
Serviços	-30,1	9,7	-192,2	33,3	111,2
Construção civil	-5,4	13,2	-21,9	23,7	12,8
Agropecuária	-27,8	9,6	40,4	13,3	-15,2

Fonte: Caged

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

Um dos estímulos ao mercado imobiliário foi a manutenção das taxas de juros em suas mínimas históricas. Isso impulsionou a busca por financiamentos para aquisição de moradias, que, junto com o crédito consignado, influenciaram o crescimento de 11,4% dos empréstimos às pessoas físicas em 2020, em ambiente de redução da taxa de inadimplência. No quarto trimestre, a carteira de crédito às famílias cresceu 5,8% ante o terceiro, condicionada por cartão de crédito à vista e financiamento imobiliário. O crédito às empresas, por sua vez, aumentou 5,2% no último trimestre, sendo os serviços e o comércio as principais atividades tomadoras, com destaque para o crédito direcionado, influenciado pelos auxílios de liquidez, e para o desconto de títulos.

A disponibilidade de crédito foi importante para a preservação da liquidez das empresas, uma vez que as restrições às atividades econômicas e o isolamento social reduziram suas receitas. Todos os setores foram significativamente afetados, mas o de serviços, cujo atendimento é primordialmente presencial, foi o mais impactado, acumulando queda de 7,4% no ano, com destaque para os serviços prestados às famílias, -38,1%, segundo a PMS do IBGE. Na margem, houve recuperação no último trimestre, com elevação de 5,1% no volume total de serviços e de 22,2% nos serviços prestados às famílias, segundo dados dessazonalizados. Essa recuperação, no entanto, ainda não permitiu que o setor voltasse aos níveis anteriores à pandemia. Na comparação do último trimestre com a média do primeiro bimestre de 2020, houve retração de 4,4% no total e de 31,4% nos serviços prestados às famílias.

As dificuldades enfrentadas pelo setor de serviços refletiram-se em elevações mais modestas desses preços no último ano, em comparação a 2019. Junto aos preços monitorados, geraram pressão baixista, que foi compensada pela aceleração da inflação da alimentação em domicílio no período. As variações de preços no quarto trimestre de 2020 mantiveram o padrão, com as maiores elevações na alimentação em domicílio e as menores nos serviços.

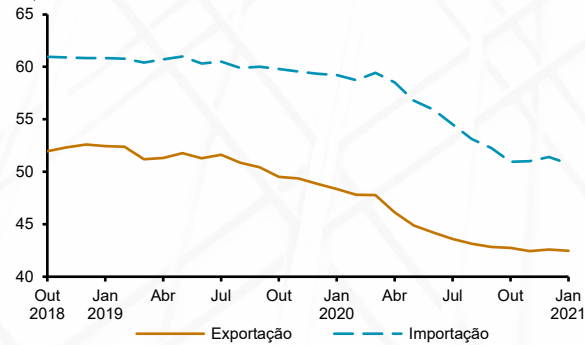
No mercado de trabalho formal, segundo dados do Caged, manteve-se processo de retomada das contratações líquidas no último trimestre de 2020, evidenciando a recuperação do emprego. Destacaram-se as vagas geradas em serviços e comércio. No acumulado do ano, foram criados 14,2 mil postos de trabalho, ante contratação líquida de

162,6 mil em 2019. Os serviços, que haviam gerado a maior quantidade de vagas (121,5 mil) em 2019, foi o setor que mais as eliminou no último ano, 37,9 mil, com destaque para as atividades de alojamento e alimentação, 91,7 mil.

Gráfico 4.3.4 – Balança comercial – São Paulo

Acumulado em 12 meses

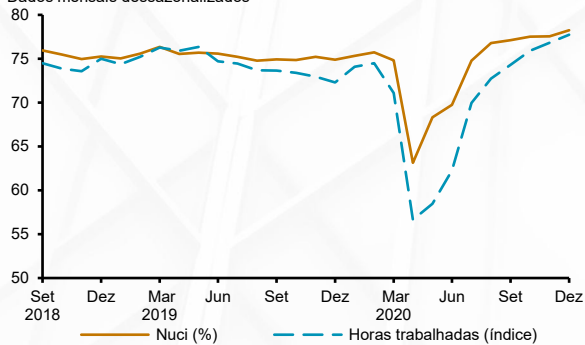
US\$ bilhões



Fonte: Ministério da Economia

Gráfico 4.3.5 – Nuci e horas trabalhadas na produção industrial – São Paulo

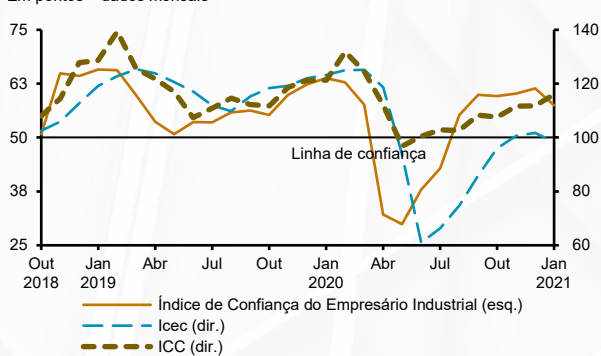
Dados mensais dessazonalizados



Fonte: Fiesp

Gráfico 4.3.6 – Confiança dos agentes – São Paulo

Em pontos – dados mensais



Fontes: Fecomercio-SP e CNI

A balança comercial de São Paulo refletiu a retração da atividade econômica, com diminuição do *deficit* de US\$10,5 bilhões, em 2019, para US\$8,8 bilhões, em 2020. As importações recuaram 13,4%, em decorrência das retrações de 3,7% dos preços e de 10,1% do *quantum*¹⁰, enquanto as exportações caíram 12,8%, resultante de variações de -9,5% nos preços e de -3,7% no *quantum*. Houve retração mais expressiva nas vendas de manufaturados (21,7%), com destaque para aviões, além de máquinas e aparelhos para terraplanagem e perfuração. Nas importações, houve diminuição das compras em todas as categorias econômicas, refletindo a desaceleração da atividade doméstica. Na comparação de janeiro de 2021 com o mesmo mês de 2020, houve melhora no *deficit* comercial do estado, com retração mais acentuada nas importações do que nas exportações.

Em suma, a economia paulista, após forte retração no segundo trimestre, apresentou robusta recuperação ao longo do terceiro e do quarto trimestres. A indústria teve o desempenho mais destacado no período, superando em 4 p.p. o crescimento da média nacional quando comparado o último trimestre ao primeiro bimestre de 2020, período anterior à pandemia. O comércio e a construção também apresentaram recuperação expressiva, gerando, junto com a indústria, um ambiente positivo para a arrecadação do ICMS do estado, que passou de queda interanual de 17,9%, no segundo trimestre, para alta de 2,0%¹¹, no quarto. Por outro lado, o setor de serviços, primordialmente presencial, é o que tem apresentado maiores desafios para se recuperar.

10/ Os índices de preço e quantum não incluem as exportações e importações de plataformas de petróleo.

11/ Em dezembro de 2019, houve arrecadação extraordinária de R\$2,6bi no âmbito do Programa Especial de Parcelamento do ICMS (PEP). Com o ajuste, a arrecadação do ICMS no quarto trimestre de 2020 teria ficado 8,4% acima do mesmo período de 2019.

Gráfico 5.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Região Sul

Dados dessazonalizados
2019 = 100

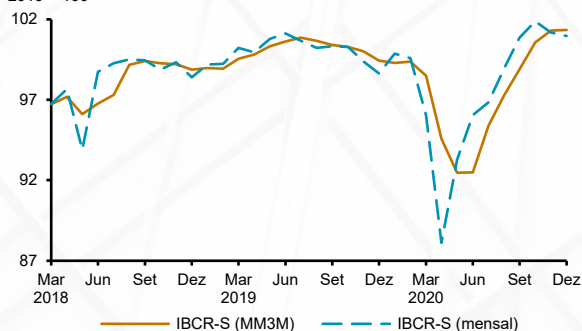
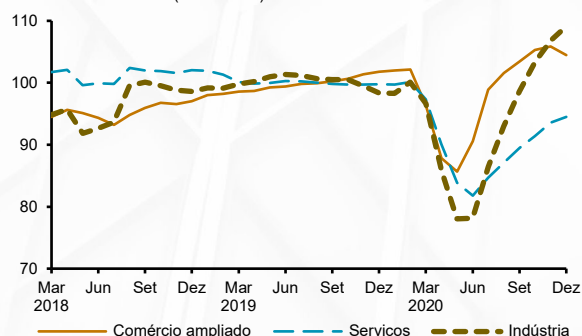


Gráfico 5.2 – Comércio, serviços e indústria – Sul

Dados dessazonalizados
Média móvel trimestral (2019 = 100)



Fonte: IBGE

Tabela 5.1 – Comércio varejista – Sul

Setores	Variação % no período			
	2019	2020		
		Ano	Set ^{1/}	Dez ^{1/}
Comércio varejista	2,9	7,2	0,3	1,2
Combustíveis e lubrificantes	-4,4	-1,5	-0,8	-7,9
Hiper., superm., prod. alimentícios	3,2	2,4	-3,2	8,1
Tec., vest. e calçados	3,7	47,0	10,8	-21,3
Móveis e eletrodomésticos	3,9	14,8	-1,2	7,8
Comércio ampliado	4,8	14,2	1,0	-1,0
Automóveis e motocicletas	9,5	32,2	2,8	-10,3
Material de construção	8,5	21,3	-1,0	8,9

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

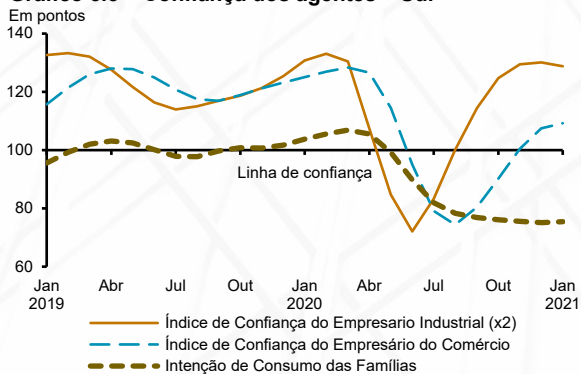
O conjunto de informações disponíveis nesse Boletim sugere continuidade do processo de recuperação da economia. Após forte expansão na maioria dos indicadores econômicos no terceiro trimestre, o quarto trimestre apresentou maior gradualismo na recomposição da atividade. Além disso, a redução dos programas de manutenção da renda e a alta ociosidade do mercado de trabalho concorreram para arrefecer o processo de retomada.

O nível de atividade no Sul – medido pelo IBCR-S – avançou 2,5% no quarto trimestre de 2020. A expansão aconteceu em praticamente todas as atividades, com as maiores magnitudes na indústria de transformação – destaque para veículos, metalurgia, máquinas e equipamentos, calçados e confecções – e nos serviços de alojamento e alimentação. Relativamente ao intervalo pré-crise¹², a alta de 1,6% refletiu, em boa parte, a recuperação da produção industrial, mesmo em cenário de falta de insumos e matérias-primas. Diversamente, as atividades de serviços mais afetadas pelo distanciamento social, como hotelaria, bares e restaurantes, não retornaram ao nível anterior. No ano, o IBCR-S contraiu 2,1%, em relação a 2019, condicionado por recuos nos três setores de produção.

No âmbito da demanda, as vendas ao varejo continuaram a expandir no último trimestre de 2020, porém em menor ritmo, tanto no conceito restrito quanto no ampliado, destacando-se, na comparação com o intervalo anterior, o comércio de equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação, cujo desempenho foi favorecido pela *Black Friday* e eventual demanda ainda reprimida. No ano, o comportamento das vendas refletiu o resultado bastante positivo de hipermercados e supermercados, material de construção e móveis e eletrodomésticos, coerente com a maior permanência das famílias nos domicílios. O comércio automotivo apresentou retração, todavia ainda mantém trajetória de recuperação desde julho – estatísticas dessazonalizadas da Fenabreve apontam

12/ Para fins de comparação, o primeiro bimestre de 2020 foi definido como o intervalo pré-pandemia da Covid-19.

Gráfico 5.3 – Confiança dos agentes – Sul



Fontes: CNI e CNC

Tabela 5.2 – Evolução do emprego formal – Sul

Novos postos de trabalho

Discriminação	2019		2020 ^{1/}	
	IV Tri	Ano	IV Tri	Ano
Total	-9,5	191,9	165,7	86,4
Indústria de transformação	-31,7	18,1	33,4	55,7
Comércio	35,8	34,9	73,9	12,4
Serviços	5,5	130,4	61,0	7,3
Construção civil	-10,0	7,9	1,0	16,5
Agropecuária	-0,5	-2,4	0,0	0,6
Serviços ind. de utilidade pública	-0,5	0,4	0,4	0,0
Outros ^{2/}	-8,2	2,6	-4,0	-6,1

Fonte: Ministério da Economia

1/ Dados do Novo Caged sem ajuste para 2020.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outros.

acréscimo de 5,8% nos licenciamentos de automóveis e de comerciais em janeiro, com aumentos nas três Unidades da Federação (UFs).

As perspectivas dos empresários do comércio para os próximos meses estão moderadamente otimistas, condicionadas à evolução favorável do cenário doméstico. Por outro lado, a cautela do consumidor e os gastos exigidos para alavancar o *e-commerce* influenciaram negativamente na avaliação da situação atual do setor.

O volume de serviços não-financeiros manteve crescimento no quarto trimestre, com alta nos cinco segmentos pesquisados, principalmente naqueles prestados às famílias¹³. Esse movimento ocasionado pela maior mobilidade, com impacto sobre o emprego do setor, não foi suficiente para compensar o recuo severo ocorrido sobretudo no segundo trimestre, motivo pelo qual a atividade encerrou 2020 com queda superior à média para o país (-9,1% e -7,8%, na ordem). Todavia, informações da CIP/SLC sobre aquisições com cartões de débito apontam recuperação dos serviços às famílias no comparativo interanual de quatro semanas até 10 de fevereiro.

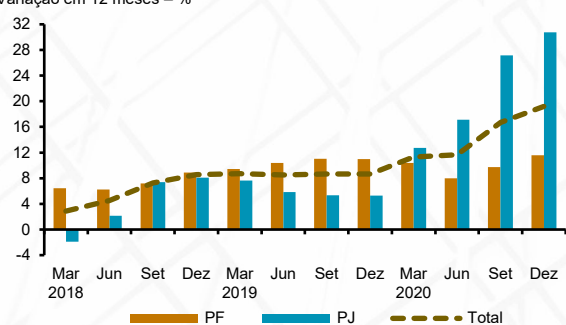
No mercado de trabalho, o trimestre outubro-dezembro repercutiu a maior mobilidade, ampliando a criação de empregos formais já observada no trimestre anterior. Esse fato, aliado ao crescimento sazonal das vendas (*Black Friday* e Natal), levou o comércio varejista a liderar as contratações no período. A maior mobilidade também contribuiu nas admissões dos serviços de alojamento e alimentação, que assinalaram resultado positivo, após redução nos três trimestres anteriores. O nível de emprego dessazonalizado avançou 2,6%, o dobro da taxa registrada no trimestre anterior. A região encerrou 2020 com criação de vagas formais, embora em volume inferior ao de 2019, condicionada por avanços no Paraná e em Santa Catarina. A despeito do resultado anual positivo, percebe-se os efeitos da pandemia, haja vista a redução de vagas em alojamento e alimentação, serviços às famílias e transporte – atividades fortemente impactadas pelo distanciamento social. De outra parte, o aumento dos pedidos para a indústria e das vendas de imóveis alavancou o emprego na indústria de transformação e na construção civil.

O volume de crédito contratado no Sul totalizou R\$794 bilhões em dezembro de 2020. Apesar do crescimento

13/ A PMS não inclui os serviços de saúde e educação.

Gráfico 5.4 – Evolução do saldo das operações de crédito – Sul^{1/}

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$ 1 mil.

Tabela 5.3 – Produção agrícola – Sul

Itens selecionados

Discriminação	Pesos ^{1/}	Produção ^{2/}	Em mil toneladas	
			Variação %	
			2021	2020/2019
Grãos	74,6	82 764	-5,4	13,3
Soja	46,2	42 290	-7,2	22,9
Milho	14,0	24 294	-11,8	9,8
Arroz	7,6	8 934	9,2	-2,2
Trigo	3,8	4 946	17,0	-7,5
Feijão	2,2	951	-6,0	24,0
Outras lavouras				
Fumo	7,1	665	-9,5	4,4
Cana-de-açúcar	3,2	39 219	-4,1	1,5
Mandioca	2,6	4 590	4,2	2,5
Batata-inglesa	2,2	1 249	-6,0	13,1

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2019.

2/ Estimativa segundo o LSPA de janeiro de 2021.

Tabela 5.4 – Produção industrial – Sul

Geral e setores selecionados

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação % no período		
		2020		
		Set ^{2/}	Dez ^{2/}	Ano
Indústria geral	100,0	26,2	10,6	-4,1
Produtos alimentícios	19,7	1,3	-2,1	3,4
Veículos, reboques e carrocerias	13,6	114,3	30,8	-26,9
Máquinas e equipamentos	8,8	20,2	22,4	-5,9
Deriv. petróleo e biocombustíveis	8,3	6,5	-2,5	6,0
Outros produtos químicos	5,7	6,4	3,4	-5,5
Vestuário	3,9	41,6	31,2	-15,6
Calçados	3,3	38,1	55,0	-21,9

Fonte: IBGE

1/ Ponderação de atividades no VTI, conforme a PIA 2010/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

similar no trimestre entre os segmentos de pessoas físicas (PF) e jurídicas (PJ), sobressaiu, ao longo de 2020, a evolução das operações com empresas, principalmente com recursos direcionados, cujo saldo foi ampliado em R\$32 bilhões, e a inadimplência, que já era baixa, recuou ainda mais (para 0,4%). Note-se que boa parte desses recursos não se destinou a novos investimentos, mas à sustentação de empresas e empregos, em programas como o Pronampe e o PEAC/FGI. No segmento PF, foi mantida a tendência de avanço de operações com menores taxas de juros – como o crédito consignado – e recuo de outras mais onerosas – cheque especial e cartão de crédito financiado. Observou-se ampliação das operações de renegociação e consequente redução da inadimplência nesse segmento. Prospectivamente, a ampliação da incerteza associada à evolução da economia tende a concorrer para maior cautela na concessão do crédito.

A oferta de grãos em 2020 no Sul foi negativamente impactada pelas quedas nas produções de soja e milho no Rio Grande do Sul, mitigadas pela expansão nas colheitas de arroz (cultivado em sistema de irrigação) e de trigo. Dentre as demais lavouras, destaque para a maior colheita de mandioca e menores de fumo e batata-inglesa. Para 2021, estima-se expansão na produção sulina de grãos, apesar de a estiagem no início do plantio (agosto e setembro) ter atrasado a semeadura da soja e o *deficit* hídrico ter comprometido o desenvolvimento de algumas lavouras (especialmente milho 1ª safra no Rio Grande do Sul). O volume atípico de precipitações em janeiro dificultou tratos culturais e colheita em algumas áreas no Paraná, podendo comprometer a produtividade e a qualidade dos grãos, embora tenha contribuído para o estoque dos reservatórios.

No quarto trimestre, a indústria continuou recompondo a queda do produto. Em muitas atividades, o retorno mais rápido e intenso da demanda, relativamente ao esperado, acarretou desabastecimento de matérias-primas e insumos, desestruturando temporariamente a cadeia produtiva e limitando o crescimento de alguns ramos. Houve expansão em quinze das dezoito atividades, de acordo com dados do IBGE, consolidados e dessazonalizados, principalmente nos segmentos mais impactados pela crise sanitária – calçados, vestuário e automóveis. No entanto, essas atividades foram justamente as que tiveram o pior desempenho acumulado em 2020, em relação a 2019, condicionando o recuo anual da produção regional. Dados de energia elétrica da CCEE em quatro semanas até 10 de fevereiro já

Tabela 5.5 – Comércio exterior – Sul

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões		
	2019	2020	Var. %
Exportações	43 950	38 637	-12,1
Básicos	21 891	20 611	-5,8
Industrializados	22 059	18 026	-18,3
Semimanufaturados	4 153	3516	-15,3
Manufaturados	17 906	14 510	-19,0
Importações	39 509	33 948	-14,1
Bens de capital	5 299	4 407	-16,8
Bens intermediários	24 204	21 851	-9,7
Bens de consumo	6 875	5 597	-18,6
Combustíveis	3 131	2 093	-33,2
Saldo comercial	4 441	4 689	5,6

Fonte: Ministério da Economia

Tabela 5.6 – Dívida líquida e necessidades de financiamento – Sul^{1/}

UF	R\$ milhões					
	Dezembro de 2019			Dezembro de 2020		
	Dívida	Fluxos 12 meses		Dívida ^{2/}	Fluxos 12 meses	
		Primário	Nominal ^{3/}		Primário	Nominal ^{3/}
PR	10 049	-2 112	-1 370	7 592	-1 713	-1 316
RS	94 912	855	5 481	105 077	4 314	7 614
SC	20 096	-387	503	16 876	-4 086	-3 461
Total (A)	125 058	-1 644	4 614	129 545	-1 485	2 837
Brasil^{4/} (B)	908 220	-16 518	32 197	942 892	-35 724	1 731
(A/B) (%)	13,8	10,0	14,3	13,7	4,2	163,9

1/ Por UF, totalizando gov. estadual, capital e municípios. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Refere-se à soma de todas as regiões.

indicam maior atividade industrial no comparativo interanual.

Mesmo com queda na corrente de comércio, o *superavit* da balança comercial aumentou no ano, com redução mais intensa nas importações do que nas exportações. Excluídas as operações no âmbito do Repetro, houve queda tanto no preço (7,3%) quanto no *quantum* (2,2%) dos produtos exportados. As vendas de produtos básicos foram menos impactadas, passando a responder por mais da metade das exportações da região, beneficiada pelo aumento no preço das *commodities*. As importações recuaram nas quantidades (5,5%) e nos preços (9,1%), repercutindo a menor atividade e a depreciação cambial.

No âmbito fiscal, o Sul foi uma das duas regiões a apresentar *deficit* nominal no ano. O primário consolidado dos governos estaduais e dos municípios da região foi condicionado pela deterioração do resultado no Rio Grande do Sul. Em relação a 2019, a necessidade de financiamento regional diminuiu 38,5% e a dívida pública aumentou 3,6% (tanto a dívida como o fluxo estão concentrados no Rio Grande do Sul).

A arrecadação dos estados do Sul aumentou 0,5% em termos nominais no ano, em relação a 2019. Após o impacto do menor nível de atividade econômica, especialmente no segundo trimestre, houve recuperação no último, com crescimento de 6,6% sobre igual período de 2019. As transferências constitucionais da União aos estados e municípios do Sul, incluindo Fundeb, totalizaram R\$26,4 bilhões no ano, valor 3,5% inferior ao ano anterior.

O IPCA registrou aceleração na passagem do terceiro para o quarto trimestre, tanto nos preços livres quanto nos monitorados, fazendo com que o Sul registrasse a taxa mais alta, comparativamente às demais regiões. Manutenção da demanda aquecida e cotações elevadas no mercado internacional pressionaram os preços ao consumidor do segmento de alimentação no domicílio, sobretudo do arroz e do frango. O retorno parcial da atividade e a redução do distanciamento possibilitaram alguma recomposição nos preços dos serviços e de bens industriais, em especial de transportes – automóvel novo, por exemplo, que recuperou a queda observada no trimestre anterior. Da mesma forma, a aceleração em monitorados repercutiu, em boa medida, os reajustes em gasolina, que, após quedas no primeiro

Tabela 5.7 – IPCA – Sul

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação % no período			
		2019	2020		
		Ano	III Tri	IV Tri	Ano
IPCA	100,0	4,02	1,35	3,31	4,09
Livres	74,3	3,68	0,97	3,32	4,92
Alimentação no domicílio	15,3	7,29	3,71	8,66	17,20
Bens industrializados	24,9	1,69	1,11	2,40	2,91
Serviços	34,1	3,38	-0,25	1,71	1,52
Administrados	25,7	5,04	2,44	3,28	1,81
Principais grupos					
Alimentação	21,1	5,99	2,89	6,44	13,75
Habitação	14,7	2,44	0,26	5,34	5,41
Artigos de residência	4,2	-0,91	3,33	4,95	6,51
Vestuário	4,8	1,15	0,22	1,18	0,44
Transportes	22,1	3,14	3,43	3,35	0,35
Saúde	11,8	5,92	-0,10	0,58	0,13
Despesas pessoais	10,2	5,66	-0,03	0,42	-0,01
Educação	5,4	4,67	-3,14	0,53	1,48
Comunicação	5,7	1,32	0,50	0,93	2,82

Fonte: IBGE

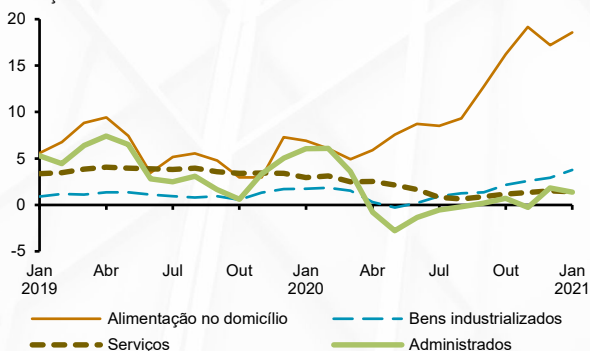
1/ Referentes a dezembro de 2020.

e segundo trimestres de 2020, apresentaram altas significativas no terceiro e quarto. No ano, os preços refletiram os efeitos da pandemia, com pressões altistas em alimentação, habitação e residência, e menores reajustes nos demais segmentos. Em janeiro de 2021, o IPCA seguiu pressionado por alimentação no domicílio, além de alta em serviços subjacentes.

Na edição anterior deste Boletim, o cenário apontava para evolução benigna da crise sanitária, com redução das restrições ao funcionamento das empresas e maior mobilidade das pessoas, o que estimularia a atividade econômica, especialmente a de serviços, mais diretamente afetada pelo distanciamento social. No entanto, a pouca previsibilidade associada à evolução da pandemia aumenta a incerteza sobre a continuidade da retomada econômica. De outra parte, espera-se a recomposição dos estoques de matérias-primas e insumos industriais, contribuindo para a continuidade do crescimento da indústria no curto prazo, e efeitos favoráveis da renda agrícola no primeiro trimestre.

Gráfico 5.5 – IPCA – Sul

Variação % em 12 meses



Fontes: IBGE e BCB

5.1 Paraná

Gráfico 5.1.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Paraná
Dados dessazonalizados

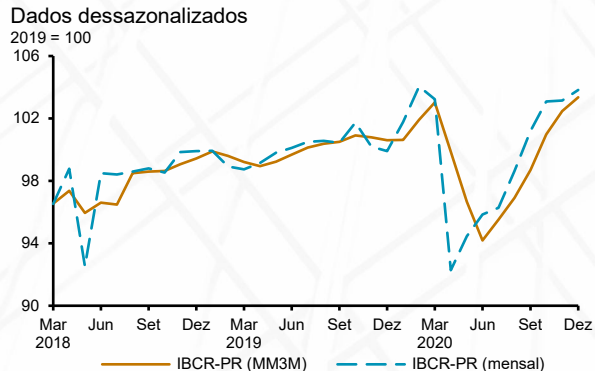


Tabela 5.1.1 – Produção agrícola – Paraná
Itens selecionados

Discriminação	Pesos ^{1/}	Produção ^{2/}	Em mil toneladas	
			Variação %	
			2021	2020/2019
Grãos	76,1	40 949	12,0	1,4
Soja	46,7	20 501	29,1	-1,8
Milho	20,0	16 948	-8,2	11,3
Trigo	4,5	2 144	43,8	-30,1
Feijão	3,6	756	-4,5	28,7
Outras lavouras				
Cana-de-açúcar	6,9	39 000	-4,0	1,3
Fumo	3,9	153	3,7	-12,7
Mandioca	3,2	3 532	9,8	2,0
Batata-inglesa	2,6	820	0,2	7,8
Tomate	1,4	215	4,3	-12,9

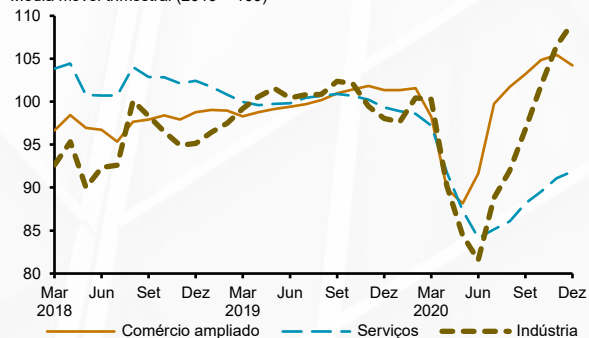
Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2019.

2/ Estimativa segundo o LSPA de janeiro de 2021.

Gráfico 5.1.2 – Comércio, serviços e indústria – PR

Dados dessazonalizados
Média móvel trimestral (2019 = 100)



O PIB paranaense expandiu 5,6% no terceiro trimestre de 2020, comparativamente ao imediatamente anterior, de acordo com os dados dessazonalizados pelo Iparde, resultado de retomada gradual das atividades – após o distanciamento social para contenção da pandemia – e impulsionado pela indústria. De janeiro a setembro, por sua vez, o PIB retraiu 2,0%, ante igual período de 2019, impactado pela diminuição da atividade fabril e de serviços (alojamento e alimentação), além de menor geração de energia elétrica, devido à estiagem. O IBCR-PR manteve crescimento no quarto trimestre – dados dessazonalizados – alcançando patamar 0,7% acima do bimestre pré-pandemia¹⁴ e permanecendo estável ante 2019.

O desempenho do setor agrícola foi positivo em 2020, favorecido pela produção recorde de soja, preços elevados das *commodities* e forte demanda chinesa. A estiagem afetou a produtividade da lavoura de trigo e, associada à irregularidade nas chuvas, característica do fenômeno *La Niña*, atrasou a semeadura da safra de grãos de verão de 2021. Volume atípico de chuvas em janeiro dificultou tratos culturais e colheita em algumas áreas e pode afetar a qualidade da produção, que deve crescer 1,4%. Dentre as demais lavouras, destaque para o aumento esperado nas produções de cana-de-açúcar, mandioca e batata-inglesa, e a queda em fumo e tomate. De acordo com a Secretaria da Agricultura e do Abastecimento (Seab/PR), o agronegócio representou 80% das exportações estaduais em 2020 (US\$13,3 bilhões), 4% acima de 2019, 50% dos quais relativos à soja, seguida de carnes e produtos florestais.

A confiança dos empresários do comércio, em trajetória de recuperação desde outubro, se manteve em zona de otimismo, mas os componentes ‘expectativas’ e ‘investimentos’ estabilizaram na margem. A disposição a consumir das famílias, em recomposição desde setembro, ainda não atingiu zona de otimismo, enquanto o ritmo de melhora entre as que recebem acima de dez salários mínimos desacelerou.

O comércio paranaense continuou em expansão no quarto trimestre, situando-se 1,8% acima do patamar pré-crise. Sobressaíram, ante o trimestre anterior, as vendas de tecidos, vestuário e calçados, material de construção, e combustíveis e lubrificantes. No ano,

14/ Para fins de comparação, o primeiro bimestre de 2020 foi definido como o intervalo pré-pandemia da Covid-19.

Tabela 5.1.2 – Comércio varejista e ampliado – PR

Setores	Variação % no período			
	2019	2020		
	Ano	Set ^{1/}	Dez ^{1/}	12 meses
Comércio varejista	-0,7	5,9	1,2	0,7
Combustíveis e lubrificantes	-16,4	4,5	2,9	-4,3
Hiper., superm., prod. alim.	0,5	0,0	-2,0	4,8
Tec., vest. e calçados	-1,5	48,6	7,8	-20,6
Móveis e eletrodomésticos	-1,9	10,7	-3,0	11,8
Comércio ampliado	2,7	12,6	1,0	-0,4
Automóveis e motocicletas	8,7	26,4	2,4	-5,5
Material de construção	9,8	21,5	3,4	4,4

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Tabela 5.1.3 – Produção industrial – Paraná

Geral e setores selecionados

Setores	Pesos ^{1/}	Variação % no período		
		2020		
		Set ^{2/}	Dez ^{2/}	12 meses
Indústria geral	100,0	18,6	12,8	-2,6
Produtos alimentícios	22,7	4,9	-0,6	9,2
Deriv. petróleo e biocomb.	19,1	7,3	-1,4	7,6
Veículos, reb. e carrocerias	18,4	108,6	56,7	-22,2
Máquinas e equipamentos	6,7	21,0	67,9	-25,8
Celulose e prod. papel	5,5	-10,8	6,3	1,4
Outros produtos químicos	4,7	-9,4	5,1	-8,8

Fonte: IBGE

1/ Ponderação de atividades no VTI conforme a PIA 2010/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Tabela 5.1.4 – Evolução do emprego formal – PR

Novos postos de trabalho

Discriminação	Em mil			
	2019		2020 ^{1/}	
	IV Tri	Ano	IV Tri	Ano
Total	-8,6	66,7	54,7	50,7
Indústria de transformação	-5,6	1,6	13,3	25,9
Comércio	8,9	14,3	24,0	8,0
Serviços	-3,9	46,1	18,1	3,3
Construção civil	-4,2	5,5	1,6	14,8
Agropecuária	-2,0	-2,3	-1,6	1,7
Serviços ind. de utilidade pública	-0,3	0,0	-0,2	-0,3
Outros ^{2/}	-1,4	1,5	-0,4	-2,6

Fonte: Ministério da Economia

1/ Dados do Novo Caged sem ajuste para 2020.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outros.

os diferentes resultados dos segmentos restrito e ampliado decorreram da retração nas vendas automotivas.

No quarto trimestre, a indústria do Paraná manteve ritmo de crescimento, especialmente nos segmentos de veículos e de máquinas e equipamentos, que foram os mais impactados no início da pandemia. A produção fabril atingiu patamar superior ao do período pré-crise, com destaque para a fabricação de máquinas e equipamentos, produtos de madeira, produtos de metal e de minerais não metálicos. Assinale-se que os três últimos são insumos da construção civil, atividade com forte retomada e geração de empregos formais, e que inicia 2021 com grande número de lançamentos já aprovados.

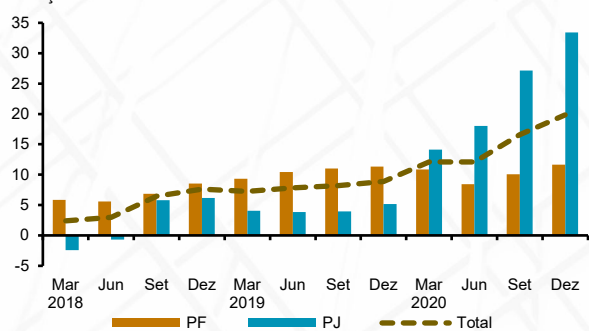
O emprego formal evoluiu favoravelmente no quarto trimestre, ampliando o ritmo de crescimento – considerando dados dessazonalizados, o estoque aumentou 2,3%, ante 1,2% no anterior. Em 2020, não obstante os efeitos da pandemia da Covid-19, sobretudo no segundo trimestre (destruição de 76 mil vagas), houve aumento do emprego formal. Além da indústria de produtos alimentícios – com peso significativo na estrutura econômica do Paraná – sobressaiu a reação do emprego na construção civil, especialmente em obras de infraestrutura. Algumas atividades, como a de alojamento e alimentação, ainda não recuperaram as perdas de vagas ocorridas, no entanto, o indicador geral acumulou alta de 0,4% no nível de emprego em 2020, na comparação com o ano anterior.

O mercado de crédito paranaense manteve trajetória de expansão, em maior ritmo no segmento empresarial, impulsionado, em parte, pelos programas de crédito emergencial e de suporte às empresas e à manutenção de empregos, em especial o Pronampe e o PEAC/FGI. O comércio atacadista, o transporte rodoviário de cargas e a indústria de alimentos sobressaíram na absorção dos recursos do sistema financeiro. No financiamento às famílias, sobressaiu a ampliação, ao longo do ano, do segmento de outros créditos livres, onde se incluem as renegociações de operações, financiamento imobiliário e crédito rural. Apesar das dificuldades enfrentadas tanto pelas empresas quanto pelas famílias, o ano fechou com recuo da inadimplência.

A balança comercial apresentou redução na corrente de comércio em 2020, com queda nas importações, em linha com a desaceleração da atividade. As

Gráfico 5.1.3 – Evolução do saldo das operações de crédito – Paraná^{1/}

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

Tabela 5.1.5 – IPCA – RMC

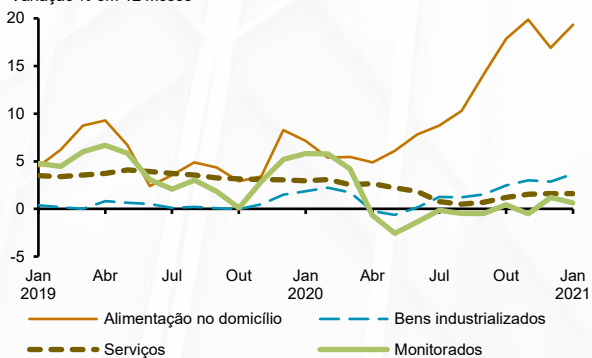
Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação % no período			
		2019	2020		
		Ano	III Tri	IV Tri	Ano
IPCA	100,0	3,99	1,30	3,31	3,95
Livres	76,1	3,54	1,12	3,29	4,85
Alimentação no domicílio	15,3	8,28	4,85	8,00	16,90
Bens industriais	27,1	1,51	1,27	2,48	2,86
Serviços	33,7	3,07	-0,53	1,89	1,60
Monitorados	23,9	5,21	1,88	3,34	1,20

Fonte: IBGE

1/ Referentes a dezembro de 2020.

Gráfico 5.1.4 – IPCA – RMC

Variação % em 12 meses



Fontes: IBGE e BCB

exportações apresentaram estabilidade e ressaltaram expansão nos produtos básicos, em especial soja e frango para a China. As importações, que destacaram petróleo e produtos químicos, retraíram, sobretudo as aquisições de bens de capital.

O IPCA acelerou no quarto trimestre, tanto nos preços livres quanto nos monitorados. No primeiro segmento, o reajuste em carnes consistiu na principal contribuição para alta do indicador, enquanto gasolina e gás de botijão pressionaram os preços monitorados no período. Além disso, a maior mobilidade possibilitou recuperação parcial de alguns preços de serviços, como passagem aérea e pacote turístico. No ano, o avanço dos preços foi especialmente condicionado pela evolução desfavorável em alimentação no domicílio, mitigada por baixos reajustes em monitorados e em serviços. Em doze meses até janeiro de 2021, o IPCA da Região Metropolitana de Curitiba (RMC) seguiu pressionado por alimentação no domicílio.

No quarto trimestre de 2020, o Paraná apresentou ritmo expressivo de recuperação. O aumento dos casos da Covid-19 em janeiro e início de fevereiro traz maior grau de incerteza quanto à continuidade do crescimento do consumo, já impactado pelo fim do pagamento do AE. Nesse sentido, a expectativa é de ritmo mais moderado da atividade no curto prazo, condicionado aos efeitos positivos da renda agrícola.

5.2 Rio Grande do Sul

Tabela 5.2.1 – PIB

Discriminação	%			
	III Tri/II Tri 2020		Acumul. no ano	
	Brasil	RS	Brasil	RS
Agropecuária	-0,5	39,8	2,4	-31,1
Indústria	14,8	19,7	-5,1	-8,8
Ind. de transformação	23,7	20,0	-7,4	-8,2
Serviços	6,3	4,2	-5,3	-5,3
Comércio	15,9	6,9	-5,0	-6,5
PIB a preços de mercado	7,7	12,9	-5,0	-8,6

Fontes: DEE/Seplag e IBGE

Gráfico 5.2.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Rio Grande do Sul

Dados dessazonalizados (MM3M)

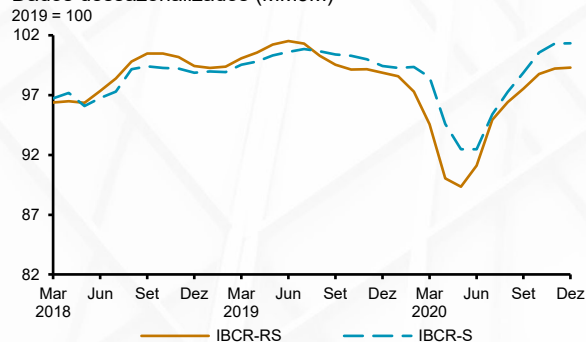
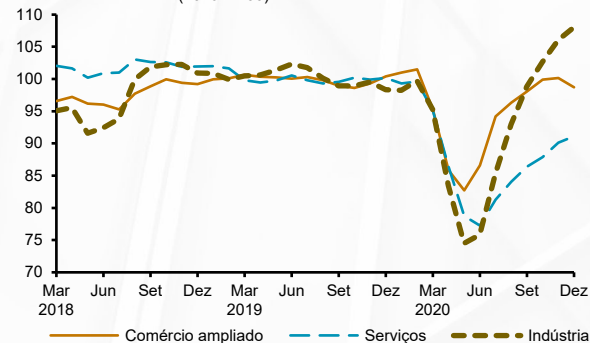


Gráfico 5.2.2 – Comércio, serviços e indústria – RS

Dados dessazonalizados

Média móvel trimestral (2019 = 100)



Fonte: IBGE

Os efeitos da estiagem e da pandemia, que causaram impactos severos na economia gaúcha no segundo trimestre de 2020, foram parcialmente revertidos no terceiro trimestre, tanto pela menor apropriação das colheitas de verão, concentradas nos primeiros meses do ano, quanto pela redução das restrições de mobilidade e funcionamento de atividades não essenciais. Repercutindo a base favorável de comparação, o PIB do Rio Grande do Sul apresentou taxa de crescimento superior à média para o país no terceiro trimestre. A despeito disso, no ano, o estado registrou queda mais intensa, decorrente, em especial, da quebra da safra gaúcha de grãos.

No quarto trimestre, a atividade econômica – medida pelo IBCR-RS – arrefeceu o ritmo de crescimento, e o avanço foi condicionado pelos desempenhos da indústria e dos serviços não financeiros, especialmente prestados às famílias. No ano, o desempenho do IBCR-RS foi o menor dentre as UFs pesquisadas. Além da crise sanitária, o estado, cujo crescimento em 2019 já fora inferior ao dos demais estados do Sul, sofreu com a estiagem e o baixo dinamismo do mercado de trabalho e da construção.

Sob a ótica da demanda, as vendas ao varejo ampliado subiram modestamente no quarto trimestre, destacando os desempenhos em tecidos, vestuário e calçados, e outros artigos de uso pessoal e doméstico. O comércio situa-se em patamar ainda inferior ao do período pré-crise¹⁵, sobretudo pelas menores vendas automotivas. Esse segmento consistiu no principal condicionante do recuo do setor em 2020.

Nos serviços não financeiros, os avanços dos dois últimos trimestres foram insuficientes para compensar o forte recuo nos dois primeiros e, no ano, o setor recuou significativamente, com queda em todos os segmentos, especialmente serviços às famílias.

O emprego reagiu no último trimestre de 2020, com a criação de vagas, principalmente nas indústrias alimentícia e calçadista, e no varejo, sendo que nos dois últimos segmentos houve recuperação de parte das vagas eliminadas nos dois trimestres anteriores. Considerando dados dessazonalizados, o nível de emprego formal aumentou 1,9% no

15/ Para fins de comparação, o primeiro bimestre de 2020 foi definido como o intervalo pré-pandemia da Covid-19.

Tabela 5.2.2 – Evolução do emprego formal – Rio Grande do Sul

Novos postos de trabalho

Discriminação	2019		2020 ^{1/}	
	IV Tri	Ano	IV Tri	Ano
Total	1,9	28,8	56,7	-14,5
Indústria de transformação	-10,5	-1,7	11,7	4,7
Comércio	13,3	8,2	25,5	-2,9
Serviços	1,5	26,2	16,4	-12,5
Construção civil	-2,7	-4,0	1,4	0,3
Agropecuária	0,5	-0,3	0,7	-1,7
Serviços ind. de utilidade pública	0,1	-0,1	0,3	0,1
Outros ^{2/}	-0,3	0,4	0,7	-2,4

Fonte: Ministério da Economia

1/ Dados do Novo Caged sem ajuste para 2020.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outros.

Tabela 5.2.3 – Produção industrial – Rio Grande do Sul

Geral e atividades selecionadas

Setores	Pesos ^{1/}	Variação % no período		
		2019	2020	
		Set ^{2/}	Dez ^{2/}	12 meses
Indústria geral	100,0	-0,2	10,1	-5,4
Produtos alimentícios	16,4	0,6	-6,1	-0,5
Veículos, reboques e carrocerias	13,8	-11,0	6,2	-21,9
Máquinas e equipamentos	12,0	2,7	26,9	-0,5
Outros produtos químicos	10,3	3,5	11,4	-4,4
Artef. couro e calçados	8,9	-35,1	4,2	-21,9

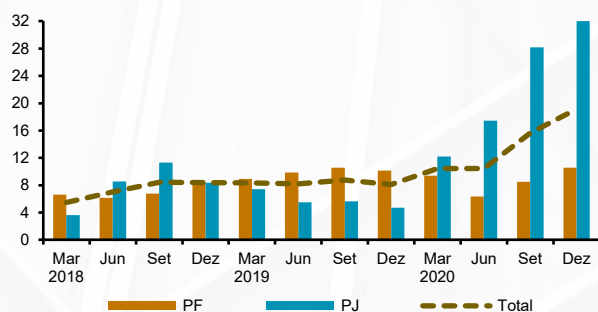
Fonte: IBGE

1/ Ponderação de atividades no VTI, conforme a PIA 2010/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 5.2.3 – Evolução do saldo das operações de crédito – Rio Grande do Sul^{1/}

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

período, em relação ao trimestre anterior. No ano, houve destruição de postos de trabalho. A reação observada a partir do retorno parcial da atividade foi insuficiente para compensar os desligamentos, com os piores resultados nos setores mais diretamente afetados pelo distanciamento social – alojamento e alimentação e transporte coletivo de passageiros –, além da indústria calçadista, que fechou 13 mil postos de trabalho em 2020. Adicionalmente, não se observou reação consistente na construção civil. O nível de emprego com carteira assinada recuou 2% no ano frente a 2019, consistindo no segundo pior desempenho entre os estados.

A produção industrial no último trimestre foi favorecida por resultados positivos em doze dos catorze segmentos, principalmente metalurgia, fumo, produtos de metal e máquinas e equipamentos. Com esse impulso, a atividade recuperou o nível pré-crise, contudo manteve-se aquém do ano anterior, com quedas de grande magnitude nos ramos mais impactados pela pandemia – produção de veículos e de calçados. Note-se que essas indústrias apresentaram forte retração, tanto nas vendas internas quanto nas exportações.

Além do recuo nos embarques desses segmentos, a menor atividade global levou à redução das vendas externas do estado. Com exceção de carnes, houve queda no valor dos embarques dos principais produtos da pauta. As importações, cujo maior parceiro é a Argentina, também decresceram significativamente, contribuindo para o *superavit* do comércio externo, embora inferior ao resultado de 2019.

O saldo das operações de crédito totalizou R\$289 bilhões em dezembro de 2020, repercutindo maior crescimento no segmento empresarial (PJ), relativamente ao crédito para as famílias (PF), ao longo de todo ano. As operações contratadas PJ destacaram o desconto de títulos, no segmento com recursos livres, e outros créditos direcionados, rubrica que inclui as linhas do Pronampe e do PEAC/FGI, voltadas principalmente a empresas de micro, pequeno e médio porte. Nas contratações com PF, além da predominância dos financiamentos imobiliários, destacaram-se os financiamentos rurais (contratados pela pessoa física, mas destinados à atividade) e o empréstimo consignado, modalidade com taxas de juros mais baixas e que tem tomado espaço de operações mais onerosas, como o cheque especial.

Tabela 5.2.4 – Produção agrícola – Rio Grande do Sul
Itens selecionados

Discriminação	Pesos ^{1/}	Produção ^{2/} 2021	Em mil toneladas	
			Variação %	
			2020/2019	2021/2021
Grãos	78,1	35 219	-24,4	34,5
Soja	50,5	19 421	-38,9	71,9
Arroz	14,7	7 620	8,3	-1,9
Milho	7,6	4 586	-26,7	9,0
Trigo	3,7	2 640	-8,0	25,5
Feijão	0,6	90	-11,7	10,9
Outras lavouras				
Fumo	8,1	343	-22,7	19,0
Mandioca	2,2	839	-10,9	5,9
Uva	2,1	875	10,3	19,0
Batata-inglesa	1,8	487	-19,5	33,6
Tomate	0,5	94	-13,7	4,7

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2019.

2/ Estimativa segundo o LSPA de janeiro de 2021.

Tabela 5.2.5 – IPCA – RMPA

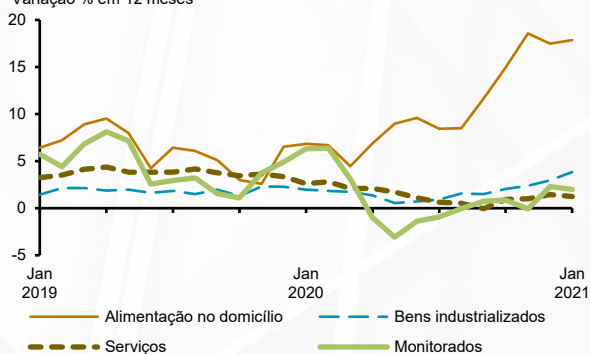
Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação % no período			
		2019	2020		
			Ano	III Tri	IV Tri
IPCA	100,00	4,08	1,39	3,31	4,22
Livres	72,58	3,79	0,82	3,34	4,99
Alimentação no domicílio	15,21	6,54	2,64	9,28	17,48
Bens industrializados	22,94	2,29	0,92	2,31	2,96
Serviços	34,44	3,36	0,00	1,54	1,45
Administrados	27,42	4,93	2,91	3,23	2,30

Fonte: IBGE

1/ Referentes a dezembro de 2020.

Gráfico 5.2.4 – IPCA – RMPA

Variação % em 12 meses



Fontes: IBGE e BCB

A estiagem prolongada em 2020 reduziu a oferta gaúcha de grãos, especialmente soja e milho. A lavoura de arroz, cultivada em sistema irrigado, mitigou o desempenho da agricultura. Para 2021, as condições climáticas não se alteraram significativamente e o *deficit* hídrico no solo atrasou a semeadura das culturas de verão, especialmente soja e milho 1ª safra. De acordo com levantamento da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), a estiagem comprometeu o desenvolvimento das lavouras não irrigadas e as perdas estimadas para o milho são significativas.¹⁶ O volume de precipitações em janeiro favoreceu lavouras cujo plantio ocorreu mais tarde, especialmente soja.

O IPCA da Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) acelerou no quarto trimestre de 2020, quando comparado ao imediatamente anterior. Esta aceleração repercutiu aumentos dos preços livres, em grande parte, carnes, tubérculos, raízes e legumes, e dos preços monitorados, sobretudo em energia elétrica residencial e gasolina. No início de 2021, mesmo com a desaceleração dos preços, permanecem as pressões em alimentação no domicílio e bens industriais. Em doze meses até janeiro de 2021, o IPCA da RMPA aumentou 4,30%, com destaque para alimentação no domicílio, 17,86%.

A evolução da economia do estado, no curto prazo, segue com alto nível de incerteza, decorrente da pouca previsibilidade associada à evolução da pandemia. No entanto, os resultados dos próximos meses serão favorecidos pelo bom desenvolvimento da produção de soja.

16/ Essas informações ainda não são observadas no LSPA do IBGE.

Inferências nacionais a partir dos indicadores regionais

6

A evolução recente dos indicadores de atividade corrobora o cenário de continuidade da recuperação da economia brasileira, após os fortes impactos da pandemia da Covid-19. Informações referentes ao último trimestre evidenciam expansão, apesar da redução parcial dos programas governamentais de recomposição de renda. O comportamento foi mais homogêneo entre setores e regiões, com destaque para os serviços, em linha com a melhora dos dados de mobilidade que, entretanto, ainda não refletem os efeitos do recrudescimento de casos, em especial no Norte. Nesse sentido, a pouca previsibilidade associada à evolução da pandemia e ao necessário ajuste dos gastos públicos a partir de 2021 aumenta a incerteza sobre o ritmo da retomada.

As economias regionais, após forte expansão no terceiro trimestre, mantiveram quadro de crescimento generalizado, mais intenso no Sudeste, onde sobressaíram os setores comércio e serviços mercantis e no Sul, com destaque para a indústria de transformação. O Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil (IBC-Br) subiu 3,2% no período.

A atividade no Norte, apesar do menor crescimento no trimestre, apresentou o melhor desempenho no ano, especialmente estimulado pelo comércio, decorrente, em grande parte, do aumento da renda das famílias. O setor industrial apresentou comportamento distinto entre os ramos, com modesta elevação na extrativa, enquanto a transformação foi bastante afetada pela crise sanitária, contribuindo para os resultados opostos nas duas principais economias da região (Amazonas e Pará).

Dentre os setores, os desempenhos regionais no quarto trimestre foram mais significativos nos serviços, favorecidos pela maior mobilidade, e na indústria, em movimento de recomposição de estoques. O comércio varejista restrito registrou relativa acomodação, após forte expansão no terceiro trimestre, em linha com o esperado arrefecimento dos efeitos dos benefícios emergenciais (especialmente AE e antecipação do décimo terceiro para aposentados

Tabela 6.1 – Índice de Atividade Banco Central – IBC
Brasil e regiões^{1/}

Discriminação	2020					%
	Dez	Mar	Jun	Set	Dez	
Brasil	0,4	-1,5	-10,2	8,5	3,2	
Norte	0,9	-1,0	-4,9	7,7	0,7	
Nordeste	0,2	-0,3	-5,6	4,5	1,8	
Centro-Oeste	-0,9	0,6	-2,8	1,3	2,1	
Sudeste	1,0	-0,7	-6,8	6,5	2,6	
Sul	-1,0	-0,8	-6,1	6,9	2,5	

^{1/} Variação do trimestre em relação ao anterior; séries com ajuste sazonal.

O resultado nacional não representa necessariamente a média dos resultados regionais.

Tabela 6.2 – Índice de volume de vendas
Brasil e regiões^{1/}

Discriminação	Variação percentual				
	2019	2020			
	Dez	Mar	Jun	Set	Dez
Comércio varejista					
Brasil	1,6	-1,3	-8,5	15,5	-0,2
Norte	2,6	-3,9	-9,1	29,5	-1,8
Nordeste	2,7	-5,1	-14,4	28,6	0,2
Centro-Oeste	0,7	-0,3	-7,0	10,9	-0,1
Sudeste	1,8	1,0	-10,7	15,2	0,4
Sul	1,8	-2,8	-2,0	7,2	0,3
Comércio ampliado					
Brasil	2,1	-3,0	-14,9	23,4	2,8
Norte	3,4	-4,0	-11,8	36,1	-0,8
Nordeste	2,1	-6,2	-17,6	34,1	1,3
Centro-Oeste	0,6	-3,8	-8,5	15,7	2,5
Sudeste	1,7	-1,9	-17,0	24,4	2,8
Sul	1,5	-5,3	-6,0	14,2	1,0

Fontes: IBGE e BCB

1/ Variação do trimestre em relação ao anterior; séries com ajuste sazonal.

Tabela 6.3 – Volume de serviços
Brasil e regiões^{1/}

Discriminação	%				
	2019	2020			
	Dez	Mar	Jun	Set	Dez
Brasil	0,8	-2,9	-15,4	9,0	5,8
Norte	0,8	-0,9	-10,0	9,3	4,3
Nordeste	-2,3	-3,0	-20,7	9,0	11,0
Centro-Oeste	-1,4	-1,3	-8,9	4,5	0,6
Sudeste	1,8	-2,9	-15,3	8,6	6,0
Sul	-0,1	-2,5	-16,0	9,4	5,6

Fontes: IBGE e BCB

1/ Variação do trimestre em relação ao anterior; séries com ajuste sazonal.

Tabela 6.4 – Geração de postos de trabalho^{1/}

Discriminação	Mil				
	2019	2020			
	Dez	Mar	Jun	Set	Dez
Brasil	-137,2	25,5	-1 204,2	667,3	742,8
Norte	-5,4	4,2	-30,7	56,2	31,3
Nordeste	6,8	-64,9	-178,4	170,1	142,6
Centro-Oeste	-40,6	21,5	-55,6	51,0	37,4
Sudeste	-88,6	-12,8	-659,7	267,0	365,9
Sul	-9,5	77,4	-279,8	123,1	165,7

Fonte: Caged

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês indicado.

e pensionistas). Tal cenário ocorreu em linha com o sinalizado no último Boletim Regional, com base nas informações de mobilidade e de transações comerciais efetuadas com cartão de débito.

O comércio registrou acomodação no último trimestre de 2020 em todas as regiões, especialmente no conceito restrito. As vendas nesse segmento recuaram no Norte e ficaram relativamente estáveis nas demais regiões. O comércio ampliado expandiu, sobretudo pelas vendas de veículos, favorecidas pelas condições de crédito. No Norte, apesar das variações no último trimestre, as vendas do comércio restrito e ampliado registraram as maiores expansões regionais no ano, repercutindo os efeitos da recuperação da economia, impulsionada pelos programas governamentais de complementação de renda. Em sentido contrário, os resultados do Nordeste ficaram abaixo do desempenho das demais regiões, com retração das vendas nos dois conceitos, em cenário de desemprego elevado.

O volume de serviços não financeiros, auxiliado pela maior mobilidade no último trimestre, registrou expansão generalizada e superior aos resultados da indústria e do comércio. O Nordeste apresentou o melhor desempenho no período, com aumento mais expressivo dos serviços às famílias, que se encontrava bastante deprimido. No ano, contudo, houve recuo em todas as regiões e, similar ao ocorrido no comércio, sobressaiu positivamente, o Norte, e negativamente, o Nordeste. Esse setor deve ser influenciado no início de 2021 pela piora da mobilidade e pelo recrudescimento da Covid-19, especialmente no Norte.¹⁷

Os dados do mercado de trabalho formal evidenciam continuidade da recuperação do emprego no quarto trimestre do ano. A criação de postos ocorreu em todas as regiões, com destaque para o Sudeste, que, apesar do resultado, foi a única região com eliminação de postos de trabalho no ano (39,7 mil). Por atividade, as contratações da construção civil, nessa base de análise (118,4 mil no país), foram positivas em todas as regiões. Em sentido oposto, houve demissões líquidas, em todas as regiões, nos segmentos de alojamento e alimentação (227,7 mil) e educação (71 mil).

A taxa de desocupação¹⁸, dados disponíveis até o terceiro trimestre, aumentou em todas as regiões,

17/ Ver boxe: "Comparação de indicadores de atividade econômica de alta frequência do Amazonas", neste Boletim Regional.

18/ Segundo dados da PNAD Contínua Trimestral.

Tabela 6.5 – Taxa de desocupação

Discriminação ^{1/}	%				
	2019		2020		
	III Tri	IV Tri	I Tri	II Tri	III Tri
Brasil	11,8	11,0	12,2	13,3	14,6
Norte	11,7	10,6	11,9	11,8	13,1
Nordeste	14,4	13,6	15,6	16,1	17,9
Centro-Oeste	10,1	9,3	10,6	12,5	12,7
Sudeste	11,9	11,4	12,4	13,9	15,4
Sul	8,1	6,8	7,5	8,9	9,4

Fonte: IBGE

1/ Taxa trimestral.

Tabela 6.6 – Operações de crédito do SFN^{1/}

Dezembro de 2020

Discriminação	Operações de crédito						Var %
	Trimestre			12 meses			
	PJ	PF	Total	PJ	PF	Total	
Brasil	5,0	5,7	5,4	22,6	11,3	16,1	
Norte	9,1	6,1	7,1	26,7	13,9	17,8	
Nordeste	7,1	5,7	6,1	17,2	9,8	12,1	
Centro-Oeste	3,8	5,8	5,1	23,3	13,9	17,2	
Sudeste	4,2	5,6	4,9	20,6	10,7	15,5	
Sul	6,6	6,1	6,3	30,8	11,6	19,2	

1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

Tabela 6.7 – Estimativa da produção anual de grãos^{1/}

Brasil e regiões

Discriminação	Peso ^{2/}	Em milhões de toneladas			Variação %
		Produção ^{3/}		2021/2020	
		2020	2021		
Brasil	100,0	254,1	262,2	3,2	
Norte	4,2	11,0	10,8	-2,1	
Nordeste	10,0	22,6	22,7	0,4	
Centro-Oeste	43,0	121,7	120,5	-1,1	
Sudeste	10,7	25,7	25,6	-0,7	
Sul	32,2	73,0	82,8	13,3	

Fonte: IBGE

1/ Cereais, leguminosas e oleaginosas.

2/ Participação no valor da produção nacional de cereais, leguminosas e oleaginosas – PAM 2019.

3/ Estimativa segundo o LSPA de janeiro de 2021.

comparativamente ao mesmo período de 2019. Esse resultado sinaliza que o ajuste do mercado de trabalho continua e possui defasagem em relação à atividade econômica. Regionalmente, observa-se impacto mais pronunciado do desemprego no Nordeste e Sudeste.

O mercado de crédito manteve, no quarto trimestre, o ritmo de expansão do trimestre anterior com maior crescimento dos empréstimos às famílias. Esses empréstimos, impulsionados pela recuperação das operações de cartão de crédito à vista, cresceram em linha com a retomada da atividade econômica. O financiamento às empresas nesse período foi marcado pela continuidade da forte demanda nas linhas de crédito emergencial criadas para garantir funcionamento das empresas durante a pandemia, principalmente as de micro, pequeno e médio porte, em especial as operações de Pronampe e PEAC/FGI¹⁹. Regionalmente, o aumento do crédito às empresas foi mais significativo no Norte e no Nordeste, impulsionados por contratações das empresas de comércio e indústrias de transformação no Norte, e de comércio e de outros serviços no Nordeste.

No ano, o crescimento do saldo foi mais intenso para PJ em todas as regiões, com destaque para o Sul e Norte, enquanto os empréstimos para PF expandiram com maior intensidade no Norte e Centro-Oeste. Merece destaque a tendência de redução da inadimplência em todas as regiões ao longo do ano.

O IBGE estima expansão de 3,2% na produção brasileira de cereais, leguminosas e oleaginosas em 2021. Arroz, milho e soja representam 93,4% da estimativa e suas colheitas devem variar, respectivamente, -0,6%, 0,4% e 7,2%. O Sul (+9,7 milhões de toneladas) e o Nordeste (+0,1 milhão de toneladas) devem aumentar a produção. Ressalte-se que as condições climáticas de *La Niña* impactaram a produtividade das lavouras, afetadas, também, pela ocorrência de temperaturas inferiores à média climatológica e menor luminosidade. Contudo, melhoraram as condições dos reservatórios, fundamentais à irrigação. Destaque para a expectativa de aumento de área e produção de feijão 2^a safra, favorecido pelo patamar de preços. Relativamente ao algodão, após produção recorde nos últimos três anos, a diminuição na demanda internacional, decorrente da pandemia

19/ Programa Nacional de Apoio às Microempresas e Empresas de Pequeno Porte (Pronampe): crédito emergencial para microempresas e empresas de pequeno porte para investimentos e capital de giro, por meio da disponibilização de garantias do Fundo de Garantia de Operações (FGO); Programa Emergencial de Acesso ao Crédito no âmbito do Fundo Garantidor para Investimentos (PEAC/FGI): destinado a pequenas e médias empresas (PME), por meio da concessão de garantias pela União para agentes financeiros.

Tabela 6.8 – Produção física da indústria
Brasil e regiões^{1/}

Discriminação	Peso ^{2/}	2020					%
		2019		2020			
		Dez	Mar	Jun	Set	Dez	
Brasil	100,0	1,0	-2,5	-17,5	22,3	5,1	
Norte	5,9	0,1	-4,6	-19,1	32,5	2,1	
Nordeste	9,5	4,8	-0,4	-24,7	30,2	6,3	
Centro-Oeste	3,5	3,4	-4,0	0,9	-0,4	-3,8	
Sudeste	62,7	-0,5	-1,3	-16,5	20,8	3,9	
Sul	18,5	-2,1	-1,7	-19,2	26,2	10,6	

Fontes: IBGE e BCB

1/ Variação do trimestre em relação ao anterior; séries com ajuste sazonal.

2/ Participação no Valor da Transformação Industrial (VTI), segundo a PIA 2010.

da Covid-19, associada ao atraso na semeadura da safra de verão, influenciou a decisão de plantio dos agricultores. Dentre outras lavouras com impactos importantes nos preços ao consumidor, sobressaem as maiores produções de banana (+3,2%), laranja (+0,8%) e tomate (1,2%), e as menores de café e mandioca (-0,8%).

A produção industrial manteve recuperação no quarto trimestre, com exceção do Centro-Oeste. No trimestre, o setor enfrentou dificuldades de insumos e matérias-primas, decorrente do aumento rápido e intenso da demanda em alguns segmentos concomitante à redução provisória na oferta, que afetou o nível de estoques. O movimento de normalização do fornecimento de insumos e de recomposição dos estoques deve continuar ocorrendo nos próximos meses. Assinale-se o maior crescimento no Sul, principalmente em atividades anteriormente mais impactadas pela crise sanitária – calçados, vestuário e automóveis. No curto prazo, apesar da incerteza sobre a evolução da economia, a produção industrial tende a apresentar desempenho superior aos indicadores de demanda, em movimento de recomposição de estoques, que se encontram em patamar baixo tanto na atividade fabril quanto varejista.

Tabela 6.9 – Balança comercial regional – FOB
Janeiro-Dezembro

Região	US\$ bilhões					
	Exportações		Importações		Saldo	
	2019	2020	2019	2020	2019	2020
Total	225,4	209,8	177,3	158,9	48,0	50,9
Norte	21,4	24,7	12,7	12,0	8,8	12,7
Nordeste	16,9	16,1	20,2	14,4	-3,3	1,7
Centro-Oeste	29,7	32,4	9,1	8,4	20,7	24,0
Sudeste	111,4	96,9	95,8	90,2	15,6	6,7
Sul	44,0	38,6	39,5	33,9	4,4	4,7
Outros ^{1/}	1,9	1,0	0,1	0,0	1,8	1,0

Fonte: Ministério da Economia

1/ Referem-se a operações não classificadas regionalmente.

A balança comercial registrou elevação do *superavit* em 2020, em decorrência de menor redução das exportações relativamente às importações. Todas as regiões apresentaram melhoria nos resultados, com exceção do Sudeste, cujas vendas de produtos industrializados vêm apresentando queda acentuada. O desempenho das exportações de *commodities* agropecuárias (decorrente de *quantum* e preços) e minerais (preços) explica os bons números do Centro-Oeste e do Norte, únicas regiões com crescimento das exportações.²⁰ Ressalte-se, ainda, a reversão do saldo comercial do Nordeste, para *superavit* de US\$1,7 bilhão, repercutindo, principalmente, a retração das importações (28,6%), a maior dentre as regiões. Dados para janeiro, mostram a continuidade do aumento do saldo no Norte, favorecido pelos preços recordes das *commodities* metálicas, e da possibilidade de aumento de sua produção na região.

A inflação, medida pela variação do IPCA, situou-se acima do esperado no quarto trimestre, com pressões decorrentes da continuidade da alta dos preços dos alimentos, consequência da depreciação persistente do Real e da mudança de hábitos de consumo. Os

20/ Ver boxe “Dinâmica das exportações regionais em 2020” neste Boletim Regional.

Tabela 6.10 – IPCA

Discriminação	Peso	2020				%
		2019	Ano	III Tri	IV Tri	
IPCA						
Brasil	100,0	4,31	1,24	3,13		4,52
Norte	4,7	5,35	1,73	3,28		4,79
Nordeste	15,9	4,12	1,35	2,90		5,08
Centro-Oeste	7,9	4,20	1,86	3,07		4,36
Sudeste	55,4	4,35	1,02	3,14		4,46
Sul	16,2	4,02	1,35	3,31		4,09
Livres						
Brasil		3,88	0,93	3,28		5,19
Norte		5,05	1,29	3,73		6,25
Nordeste		3,45	1,02	2,89		5,70
Centro-Oeste		4,26	1,29	3,20		4,64
Sudeste		3,88	0,79	3,36		5,09
Sul		3,68	0,97	3,32		4,92
Monitorados						
Brasil		5,53	2,15	2,69		2,63
Norte		6,35	3,00	2,02		0,83
Nordeste		6,24	2,33	2,92		3,35
Centro-Oeste		4,03	3,45	2,70		3,60
Sudeste		5,64	1,68	2,49		2,65
Sul		5,04	2,44	3,28		1,81

Fontes: IBGE e BCB

preços de serviços também aumentaram em todas as regiões no período, em boa medida refletindo o aumento sazonal em passagens aéreas e a diminuição parcial de descontos aplicados sobre os preços de educação. Regionalmente, a inflação em 2020 foi mais elevada no Nordeste, com algum efeito do peso dos alimentos e a maior elevação dos preços de monitorados. Informações do IPCA de janeiro mostram preços ainda pressionados, principalmente em alimentação e bens industriais.

Em síntese, os principais indicadores confirmam a continuidade da recuperação da atividade no quarto trimestre de 2020. No ano, os impactos da pandemia determinaram o comportamento da economia ao longo dos trimestres e foram mitigados pelos programas governamentais de sustentação do emprego e renda, que permitiram reação mais rápida de alguns segmentos, inclusive o de bens duráveis. Prospectivamente, a pouca previsibilidade associada à evolução da pandemia e ao necessário ajuste dos gastos públicos a partir de 2021 aumenta a incerteza sobre o ritmo da retomada. Informações setoriais do início de 2021 confirmam maior acomodação da atividade, refletida nos indicadores de mobilidade e nas vendas com cartão de débito, principalmente no Norte.

Evolução do Índice de Atividade Econômica Regional em 2020

A atividade econômica em 2020, similar ao ocorrido em outras economias, foi condicionada pelos efeitos da pandemia da Covid-19, com resultados heterogêneos sobre os setores. Os programas governamentais de recomposição de renda favoreceram o setor de bens, enquanto as atividades de serviços, sobretudo as mais diretamente afetadas pelo distanciamento social, enfrentaram maior redução da demanda, com desempenho relativamente mais positivo apenas no último trimestre do ano. Essa desigualdade setorial, aliada às especificidades das estruturas produtivas e do alcance das medidas governamentais, determinou os distintos resultados regionais.

Tabela 1 – Índice de Atividade Econômica Regional

Discriminação	Peso ^{1/}	Variação % anual	
		2019	2020
Norte	5,5	2,6	0,4
Amazonas	1,4	4,5	-2,8
Pará	2,3	1,6	1,7
Nordeste	14,3	0,7	-2,1
Ceará	2,2	2,4	-2,8
Pernambuco	2,7	1,2	0,0
Bahia	4,1	0,0	-3,2
Centro-Oeste	9,9	2,8	0,2
Goiás	2,8	2,5	-1,1
Sudeste	53,1	1,8	-1,3
Minas Gerais	8,8	0,0	-0,9
Espírito Santo	2,0	-2,7	-4,3
Rio de Janeiro	10,8	2,1	-2,3
São Paulo	31,6	2,4	-1,0
Sul	17,1	2,3	-2,1
Paraná	6,3	2,4	0,1
Santa Catarina	4,3	2,6	-1,6
Rio Grande do Sul	6,5	1,9	-4,7

1/ Contas Regionais 2018 (IBGE).

provisória na oferta de alguns segmentos pressionaram os preços de diversos bens. No mesmo período as sondagens com empresários industriais começaram a apontar falta de insumos e matérias-primas como fatores limitativos da produção em alguns segmentos. No quarto trimestre, as regiões apresentaram trajetória de recuperação mais gradual, refletindo, além da base de comparação mais elevada, os efeitos da redução das medidas governamentais, entre elas o valor do auxílio emergencial (AE), e, possivelmente, o aumento da incerteza quanto à evolução da pandemia.

No primeiro bimestre, as economias mantiveram trajetória de recuperação gradual da atividade, que caracterizara o desempenho dos anos anteriores. No entanto, a partir de março, observou-se desaceleração econômica, com restrição da oferta de bens e serviços pela paralisação parcial das atividades e mudança de comportamento dos agentes, com rápida e significativa retração da demanda. O segundo trimestre marcou o pior momento da crise. Houve aumento das incertezas e disseminação da Covid-19 pelo país, que levou à menor mobilidade e conseqüente redução da atividade, sobretudo de serviços prestados às famílias, que caíram a menos da metade do patamar anterior à crise.

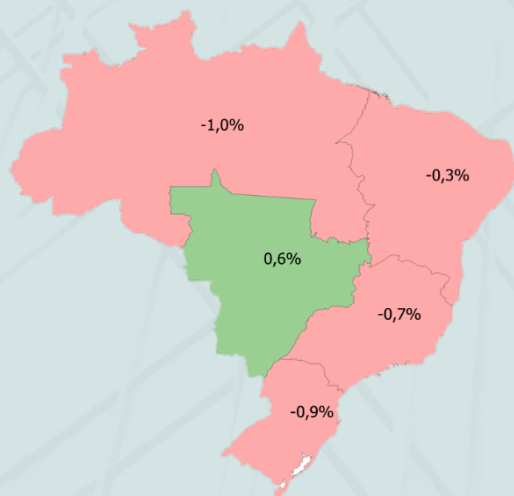
Nesse período programas governamentais foram criados para a sustentação do emprego e da renda e para suporte às empresas^{1/}. Seus efeitos, aliados ao aumento da mobilidade, favoreceram o forte crescimento da economia no terceiro trimestre. Nesse contexto, o retorno da demanda mais rápido do que o inicialmente esperado e a redução

1/ Para desempregados, trabalhadores informais e de baixa renda, microempreendedores individuais, autônomos e contribuintes individuais do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) foi criado o Auxílio Emergencial (AE), que beneficiou 67,9 milhões de pessoas e disponibilizou R\$288,7 bilhões (até 21.12.2020). Para atendimento às empresas, foram instituídos o Programa Nacional de Apoio às Microempresas e Empresas de Pequeno Porte (Pronampe), o Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e da Renda (PEMER), o Programa Emergencial de Acesso a Crédito (PEAC) e o Programa Emergencial de Suporte do Emprego (PESE).

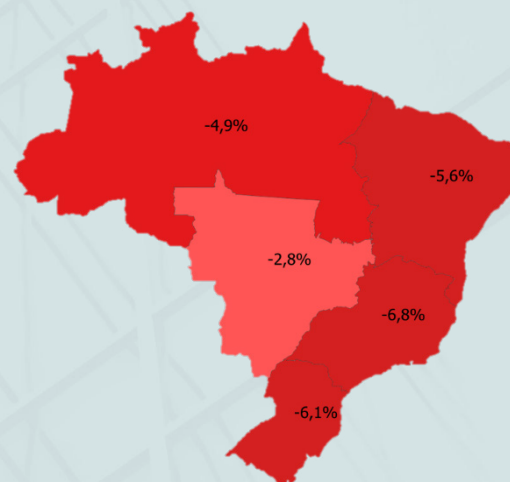
Mapas – Variação no trimestre em relação ao trimestre anterior

(Dados dessazonalizados)

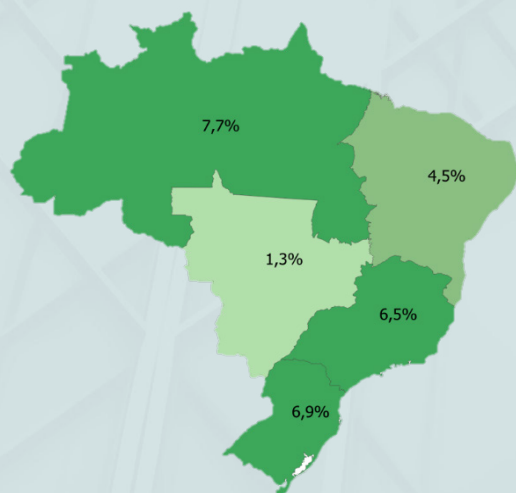
I Trimestre



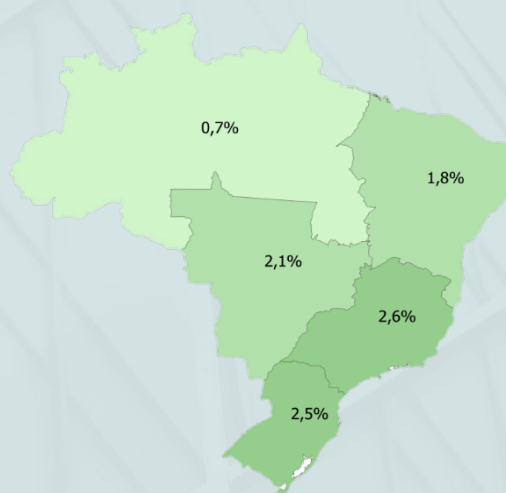
II Trimestre



III Trimestre



IV Trimestre



Ainda que o processo econômico descrito tenha caracterizado todas as regiões, os resultados de 2020 dos Índices de Atividade Econômica Regional (IBCR) divergiram – Norte e Centro-Oeste registraram desempenho positivo e as demais regiões, contração da atividade.

A economia do Norte foi especialmente estimulada pelo desempenho do comércio – cujos resultados foram superiores aos das demais regiões –, decorrente em parte do aumento da renda das famílias, favorecido pela concessão do AE, que atingiu 57% dos domicílios da região em novembro de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – COVID19 (PNAD COVID19) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Adicionalmente, a agricultura, com alta de 5,2% na produção de grãos, e a construção civil, que totalizou geração de 9,3 mil vagas de emprego formal, impulsionaram o resultado. A indústria apresentou comportamento distinto entre os ramos: a extrativa assinalou modesta expansão, enquanto a transformação foi bastante afetada pela crise sanitária.

O desempenho da atividade no Centro-Oeste repercutiu a combinação de sua estrutura produtiva² com a safra recorde de grãos e as cotações das *commodities*, em especial de soja e carnes, que impulsionaram as

2/ As atividades relacionadas com o setor primário e com o beneficiamento e distribuição desses produtos possuem pesos significativos na estrutura produtiva. Essas atividades, por sua essencialidade, não sofreram restrição ao funcionamento e explicam, em parte, a retração relativamente pequena ocorrida no segundo trimestre.

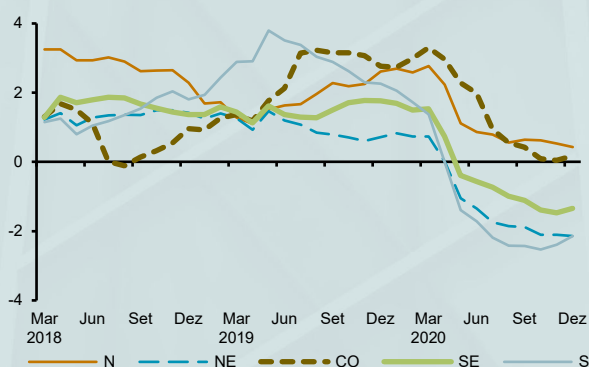
vendas externas. A produção agrícola registrou elevação nas colheitas dos três principais grãos (soja, milho e algodão) e houve crescimento na fabricação de alimentos, ramo com participação superior a 50% no VTI da região. O crescimento do IBCR-CO também foi favorecido pelas altas no varejo e nos serviços de transporte.

No Sudeste, a estrutura produtiva diversificada permitiu que as atividades mais impactadas pela crise tivessem seus resultados compensados, em parte, pela evolução favorável de outras. No setor de serviços, o segmento de atendimento às famílias permaneceu deprimido; no entanto, os serviços financeiros, fortemente concentrados na região, tiveram alta significativa, refletindo a maior demanda das empresas por recursos, face à redução dos fluxos de caixa, e o acesso às linhas especialmente criadas para combate aos efeitos econômicos da pandemia. Na indústria, a menor produção de veículos contrapôs-se à ampliação em alimentos, produtos químicos, farmoquímicos e de limpeza e higiene pessoal. A construção civil, embora tenha recuado no ano, apresentou crescimento no quarto trimestre, em relação ao anterior (dados dessazonalizados). A redução do estoque de imóveis e a geração líquida de 45,6 mil empregos formais em 2020 sugere a continuidade do processo de recuperação da atividade na região.

O menor ritmo da atividade no Nordeste, apesar do desempenho agrícola, decorreu sobretudo das adversidades dos serviços de maior interação entre as pessoas, que têm maior peso na região³. Essas adversidades impactaram o mercado de trabalho, com efeitos sobre o comércio, cujo volume acumulou queda – no conceito restrito (exclusive comércio automotivo e de material de construção), a região foi a única a reduzir as vendas em 2020. Como fator de mitigação, o Nordeste foi beneficiado pela concessão do AE, que atingiu 55,3% dos domicílios da região em novembro de acordo com a PNAD COVID19.

A produção de grãos do Sul recuou em 2020, pelas quebras das safras de verão no Rio Grande do Sul (soja e milho), não contribuindo para atenuar os efeitos da pandemia, a exemplo do ocorrido nas demais regiões. No indicador geral, indústria e comércio recuaram, porém com resultados díspares entre os segmentos. A produção industrial registrou recuo em veículos, vestuário e calçados, e destacou, positivamente, a indústria de alimentos, máquinas, aparelhos e materiais elétricos, produtos de metal, refino de petróleo e celulose. No comércio, o padrão observado foi similar ao das demais regiões, com destaque para a alta nas vendas de produtos alimentícios. A construção civil, condicionada pelos resultados de Santa Catarina e Paraná, com redução do estoque de imóveis residenciais, apresentou crescimento no ano.

Gráfico 1 – IBCR
Var. % em 12 meses

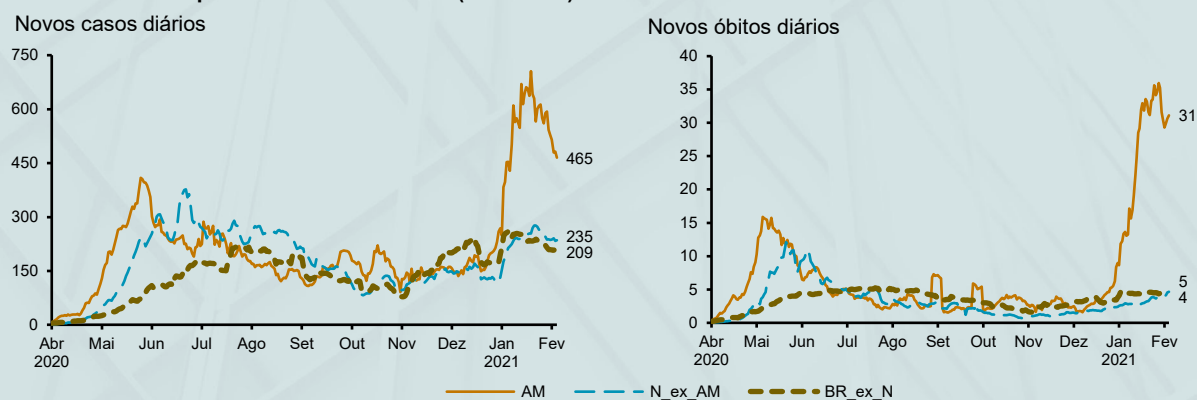


3/ Os serviços sociais (comércio, transporte, armazenagem e correio, alojamento e alimentação, atividades imobiliárias, atividades administrativas e serviços complementares, educação, saúde e serviços sociais, artes, cultura, esportes e recreação, outras atividades de serviços e serviços domésticos) representam 70% do total de ocupados não agropecuários na região ante 64% nas demais regiões.

Comparação de indicadores de atividade econômica de alta frequência do Amazonas

Nos últimos dois meses, o Amazonas apresentou aumento do número de novos casos e óbitos relacionados à Covid-19, atingindo patamares maiores que os observados em qualquer momento de 2020. A evolução desses números, aliada às medidas de restrição da circulação das pessoas e do funcionamento de atividades não essenciais, impactou a atividade econômica local. Este box apresenta a evolução recente de indicadores de alta frequência para o Amazonas em perspectiva comparada com a região Norte (exclusive Amazonas) e o Brasil (exclusive Norte), contribuindo para a avaliação da conjuntura econômica do estado.

Gráfico 1 – MM7D por milhão de habitantes (até 11/ fev)



Dados mais tempestivos confirmam a retração no comércio no estado. As transações de bens e serviços efetuadas com cartão de débito registraram recuo de 13% na média móvel de sete dias até 10 de fevereiro em relação ao mesmo período do ano anterior, segundo dados da Câmara Interbancária de Pagamentos – Sistema de Liquidação de Cartões (CIP/SLC). Destaque para as contrações em “vestuário e calçados” (82%) e em “restaurantes e similares” (54%). Comparativamente, o Norte (ex-Amazonas) registrou expansão em praticamente todos os segmentos no mesmo período, sugerindo que a piora no Amazonas não decorreu exclusivamente do fim do Auxílio Emergencial.

Gráfico 2 – Compras com cartão de débito – MM7D, YoY% (até 10/fev)



Os impactos da intensificação da epidemia e das medidas de restrição à circulação também podem ser observados pelos dados disponibilizados pelas plataformas tecnológicas *Google Mobility* e *Inloco*. De acordo com o *Google Mobility Report*, a média móvel de sete dias até 12 de fevereiro apresentou retração de 47% na tendência de mobilidade na categoria “Lazer e varejo”, que engloba lugares como restaurantes, shoppings, cinemas, entre outros, produzindo forte impacto nos setores da economia ligados ao consumo das famílias.

Gráfico 3 – Indicador de mobilidade Google Mobility^{1/} – MM7D% (até 12/fev)



1/ BR_ex_N construído a partir da agregação das séries NE, CO, SE e S.

Na mesma esteira, o índice de isolamento social no Amazonas produzido pelo Inloco alcançou 50% na média móvel de sete dias até 12 de fevereiro, 7 p.p. maior do que o registrado na região (ex-AM) no mesmo período. No final de janeiro de 2021, o índice ficou acima do que o estado registrara no pico da pandemia em abril e maio de 2020.

Gráfico 4 – Indicador de isolamento Inloco – MM7D% (até 12/fev)

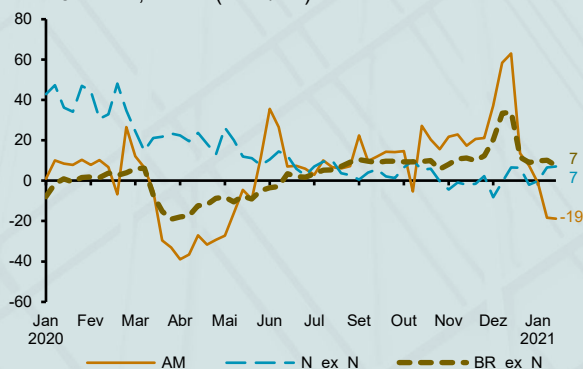


Informações sobre o consumo de energia elétrica comercializado no mercado livre, disponibilizadas pela Câmara de Comercialização de Energia Elétrica (CCEE), permitem acompanhamento mais tempestivo do desempenho do setor industrial^{1/}. Ao longo do segundo semestre de 2020, a indústria amazonense vinha em ritmo de recuperação das perdas ocorridas no período, até então, mais crítico da pandemia. Entretanto, com o agravamento da crise sanitária ao final do ano, houve limitação do período de operação de plantas industriais de setores não essenciais. Dados do consumo de energia pela indústria de transformação mostram

1/ Ver box “Consumo de energia como proxy da atividade industrial” no Boletim Regional de julho/2020.

forte recuo a partir de janeiro de 2021, acumulando retração de 19% na média móvel de cinco dias úteis até 7 de fevereiro, em relação ao mesmo período de 2020.

Gráfico 5 – Consumo da indústria de transformação – MM5D úteis, YoY% (até 7/fev)

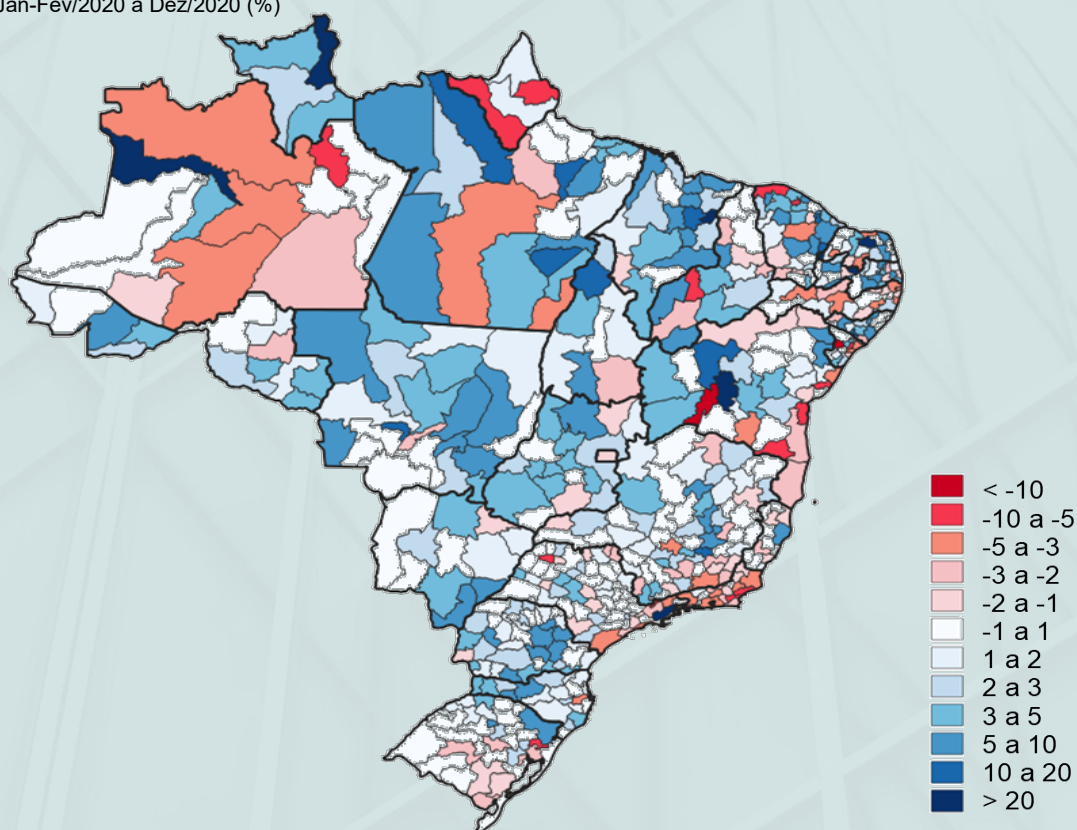


Em resumo, os indicadores de alta frequência sugerem que a contração econômica ocorrida em janeiro no Amazonas tem magnitude similar à observada em abril de 2020 e que sinais de acomodação em patamar ainda baixo aparecem a partir da segunda semana de fevereiro. Dadas as dinâmicas distintas de evolução da Covid-19 nos estados brasileiros, o caso do Amazonas sinaliza os possíveis impactos de um agravamento severo da epidemia em outras regiões.

Covid-19, políticas de combate à crise e a recuperação desigual do emprego formal

O índice de emprego formal, calculado dessazonalizado pelo Banco Central a partir de dados do Ministério da Economia, retornou em dezembro de 2020 ao nível observado no período pré-pandemia (média de janeiro e fevereiro). Regionalmente, a maior expansão ocorreu no Norte, 2,7%, onde o crescimento foi disseminado em todas as unidades da federação. Em sentido contrário, no Sudeste a queda alcançou 0,8% (Rio de Janeiro -3,9%). Considerando a atipicidade do ano por conta da pandemia¹, este boxe investiga a variedade de comportamento do emprego formal nas microrregiões brasileiras¹. Dentre os fatores associados a tais diferenças estão os relacionados à pandemia ou à estrutura produtiva local e às políticas públicas.

Figura 1 – Índice de Emprego Formal
Jan-Fev/2020 a Dez/2020 (%)



Fonte: Ministério da Economia/Novo Caged

No que diz respeito à Covid-19, a crise sanitária teve intensidade e duração própria em cada região, com impactos na restrição de circulação de pessoas e/ou na adoção de medidas de suspensão de atividades econômicas. Nesse ambiente, as políticas públicas adotadas – sobretudo os programas de transferência de renda e os de acesso a crédito², com ênfase no Auxílio Emergencial (AE) e no crédito às micro, pequenas e médias empresas – contribuíram para conter a retração da atividade econômica.

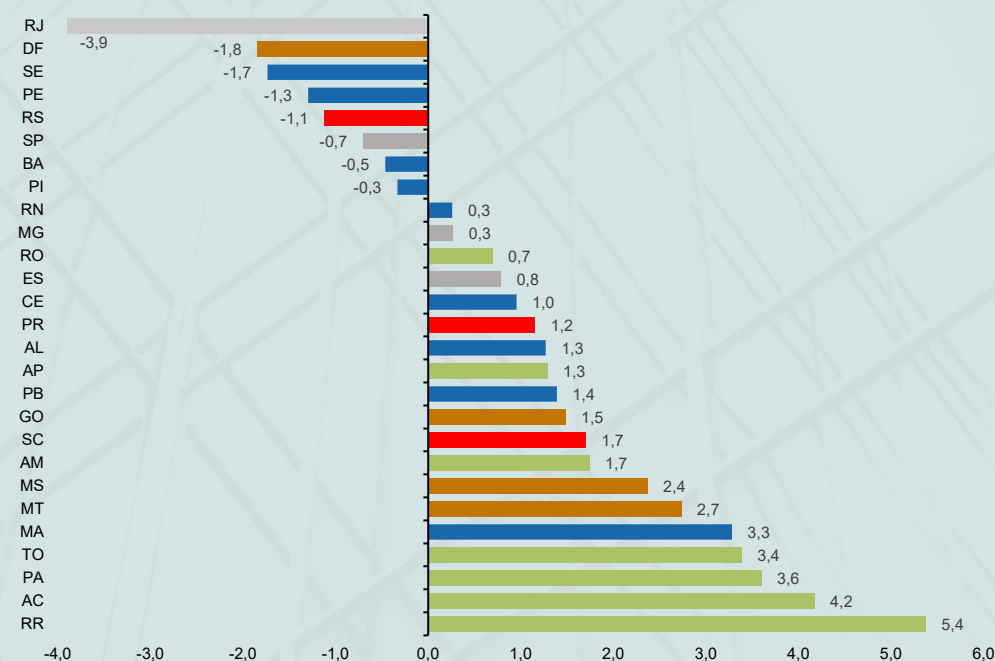
1/ Usa-se o critério do IBGE.

2/ Outras medidas como o Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e da Renda (Pemer), que permitiu a suspensão dos contratos de trabalho e a redução do salário e jornada, não foram contempladas nesse boxe devido à ausência de dados regionais.

Gráfico 1 – Índice de Emprego Formal

Jan-Fev/2020 a Dez/2020

(%)



Fonte: Ministério da Economia/ Novo Caged

As estruturas produtivas locais têm relação com o comportamento do emprego, haja vista que algumas atividades – em especial aquelas exercidas em ambiente de maior contato social e/ou que não podem ser executadas remotamente – foram mais penalizadas pelo distanciamento social. Dessa maneira, seriam mais atingidas regiões onde a participação de setores mais sensíveis ao distanciamento é maior. Para investigar essa possibilidade, os setores foram agrupados em atividades sociais³ e regulares⁴, conforme Kaplan, Moll e Violante (2020)⁵. Observa-se, para o país, menor retração do grupo de atividades regulares no início da pandemia, seguida por recuperação mais rápida.

Gráfico 2 – Óbitos novos por Covid-19

Por milhão de habitantes, média móvel de sete dias

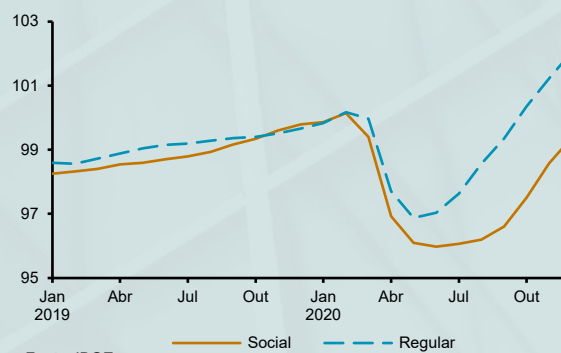


Fonte: Ministério da Saúde

Gráfico 3 – Índice de Emprego Formal – Brasil

Dados dessazonalizados

Jan-Fev/2020 = 100



Fonte: IBGE

3/ Correspondem a comércio, transporte, armazenagem e correio, alojamento e alimentação, atividades imobiliárias, atividades administrativas e serviços complementares, educação, saúde e serviços sociais, artes, cultura, esportes e recreação, outras atividades de serviços e serviços domésticos.

4/ Correspondem a agropecuária, indústria extrativa e de transformação, serviços industriais de utilidade pública (SIUP), construção civil, informação e comunicação, atividades financeiras e atividades profissionais, científicas e técnicas, administração pública e organismos internacionais.

5/ *The Great Lockdown and the Big Stimulus. Tracing the Pandemic Possibility Frontier From the US. NBER Working Paper Series. 2020.*

Para analisar essas relações, o modelo básico utilizado foi:

$$\Delta Emprego = \alpha + \beta_1 Covid + \beta_2 AE + \beta_3 Crédito + \beta_4 Regular + u$$

em que $\Delta Emprego$ corresponde à variação percentual do índice de emprego formal dessazonalizado (dezembro ante a média de janeiro e fevereiro), $Covid$ representa o total de mortes por coronavírus por milhão de habitantes até dezembro (dados do Ministério da Saúde), AE é o peso do Auxílio Emergencial⁶ na renda familiar⁷, $Crédito$ é a soma do saldo de Pronampe⁸ e PEAC⁹ em relação ao PIB e $Regular$ é o peso das atividades regulares no total do emprego (Rais).

A regressão foi estimada pelo método de mínimos quadrados ponderados e os coeficientes são significantes aos níveis usuais e têm o sinal esperado. Para verificar a robustez, os resultados foram comparados com os obtidos em especificações que incluem *dummies* de região e de Unidade da Federação (UF). Os sinais dos coeficientes foram todos mantidos e, na maioria dos casos, a magnitude dos coeficientes é similar entre os modelos com ou sem *dummies*. Mesmo assim, ressalta-se que o presente exercício não é uma avaliação formal ou completa dos efeitos das políticas econômicas do período, o que foge do escopo do presente trabalho e requer mais informações e o uso complementar de outras metodologias.

Tabela 1 – Regressões

Variáveis	Modelo 1	Modelo 2	Modelo 3
Covid	-0,123	-0,172	-0,109
Erro padrão	0,059	0,054	0,048
AE	5,882	4,409	2,896
Erro padrão	1,239	1,739	1,772
Crédito	59,572	56,028	17,952
Erro padrão	24,090	22,338	20,632
Regular	4,282	3,323	3,341
Erro padrão	1,512	1,485	1,563
Dummies de Região	Não	Sim	Não
Dummies de UF	Não	Não	Sim
R2	0,20	0,26	0,37
Número de observações	558	558	558

A variável dependente e as explicativas estão relacionadas linearmente através dos coeficientes da regressão associados a elas.¹⁰ Na sequência, realizam-se exercícios de sensibilidade do emprego, utilizando os resultados do Modelo sem *dummies*, em relação às diferentes variáveis através da seguinte estratégia: i) para cada variável, a população é ordenada e então segmentada em dez partes de mesmo número de pessoas (decis); ii) para cada variável explicativa encontra-se seu valor médio dentro de cada decil; iii) para obter o impacto na variação do emprego, multiplica-se o coeficiente pelo valor obtido da variável explicativa obtido da etapa acima.

6/ Utilizou-se o valor do total desembolsado da primeira parcela.

7/ A renda de 2019 foi construída em três etapas. Primeiramente o rendimento de todos os trabalhos mais os rendimentos ex-trabalho (aposentadoria, auxílios, rendimentos de outras fontes) foram obtidos no Censo 2010 para cada município. Em seguida o valor de cada município foi evoluído até 2017 pelo crescimento da renda nacional disponível bruta das famílias, obtidas nas Contas Econômicas Integradas (CEI do IBGE). Finalmente, a evolução da renda de 2017 a 2019 foi feita com o valor nominal do consumo das famílias, obtido nas Contas Nacionais Trimestrais (CNT do IBGE).

8/ Programa Nacional de Apoio às Microempresas e Empresas de Pequeno Porte. O saldo total das operações em dezembro atingiu R\$92 bilhões.

9/ Programa Emergencial de Acesso a Crédito. Saldo de R\$35 bilhões em dezembro.

10/ Os resultados da regressão devem ser interpretados com cautela devido à possível ausência de variáveis explicativas relevantes e/ou da influência de efeitos de vizinhança (em parte o desempenho da região poderia depender do comportamento das regiões próximas). Caso a hipótese de exogeneidade das variáveis explicativas não seja válida, os coeficientes estimados não devem ser interpretados como efeitos causais.

Para uma microrregião em que todas as variáveis explicativas se encontrem em suas medianas (considerado o ponto de referência nesse exercício), o modelo indica que a variação esperada do emprego no período de interesse é -0,2% (Gráficos 4 a 7). Para avaliar o reflexo da epidemia, o Gráfico 4 traz a informação de qual a variação esperada do emprego para uma microrregião hipotética em que o valor de mortes por coronavírus por milhão de habitantes se altere para a média de algum decil enquanto as demais variáveis explicativas ficam inalteradas. Dessa forma, obtém-se que microrregiões mais atingidas pela epidemia tiveram maior contração do emprego. Aquela com valor de mortes por Covid-19 igual à média do oitavo decil teria variação do emprego de -0,6%, ante -0,2% para a referência. Considerada a média do décimo decil, o impacto estimado no emprego foi -1,1%, 0,9 p.p. pior do que no caso da situação mediana.

No que se refere às políticas públicas, AE e os programas de crédito às empresas estão positivamente associados à criação de emprego segundo o modelo (Gráficos 5 e 6). Apesar do efeito marginal das variáveis ser constante, pois os coeficientes da regressão são lineares, uma microrregião que esteja no último decil em termos de recebimento do AE apresentaria crescimento do emprego formal de 2,5% (2,7 p.p. acima da referência), refletindo participação significativamente maior do auxílio na renda nas localidades mais beneficiadas (Tabela 1). Quanto à estrutura produtiva, o modelo aponta que a composição do emprego (maior participação de atividades regulares em detrimento das sociais) foi acompanhada pela expansão do emprego formal de 0,2% no oitavo decil e 0,9% no último.

Gráfico 4 – Variação do emprego em relação aos óbitos por Covid-19

Variação percentual dos decis

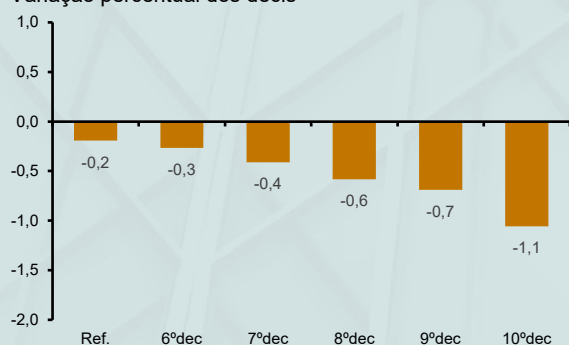


Gráfico 5 – Variação do emprego em relação ao auxílio emergencial

Variação percentual dos decis

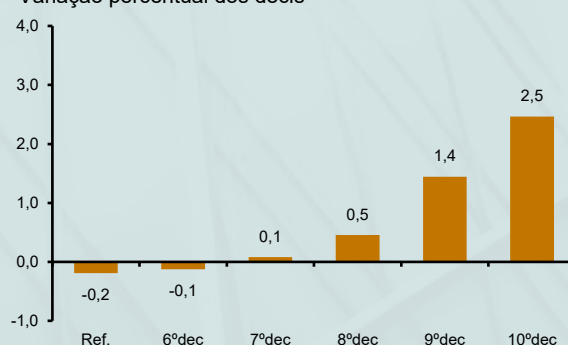


Gráfico 6 – Variação do emprego em relação ao crédito

Variação percentual dos decis

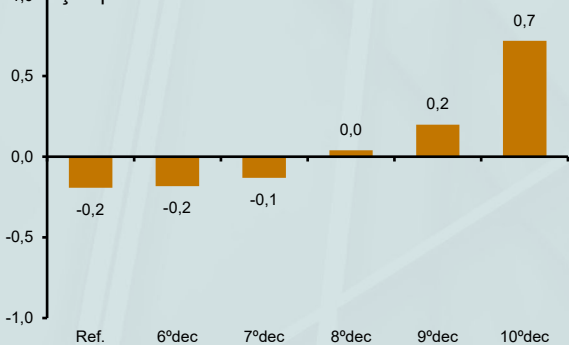
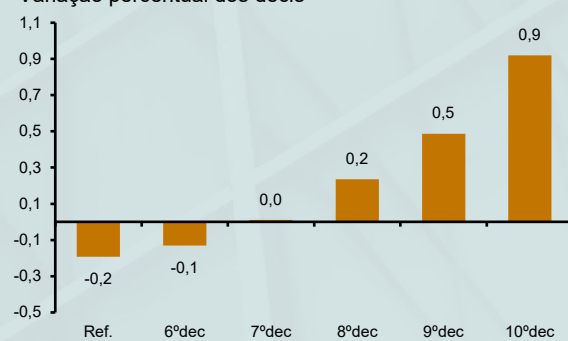


Gráfico 7 – Variação do emprego em relação a estrutura produtiva

Variação percentual dos decis



O Gráfico 8¹¹ apresenta uma visualização alternativa dos resultados, da regressão estimada sem *dummies* geográficas, agregados no nível de unidades da federação. Nele a variação do emprego em cada UF é decomposta em componentes associados a cada variável explicativa e em uma parcela não explicada pelo modelo (resíduo). A contribuição do fator associado ao AE é maior nos estados do Norte e Nordeste do que nos estados das demais regiões e relativamente homogênea entre as UFs dessas duas regiões. Já a estrutura produtiva local menos baseada em atividades que exigem maior contato social e os programas

11/ A soma das colunas não iguala a variação do emprego, pois o componente referente à constante do modelo foi omitido.

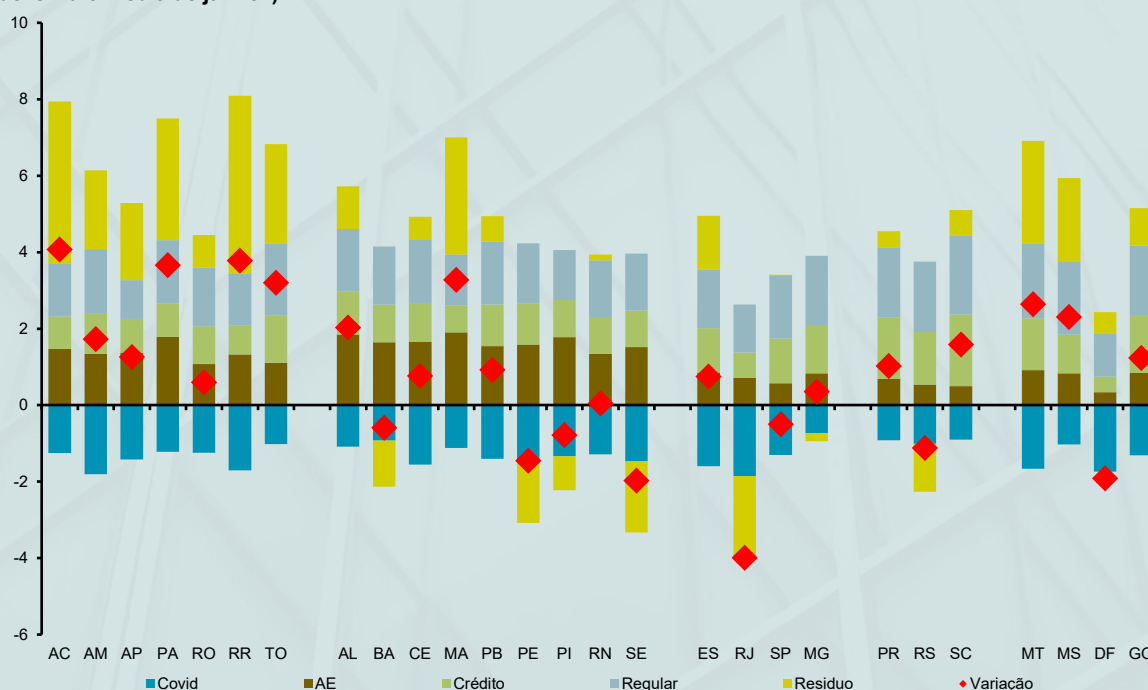
de crédito tiveram maior participação na decomposição do crescimento do emprego nos estados do Sul. Ademais, observa-se que o crescimento do emprego foi maior que o previsto pelo modelo por uma magnitude relevante para a maioria das UFs da região Norte.

Tabela 2 – Média dos Decis

	Covid	AE ^{1/}	Crédito	Regular
Referência	922	15	1,8	37
6º decil	982	16	1,8	39
7º decil	1 100	19	1,9	42
8º decil	1 239	26	2,2	47
9º decil	1 324	43	2,5	53
10º decil	1 625	60	3,4	63

1/ Auxílio emergencial.

Gráfico 8 – Decomposição da variação do emprego (dezembro/média de jan-fev)



Em síntese, o exercício realizado nesse *boxe* sugere que fatores relacionados à pandemia, políticas públicas e a estrutura setorial do emprego ajudam a explicar as diferenças regionais de geração de emprego formal em 2020. Contudo, os resultados da regressão devem ser interpretados com cautela, pois podem existir outras variáveis que explicam a diferença do emprego formal entre microrregiões e que não puderam ser incluídas no modelo, por indisponibilidade de dados ou por não serem observáveis. Dessa forma, convém ressaltar que esse *boxe* não deve ser visto como uma avaliação formal das políticas econômicas adotadas em 2020 e que os coeficientes estimados podem refletir apenas correlações, em vez de relações de causa e efeito.

Dinâmica das exportações regionais em 2020

O saldo da balança comercial em 2020 superou em US\$2,9 bilhões o resultado de 2019, com diminuição mais intensa nas importações do que nas exportações, em contexto de enfraquecimento das demandas doméstica e externa impactadas pela pandemia da Covid-19 e depreciação do Real. As exportações apresentaram relativa resiliência¹, notadamente por conta do bom desempenho das vendas de produtos básicos, preponderantemente direcionados à China, o que resultou na ampliação dos *superávits* comerciais das regiões Norte e Centro-Oeste. Em sentido contrário, houve queda significativa no grupo dos manufaturados (Tabela 1), impactando nos resultados comerciais das regiões Sudeste e Sul. Nesse contexto, este box avalia as exportações em 2020, ressaltando os produtos responsáveis pelo comportamento das vendas externas em âmbito regional.

Tabela 1 – Evolução das exportações por fator agregado – Brasil e regiões

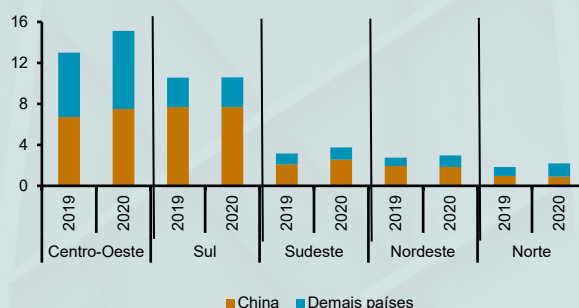
	US\$ bilhões											
	Brasil		Norte		Nordeste		Centro-Oeste		Sudeste		Sul	
	2019	2020	2019	2020	2019	2020	2019	2020	2019	2020	2019	2020
Básicos	119,0	119,7	17,9	20,7	5,3	5,8	24,9	27,3	47,4	44,6	21,9	20,6
Semimanufaturados	28,4	29,3	1,3	1,5	4,8	4,4	4,2	4,2	13,9	15,6	4,2	3,5
Manufaturados ^{1/}	77,9	60,8	2,3	2,4	6,7	6,0	0,6	0,8	50,2	36,8	17,9	14,5

Fonte: Ministério da Economia

1/ Inclui: Transações Especiais e Consumo de Bordo.

A evolução das vendas externas de básicos acentuou a prevalência da categoria na cesta exportadora brasileira (Tabela 1). O crescimento das vendas de soja foi disseminado em todas as regiões (Gráfico 1), destacadamente no Centro-Oeste e Sudeste. O comportamento foi impulsionado pela safra recorde no ano e pela forte demanda internacional, o que repercutiu na disponibilidade interna do produto e impactou os preços ao consumidor.

Gráfico 1 – Exportações regionais de produtos do complexo soja para China e demais países
US\$ bilhões



Fonte: Ministério da Economia

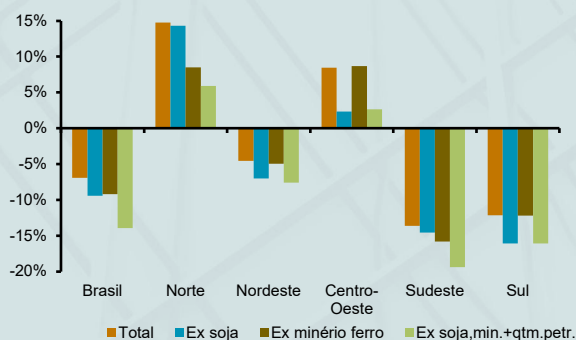
Ainda no grupo dos básicos, as vendas externas de minério de ferro, concentradas na região Norte, também registraram crescimento significativo, repercutindo aumento dos preços internacionais da *commodity*, contrapondo à queda no volume exportado. A participação da China nas exportações nacionais do produto passou de 59,6%, em 2019, para 71,8%, em 2020. Por sua vez, as exportações de óleos brutos de petróleo, concentradas na região Sudeste e majoritariamente demandadas pela China, registraram significativo recuo em valor, como efeito dos preços internacionais mais baixos, apesar da evolução positiva no *quantum* exportado.

1/ Ver box "Resiliência das exportações brasileiras na pandemia", no Relatório de Inflação de dezembro de 2020.

O Gráfico 2 ilustra três cenários contrafactuais para as exportações. O primeiro deles mostra o comportamento das vendas externas excluindo os produtos que compõem o complexo soja da pauta em 2019 e 2020. Nesse cenário hipotético, a queda de US\$15,6 bilhões nas exportações brasileiras teria sido de US\$18,2 bilhões, com maior impacto na região Centro-Oeste. O segundo cenário apresenta as exportações desconsiderando o minério de ferro, o que provocaria diminuição de US\$18,6 bilhões nas vendas externas, notadamente no Norte, que ainda assim registraria crescimento das exportações. Já no terceiro cenário, além do complexo soja e do minério de ferro, também foi excluída a variação do volume de óleos brutos de petróleo, considerando assim o *quantum* exportado em 2019 e o preço de 2020. Nesse último cenário, com maior impacto no Sudeste, a exclusão dos produtos provocaria redução de US\$23,7 bilhões nas exportações brasileiras.

Gráfico 2 – Valor das exportações

Var.% interanual (2020 x 2019)

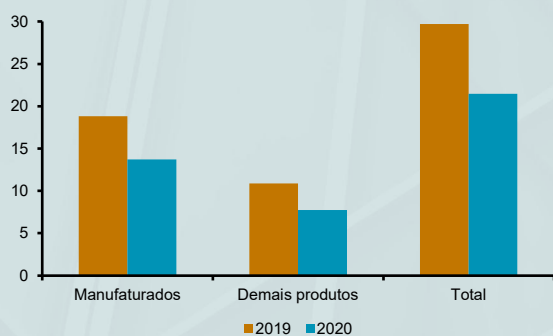


Fonte: Ministério da Economia

Outro item de destaque comercial, o açúcar de cana em bruto (semimanufaturado), com exportações concentradas na região Sudeste, apresentou crescimento no valor exportado, com ênfase no aumento do *quantum*. O comportamento resultou sobretudo da maior destinação da cana-de-açúcar para produção do item, reflexo da queda na demanda interna por etanol causada pela pandemia da Covid-19.

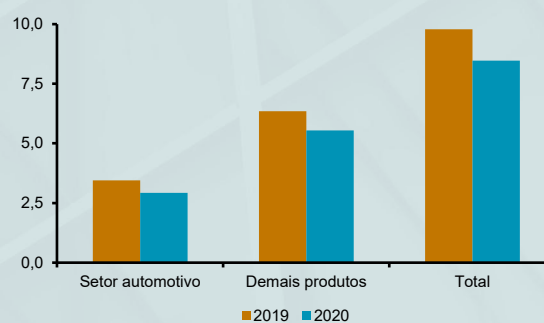
Entre as exportações de produtos manufaturados, impactadas notadamente pela desaceleração econômica mundial causada pela pandemia, merecem destaques as retrações nas vendas de aviões e máquinas e aparelhos para terraplanagem, concentradas no Sudeste, sobretudo destinadas aos Estados Unidos (Gráfico 3). Recuaram também as vendas externas de automóveis de passageiros, com ênfase na retração do volume, destinadas especialmente para a Argentina (Gráfico 4), mais intensamente no Sudeste, Sul e Nordeste. Em 2020, Estados Unidos e Argentina absorveram, na ordem, US\$5,1 bilhões e US\$1,3 bilhão a menos de produtos manufaturados brasileiros em relação a 2019.

Gráfico 3 – Exportações para Estados Unidos
US\$ bilhões



Fonte: Ministério da Economia

Gráfico 4 – Exportações para Argentina
US\$ bilhões



Fonte: Ministério da Economia

Em linhas gerais, as exportações apresentaram relativa resiliência em 2020, impulsionadas pela evolução das vendas de produtos básicos. Destacaram-se os bons desempenhos da soja (via aumento de *quantum*), notadamente na região Centro-Oeste, e do minério de ferro (via alta de preço), no Norte. As exportações de manufaturados diminuíram, reflexo da desaceleração econômica mundial causada pela pandemia da Covid-19, impactando sobretudo os resultados das regiões Sudeste e Sul.

Concentração das exportações brasileiras por país de destino: Uma abordagem regional

As exportações, componente relevante para a compreensão das flutuações da atividade econômica¹ cujo crescimento médio foi 2,9% a.a. entre 2010 e 2020, têm demonstrado resiliência frente às restrições econômicas advindas da pandemia². Tal evolução é acompanhada por mudanças de composição tanto da pauta – com os produtos básicos assumindo o primeiro lugar em detrimento dos manufaturados – quanto de parceiros comerciais, destacando-se a China, que se consolidou como principal destino dos produtos brasileiros³. Consta-se, também, que o ritmo dessas alterações variou entre as regiões do Brasil. Nesse contexto, o presente boxe analisa o comportamento do índice de concentração de exportações por país de destino (IHH)⁴ em âmbito regional.

A comparação internacional mostra o Brasil em posição intermediária⁵ no que se refere à diversificação de parceiros comerciais de acordo com os dados do *World Integrated Trade Solution*⁶. De maneira geral, observa-se tendência de elevação da concentração⁷ na maioria dos países, mas o aumento no Brasil foi mais intenso do que a média (Gráfico 1).

Nas regiões brasileiras, nota-se o aumento generalizado da participação da China como destino das exportações (Gráfico 2), o que contribuiu para que o IHH registrasse elevação em todas as regiões em 2020 comparativamente a 2010. De modo a isolar o impacto da China no cálculo do IHH, calculou-se também o indicador sem a China (IHHsc).

1/ O boxe “Importância dos componentes da demanda para as atividades mercantis”, do Relatório de Inflação de junho de 2019, apontou a relevância das exportações para o crescimento da economia, em especial, da indústria de transformação.

2/ O boxe “Resiliência das exportações brasileiras na pandemia”, do Relatório de Inflação de dezembro de 2020, evidenciou que a composição da pauta e a participação significativa da China entre os destinos das vendas, bem como a desvalorização cambial ao longo do ano, ajudam a explicar a relativa resiliência das exportações brasileiras em 2020.

3/ Ver Relatório de Inflação de março de 2019, boxe “Evolução da pauta exportadora brasileira e seus determinantes.”

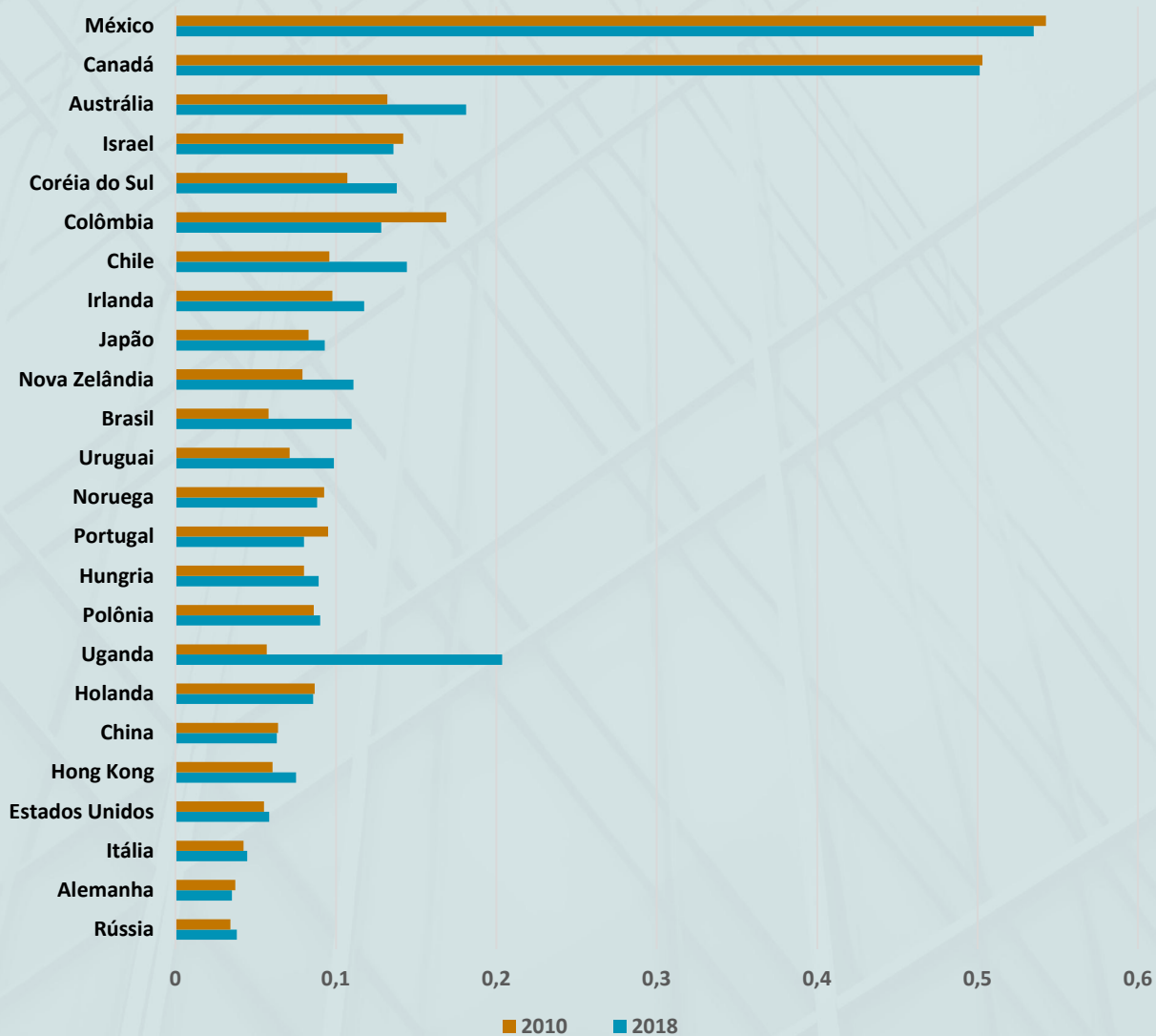
4/ O índice de concentração de exportações por país de destino refere-se ao Índice Herfindahl-Hirschman definido como: $IHH = \frac{\sum_{i=1}^n (x_i/X)^2}{n}$, onde n é o número de parceiros comerciais, x_i o valor das exportações para o parceiro comercial “ i ” e $X = \sum_{i=1}^n x_i$ valores mais altos do índice, cujo máximo é 1, indicam maior concentração das vendas externas do país por destinos.

5/ De 130 países com dados disponíveis em 2018, o Brasil se encontrava em 58º lugar.

6/ Plataforma para análise de dados de comércio internacional desenvolvida em parceria pelo Banco Mundial, Conferência das Nações Unidas sobre o Comércio e o Desenvolvimento (UNCTAD), Divisão Estatística das Nações Unidas (UNSD) e Organização Mundial do Comércio (OMC).

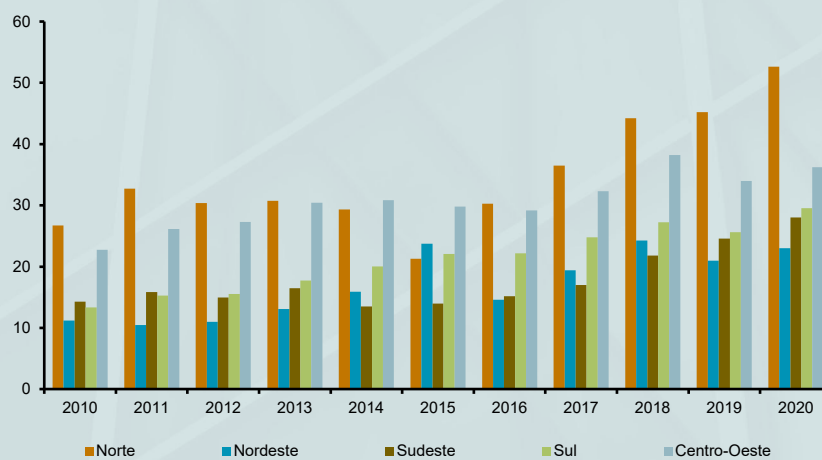
7/ De 2010 a 2018, último dado disponível.

Gráfico 1 – Índice de concentração das exportações (IHH)



Fonte: World Integrated Trade Solution

Gráfico 2 – Participação da China nas exportações



Fonte: Ministério da Economia

O IHH do Norte apresenta o maior grau de concentração em 2020, tendo registrado o maior crescimento entre 2010 e 2020. Destacaram-se ganhos de participação⁸ da Malásia (sobretudo minério de ferro) e Hong Kong (carnes), Tabela 1. Em sentido contrário, os três países com maior retração na participação das vendas externas foram Japão e Alemanha (menores compras de minério de ferro) e Venezuela (carnes). O IHHsc apresentou tendência de relativa redução ao longo do período, evidenciando distribuição mais igualitária entre os demais países de destino.

Gráfico 3 – Índice de concentração das exportações do Norte

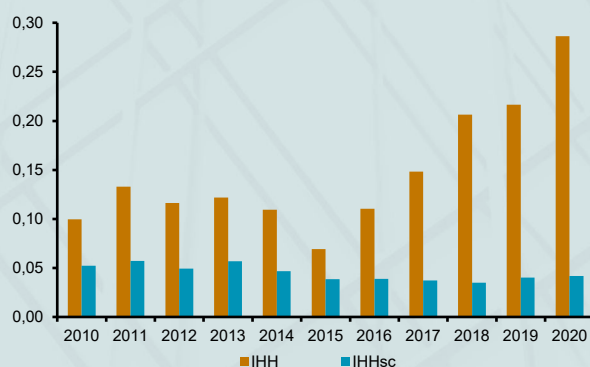


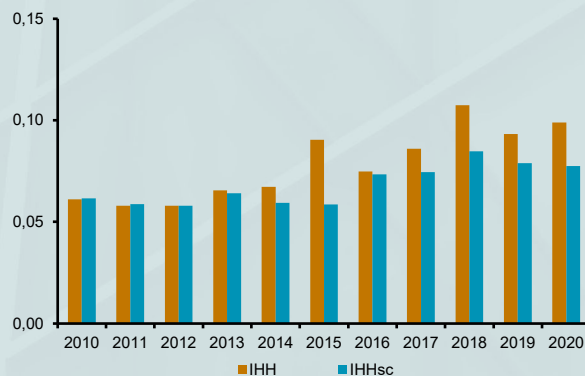
Tabela 1 – Parceiros comerciais que mais ganharam/perderam participação nas exportações do Norte

Parceiros	2010		2020	
	Participação	Posição	Participação	Posição
China	26,7%	1	52,6%	1
Malásia	0,0%	59	5,7%	2
Hong Kong	0,7%	25	1,6%	10
Alemanha	5,7%	4	2,8%	4
Venezuela	5,2%	5	1,4%	12
Japão	9,3%	2	3,2%	3

Fonte: Ministério da Economia

No Nordeste, o IHH registra o menor valor dentre as regiões. Observou-se aumento de participação do Canadá e estabilidade nas aquisições dos Estados Unidos, Tabela 2. Por outro lado, dois importantes parceiros comerciais, Holanda e Japão, que, conjuntamente, adquiriam 10,2% das exportações nordestinas, diminuíram suas participações. O IHHsc também aumentou no período, demonstrando que houve crescimento na concentração de outros países como parceiros, sobressaindo, além dos citados anteriormente, Cingapura, com combustíveis. A região apresentou a menor diferença entre o IHH e o IHHsc, confirmando a menor importância relativa da China na região.

Gráfico 4 – Índice de concentração das exportações do Nordeste



8/ O aumento da participação da China, generalizado nas regiões, já foi comentado no texto e, portanto, não será repetido na análise mais detalhada de cada região.

Tabela 2 – Parceiros comerciais que mais ganharam/perderam participação nas exportações do Nordeste

Parceiros	2010		2020	
	Participação	Posição	Participação	Posição
China	11,2%	2	23,0%	1
Canadá	1,7%	18	7,5%	4
EUA	15,3%	1	15,1%	2
Argentina	9,6%	3	5,4%	5
Holanda	6,2%	4	3,8%	6
Japão	4,0%	5	0,8%	20

Fonte: Ministério da Economia

Para a região Sudeste, destaque para o aumento da participação dos Estados Unidos e do Uruguai, entre 2010 e 2020. Em sentido contrário, a Argentina reduziu as compras do setor automobilístico e o Japão, de minérios de ferros e seus concentrados. O IHH e o IHHsc da região apresentaram crescimentos no período de análise, sendo observada retração do IHHsc de 2019 para 2020, em grande parte pela retração de 35,1% de vendas aos Estados Unidos entre 2019 e 2020.

Gráfico 5 – Índice de concentração das exportações do Sudeste

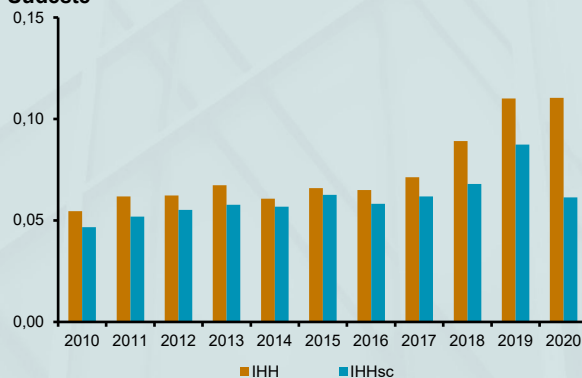


Tabela 3 – Parceiros comerciais que mais ganharam/perderam participação nas exportações do Sudeste

Parceiros	2010		2020	
	Participação	Posição	Participação	Posição
China	14,3%	1	28,0%	1
EUA	10,9%	2	14,7%	2
Uruguai	0,7%	32	0,8%	26
Venezuela	1,6%	15	0,1%	60
Japão	3,2%	6	1,4%	15
Argentina	10,4%	3	5,3%	3

Fonte: Ministério da Economia

O Sul apresenta elevação do IHH, com aumento da importância dos Estados Unidos (maiores vendas de produtos de madeira) e redução da participação de Argentina, Alemanha e Holanda. O IHHsc registrou relativa estabilidade ao longo do período de análise, com os menores valores entre as regiões, reforçando cenário de exportações mais distribuídas entre os países.

O Centro-Oeste se assemelha ao Norte, com IHH elevado e crescente, e IHHsc próximo a média nacional e estável, o que evidencia a grande participação da China como destino das exportações. Houve tendência de aumento das vendas para o Vietnã e a Turquia e, em sentido oposto, redução na importância da Holanda e da Rússia.

Gráfico 6 – Índice de concentração das exportações do Sul

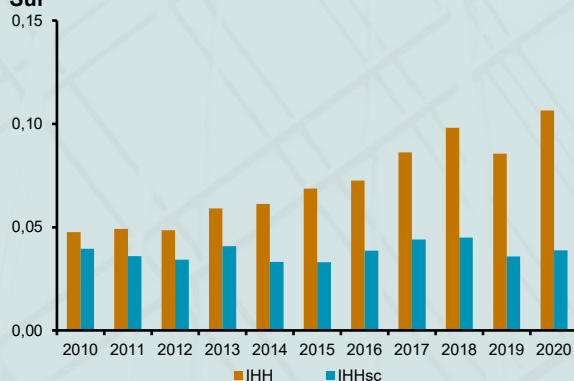


Tabela 4 – Parceiros comerciais que mais ganharam/perderam participação nas exportações do Sul

Parceiros	2010		2020	
	Participação	Posição	Participação	Posição
China	13,3%	1	29,5%	1
EUA	7,2%	3	9,3%	2
Chile	1,9%	13	2,4%	6
Holanda	5,0%	4	2,8%	4
Alemanha	4,7%	5	1,5%	15
Argentina	10,4%	2	5,5%	3

Fonte: Ministério da Economia

Gráfico 7 – Índice de concentração das exportações do Centro-Oeste

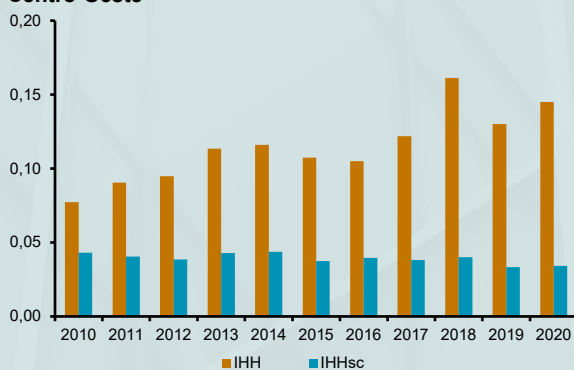


Tabela 5 – Parceiros comerciais que mais ganharam/perderam participação nas exportações do Centro-Oeste

Parceiros	2010		2020	
	Participação	Posição	Participação	Posição
China	22,7%	1	36,2%	1
Vietnã	1,0%	25	4,2%	4
Turquia	0,4%	34	2,9%	7
Venezuela	2,2%	14	0,3%	38
Rússia	4,7%	4	0,9%	27
Holanda	9,5%	2	4,4%	2

Fonte: Ministério da Economia

Em síntese, nos últimos onze anos, houve aumento de concentração das exportações em todas as regiões, impulsionado por maiores compras da China. Tal resultado sugere, de forma generalizada, maior influência da evolução da atividade econômica chinesa sobre as vendas externas brasileiras, principalmente para as regiões Norte e Centro-Oeste. Quando excluída a China da análise, observa-se aumento da concentração no destino das exportações apenas no Nordeste e Sudeste.

Apêndice

Banco Central do Brasil

Representações Regionais do Departamento Econômico do Banco Central do Brasil

Banco Central do Brasil

Presidente

Roberto Oliveira Campos Neto

Diretor de Política Econômica

Fabio Kanczuk

Chefe do Departamento Econômico

Ricardo Sabbadini

Representações Regionais do Departamento Econômico

Coordenação Regional do Nordeste

Núcleo da Coordenação Regional do Nordeste na Bahia

Núcleo da Coordenação Regional do Nordeste no Ceará

Coordenação Regional do Norte e Sul

Núcleo da Coordenação Regional do Norte e Sul no Pará

Núcleo da Coordenação Regional do Norte e Sul no Paraná

Coordenação Regional do Sudeste

Núcleo da Coordenação Regional do Sudeste em Minas Gerais

Núcleo da Coordenação Regional do Sudeste no Rio de Janeiro

Representações Regionais do Departamento Econômico do Banco Central do Brasil

Coordenação Regional do Nordeste

Rua da Aurora, 1259 – Santo Amaro
Caixa Postal 1.445
50040-090 – Recife (PE)
E-mail: pe.depec@bcb.gov.br

Núcleo da Coordenação Regional do Nordeste na Bahia

Av. Anita Garibaldi, 1.211 – Ondina
Caixa Postal 44
40210-901 – Salvador (BA)
E-mail: ba.depec@bcb.gov.br

Núcleo da Coordenação Regional do Nordeste no Ceará

Av. Heráclito Graça, 273 – Centro
Caixa Postal 891
60140-061 – Fortaleza (CE)
E-mail: ce.depec@bcb.gov.br

Coordenação Regional do Norte e Sul

Rua 7 de setembro, 586 – Centro
Caixa Postal 919
90010-190 – Porto Alegre (RS)
E-mail: rs.depec@bcb.gov.br

Núcleo da Coordenação Regional do Norte e Sul no Pará

Boulevard Castilhos França, 708 – Centro
Caixa Postal 651
66010-020 – Belém (PA)
E-mail: pa.depec@bcb.gov.br

Núcleo da Coordenação Regional do Norte e Sul no Paraná

Av. Cândido de Abreu, 344 – Centro Cívico
Caixa Postal 1.408
80530-914 – Curitiba (PR)
E-mail: pr.depec@bcb.gov.br

Coordenação Regional do Sudeste

Av. Paulista, 1804 – Bela Vista
Caixa Postal 8.984
01310-922 – São Paulo (SP)
E-mail: gtspa.depec@bcb.gov.br

Núcleo da Coordenação Regional do Sudeste em Minas Gerais

Av. Álvares Cabral, 1.605 – Santo Agostinho
Caixa Postal 887
30170-001 – Belo Horizonte (MG)
E-mail: mg.depec@bcb.gov.br

Núcleo da Coordenação Regional do Sudeste no Rio de Janeiro

Av. Presidente Vargas, 730 – Centro
Caixa Postal 495
20071-900 – Rio de Janeiro (RJ)
E-mail: rj.depec@bcb.gov.br

Siglas

a.a.	Ao ano
AE	Auxílio emergencial
Caged	Cadastro Geral de Empregados e Desempregados
CCEE	Câmara de Comercialização de Energia Elétrica
CEI	Contas Econômicas Integradas
CIP	Câmara Interbancária de Pagamentos
CNC	Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo
CNI	Confederação Nacional da Indústria
CNT	Contas Nacionais Trimestrais
Conab	Companhia Nacional de Abastecimento
Cotepe	Comissão Técnica Permanente do ICMS
Covid-19	Doença Coronavírus
Depec	Departamento Econômico
Fenabrave	Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores
FGI	Fundo Garantidor de Investimentos
FGO	Fundo de Garantia de Operações
Fieam	Federação das Indústrias do Estado do Amazonas
Fiec	Federação das Indústrias do Estado do Ceará
Fiepe	Federação das Indústrias do Estado de Pernambuco
Fundeb	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação
IBC-Br	Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil
IBCR	Índice de Atividade Econômica Regional
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICC	Índice de Confiança do Consumidor
Icec	Índice de Confiança do Empresário do Comércio
Icei	Índice de Confiança do Empresário Industrial
ICF	Intenção de Consumo das Famílias
ICMS	Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços
IEF	Índice das Expectativas Futuras dos Consumidores
IGP-DI	Índice Geral de Preços – Disponibilidade Interna
IHH	Índice de Herfindahl-Hirschman
INSS	Instituto Nacional do Seguro Social
IPCA	Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo
Ipece	Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará
LSPA	Levantamento Sistemático da Produção Agrícola
Mapa	Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
Nuci	Nível de utilização da capacidade instalada
OMC	Organização Mundial do Comércio
p.p.	Pontos percentuais
PEAC	Programa Emergencial de Acesso ao Crédito

PEMER	Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e da Renda
PESE	Programa Emergencial de Suporte do Emprego
PF	Pessoa física
PIB	Produto Interno Bruto
PIM	Pesquisa Industrial Mensal
PIM-PF	Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física
PJ	Pessoa jurídica
PMC	Pesquisa Mensal do Comércio
PME	Pequenas e Médias Empresas
PMS	Pesquisa Mensal de Serviços
PNAD Contínua	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua
PNAD COVID19	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – COVID19
Pronampe	Programa Nacional de Apoio às Microempresas e Empresas de Pequeno Porte
RMBH	Região Metropolitana de Belo Horizonte
RMC	Região Metropolitana de Curitiba
RMF	Região Metropolitana de Fortaleza
RMPA	Região Metropolitana de Porto Alegre
RMRJ	Região Metropolitana do Rio de Janeiro
RMS	Região Metropolitana de Salvador
Seab	Secretaria da Agricultura e do Abastecimento do Estado do Paraná
Secovi-SP	Sindicato das Empresas de Compra, Venda, Locação e Administração de Imóveis e dos Condomínios Residenciais e Comerciais em São Paulo
SEI	Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia
SFN	Sistema Financeiro Nacional
SIF	Serviço de Inspeção Federal
SIUP	Serviços Industriais de Utilidade Pública
SLC	Sistema de Liquidação de Cartões
STN	Secretaria do Tesouro Nacional
UF	Unidade da Federação
UNCTAD	Conferência das Nações Unidas sobre o Comércio e o Desenvolvimento
UNSD	Divisão Estatística das Nações Unidas



**BANCO CENTRAL
DO BRASIL**

bcb.gov.br